





202.10.A.27

GEMIDOS POETICOS SOBRE OS TUMULOS,

OU

GARNES EPISTOLARES

DE

Hugo Foscolo, Hyppolito Pindemonte e João Corti,

SOBRE OS SEPULCHROS,

TRADUZIDOS DO ITALIANO

pelto Dr. Luiz Vicente De-Simoni,

COM OUTROS DO MESMO TRADUCTOR

SOBRE A RELIGIÃO DOS TUMULOS,

E SOBRE

OS TUMULOS DO RIO DE JANEIRO.

..... Natura clamat ab ipsa
Vox tumulo.



RIO DE JANEIRO.

1842.

TYP. IMP. E CONST. DE J. VILLENEUVE E COMP.

AOS LEITORES.

Na época em que os efeitos da revolução franceza e o exercito do general Bonaparte, transmontando os Alpes, haviam sublevado o norte da Italia, e estabelecido ali o governo republicano; o enthusiasmo dos povos desse paiz pela liberdade havia tanto engerado as idéas de igualdade entre os homens, que em varias cidades, e especialmente em Verena (4), a suppressão de todas as distincções tinha chegado em todo seu rigor aos cemiterios, nos quaes, qualquer que fosse o enterrado, não podia ter sobre o seu tumulo senão huma simples cruz, sem inscripção, sem campa e sem mausoleo. O merito extraordinario era forçado a confundir-se em *ovae indistinctas* com o vulgar, e mesmo com o crime e a infamia. As idéas de materialismo e o espirito de irreligião dominavam então os animos mais influentes, e o culto dos tumulos parecia aos olhos destes não só inútil como risivel. O que vale a hum morto ter ou não hum cruz, hum inscripção, hum mausoleo, hum estatua sobre o seu tumulo? Tal era a pergunta e o discurso dessa philosophia toda physica, que no homem nada via senão materia organizada, e na vida intellectual e moral, hum mero jogo de phenomenos physico-chimicos; e tudo resol-

via, tudo traduzia pelos principios e linguagem della mesma. Estas idéas, esta pratica, ainda subsistião depois do estabelecimento do reino de Italia por NAPOLEÃO. A alma sublime de HUGO FOSCOLO sentio todo o absurdo e a impiedade revoltante dellas, e o seu coração nobre e generoso, que palpitava pela liberdade e pela patria, consagrando-se a estas, não havia renunciado á virtude, nem abjurado os principios moraes a que ellas estão ligadas. e que constituem as leis naturaes do espirito, e as da sensibilidade especial de que elle he dotado. FOSCOLO, irritado contra esta louca injustiça dos seus concidadãos para com os mortos, resolveu-se a clamar em favor destes, e reivindicar, com a voz divina da poesia, o direito que tem as cinzas delles ao culto dos vivos. Sublime era o seu assumpto, e divina a sua missão: tal foi tambem o canto que sahio da sua lyra, e que produzio o seu celebre *Carme dos Sepulchros*, publicado em Italia em 1806. Comtudo, os animos do povo italiano, e mesmo os da maior parte dos litteratos dessa nação, ainda arrastados e aturdidos no turbilhão dos eventos e das idéas dominantes, pouca attenção haviam dado ao Amphião (2) dos tumulos, cuja lyra harmoniosa vinha levantar das suas ruinas os muros da Thebas dos finados. Foi preciso que o celebre MONTI (3) chamasse com seus louvores a attenção do publico litterato para esses versos, proclamando bello e sublime o canto desse joven poeta, cujo nome e talento não erão mui conhecidos na republica litteraria. Os versos de HUGO FOSCOLO forão então lidos com attenção, e geralmente apreciados, e desde esse momento a reputação do seu autor achou-se feita e geral em toda a Italia, e chegou mesmo além dos Alpes, levada não só por esta, senão tambem por outras produções,

entre as quaes varias tragedias e as celebres *Cartas de Jacopo Ortis* (4). O *Carme dos Sepulchros* de HUGO FOSCOLO não produziu sómente bens para o seu autor, mas também para a sua patria, despertando nos animos da mocidade italiana idéas sublimes de nacionalidade e o gosto de huma nova especie de poesia; e he singular e assignalado na historia o effeito que elle produziu no animo do celebre SILVIO PELLICO (5), que, havia annos, achava-se em Paris quasi submergido e entorpecido nas distracções e nos prazeres voluptuosos, que aquella cidade offerece em tanta abundancia á mocidade. *Este poema*, diz M. DE LATOUR, *foi para elle o escudo de Rinaldo* (9); e lendo-o, diz MARONCELLI, *sentio-se tornar de novo poeta, sim, tornar de novo poeta: elle bem sabia antes que o era.* Eis aqui como o mesmo DE LATOUR conta esse maravilhoso effeito do *Carme* de FOSCOLO sobre o animo de SILVIO. «Agitado, preocupado do que acaba de ler, elle tenta voltar outra vez ao seio do mundo, mas as suas preoccupações ali o seguem. Parece que elle anda procurando huma pronunciação desconhecida em todos os labios; elle julga ver os sepulchros sobre os titulos de todos os livros. Dir-se-hia que acaba de perceber pela primeira vez que a nossa lingua tem certa aspereza, que o nosso céu não tem a pureza transparente dos horizontes italianos. A Italia apodera-se de todos os seus pensamentos, invade toda a sua alma. Todos se admirão e lhe perguntão de que provém esse tresvario fóra de costume, essa tristeza que se lhe não conhece; elle conta então com huma voz commovida, que há do outro lado dos Alpes hum poeta cujos versos causão o mal da nostalgia (a viva saudade da patria). Quer-se conhecer esse poeta, e pergunta-se lhe o seu nome, e o sollicitão a traduzir alguns

versos do mesmo, então o mancebo abre o livro magico, e em huma prosa viva, ardente e colorida, improvisa a traducção de hum pedaço desse poema, e faz passar na alma dos que o escutão o entusiasmo que o anima. Assim falla de SILVIO PELLICO e do poema de FOSCOLO hum escriptor francez, e julgo que, sem ter coração italiano, o mesmo effeito experimentarão em si, os leitores deste paiz capazes de sentir e apreciar as bellezas poeticas do sentimento e do estylo.

Qual será o homem, de qualquer nação que elle seja, que, ao ver com FOSCOLO, nos tumulos do seu paiz, e mesmo nas suas ruinas, lições de patriotismo e de esperança nacional, não sentirá huma consolação interior, e não se encherá de hum santo entusiasmo pela sua propria patria, confiando sempre no porvir, no meio das maiores desgraças? Qual o homem que, lendo o seu canto de Cassandra, não sentirá compenetrar-se de huma melancolia divinica, que, longe de acabunhar o espirito na desolação, ou de o anniquilar na desesperação, lhe diz ainda com voz animadora e suave: Tu e o teu paiz não acabareis de todo, e se tudo o mais vos faltar, a vossa gloria sobreviverá eternamente em todas as partes do mundo, eternizada na historia e no canto sublime dos poetas! Estes sentimentos, estas consolações, são para todos os povos e para todos os tempos; e, para os sentir e apreciar, nada mais he preciso senão ter hum coração sensivel e patriótico, e hum espirito hum pouco elevado.

SILVIO PELLICO, desde esse dia, voltou seriamente aos seus estudos, e não tratou mais senão d'elles e de regressar á Italia, onde o esperavão tanta gloria pelas suas produções, e tanta celebridade pelas suas desgraças! Sem o Car-

me dos Sepulchros; talvez elle tivesse continuado na sua vida voluptuosa de Paris, e não tivesse então nem huma nem outra; mas a Italia teria ficado sem as suas bellas obras, em que a sensibilidade e a religião brilham no meio de huma poesia sempre tocante e divina.

HYPOLITO PINDEMONTE (a quem FOSCOLO dirigio o seu *Carme*) já conhecido pelas suas bellas *Poestas Campestres*, dotado da mesma sensibilidade, e guiado pelas mesmas reflexões, havia já tomado huma resolução igual á de FOSCOLO, e concebido a idéa de hum poema em seis cantos em sextinas sobre o mesmo assumpto, projecto que depois não realisou. Mas algumas das suas idéas a este respeito forão por elle resumidas e exaradas no *Carme Epistolar* com que respondeu a FOSCOLO, e no qual, se não igualou a este na sublimidade do estylo e das idéas, excedeu na belleza e abundancia dos detalhes dos seus quadros, na ternura dos affectos, na suavidade do verso, e clareza das expressões. He impossivel ler os suas bellas descrições das catacumbas subterrâneas da Sicília, e dos cemiterios inglezes, os seus conselhos ao esposo viuvo, os seus gemidos sobre o tumulto de Elisa, sem ficar compenetrado de admiração e de ternura, e chorar com elle sobre as cinzas de huma desconhecida.

Os versos de FOSCOLO e de PINDEMONTE sobre os sepulchros erão na Italia, e especialmente em Verona, objecto de conversa em todos os círculos frequentados por pessoas litteratas, e em hum destes hum individuo, daquelles que se py achão grandes defeitos nas obras atheas, lembrou-se de fazer dellas grave e rigorosa censura, que, por exceder os limites da justiça e da discreção, excitou o animo de hum moço talentoso e poeta.

TORTI, o qual em outro Carme epistolar, dirigido a hum seu amigo denominado JOÃO DE CRISTOFORIS, e ao qual trata com o nome pastoril de DELIO, desaggravou a honra e reputação dos dous cantores dos tumulos, mostrando a semrazão do seu censor, fazendo huma breve analyse dos dous Carmes, e hum assisado juizo do character, prendas e defeitos de cada hum dos seus autores, e dizendo ainda, acerca do objecto por elles tratado, muito bellas e boas cousas, com hum estylo quasi horaciano. Passando em rapida resenha os mais bellos quadros de cada hum dos dous Carmes, elle quasi que os copiou e tirou em linda miniatura sem a repetição do plagiario, trajando-os com novas vestes, e animando-os com novas côres, dizendo assim mui bem, por outro modo, o que já dous havião dito optimamente, e a estas excellentes copias, que rivalisão com os originaes, accrescentou quadros seus, quasi tão bellos, tão frescos e expressivos como os dos dous mestres que tinha tomado por modelo. A sua curta descripção do cemiterio da plebe: a allegoria com que pinta o character dos dous autores; a pintura que faz da falsa poesia, ou poesia anormal e exagerada, e quasi poderiamos dizer do romantismo monstruoso dos nossos dias; enfim, a descripção da bemaventurança celeste, apresentão traços de pincel ao qual se não pôde negar o titulo de mestre. Lendo-se os seus versos, sente-se, he verdade, que se não respira o ar do vertice do Parnaso, mas esse ar he tão elevado acima daquelle dos valles paludosos da poesia vulgar, e ha mesmo nelle hum certo aroma especial agradável aos sentidos e vivificador do espirito, que o leitor se acha satisfeito, e nada lhe pesaria de o respirar por toda a vida.

Estes tres Carmes e seus autores, que gozão na Italia de

hũa reputação clássica, e que, com effeito, se recom-
 mendão por muitas bellezas de estylo e de imagens, e por
 excellente moralidade, e são até agora quasi desconhecidos
 entre os litteratos brasileiros e portuguezes, e não tenho
 noticia de que algum delles os tenha, até agora, traslada-
 do para a lingua deste paiz e do mais occidental do conti-
 nente européo. Esta circumstancia, e o culto com que o
 bom e sensivel Povo Fluminense costuma honrar as cinzas
 dos seus antepassados, e de que, annualmente, no dia 2 de
 novembro, fazem testemunho os seus templos, me persua-
 dirão que agradavel cousa faria ao mesmo, vertendo da
 italiana para a sua lingua essas tres poesias. E parecendo-
 me que a materia do vasto seu assumpto ainda não estava
 esgotada, não pude resistir ao desejo, que em mim nasceu,
 de ceifar tambem eu, ou colher meu manipulo de espigas
 no mesmo campo, expondo em linguagem poetica algu-
 mas idéas minhas relativamente á religião santa dos tumu-
 los, e contemplando os do Rio de Janeiro, para derramar
 com o seu povo e meus amigos e parentes algumas lagri-
 mas sobre as cinzas de pessoas queridas, que elles encer-
 rão. He este o tributo que o meu coração e o meu talento
 póde pagar ao seu affecto e estima para comigo: o maior
 monumento que os poetas podem levantar ao merito e á
 amizade: e eu o faço com tanto maior vontade, quanto, pelas
 perdas soffridas pelo meu coração, e pela velhice que já
 me he á porta, vou já quasi me achando na circumstan-
 cia de dizer com o SAMARTINE: « En perd' assim, antes
 da idade madura, a maior parte dos seres que mais amei,
 e que mais me amaram neste mundo: minha vida amante
 concentrou-se; meu coração não tem mais; não ha alguns
 coraões de onde relogiar-se; minha recordação não tem quasi

senão tumultos aonde pousar-se sobre a terra, eu vivo mais com os mortos do que com os vivos; se Deos ainda desgarregasse dous ou tres dos seus golpes á roda de mim, sinto que eu despegar-me-hia de todo de mim mesmo, pois eu me não contemplaria nem amaria mais nos outros, e he só ali que me he possível o amar-me.

(*Voyage en Orient*.)

Escrevi portanto e publico tambem os meus *Carmes Epistolares*, que, com os outros já mencionados, offereço especialmente aos corações sensiveis, que tem de lastimar a perda de alguma pessoa que lhes tenha sido cara, e, em geral, a todos os que professão principios religiosos e de verdadeira humanidade. Assim fazendo, não tenho a vã pretensão de equiparar-me aos talentos dos quaes me fiz interprete para com o publico Brasileiro e Portuguez, mas sómente, como diz Persio (7):

..... *Ipse semipaganus.*
Ad sacra vatum carmen affero nostrum.

..... Eu, mesmo semirustico,
Meus versos trago ao templo dos poetas.

Nas minhas traducções, diligenciei ser escrupulosamente fiel ás idéas e pensamentos dos autores, sem nada omitir nem augmentar ao texto, trasladando quasi sempre mui litteralmente, e conservando na versão quanto me foi possível, não só o estylo e as côres do original, mas tambem o movimento, a cadencia das expressões e dos versos, e principalmente as onomatopeas apropriadas; enfim, tudo o que em huma traducção póde dar, em outro idioma, huma verdadeira idéa do original, sem faltar aos preceitos e falsear o genio da lingua para a qual se traslada. A gran

de afinidade das duas linguas, irmãs, filhas primogenitas da latina, me permittio vencer difficuldades, que ao traductor em outra terião sido insuperaveis, e me animou ás vezes a conservar termos e significações neutras ou activas de verbos, que a autoridade dos dictionarios ainda não tem sancionado, mas que me parecerão apropriadas para o caso, e sancionaveis pelo bom gosto, o qual sempre dá a preferencia á fazenda nova e estrangeira, quando a velha e nacional não he tão bella e tão conveniente. Esses casos forão mui poucos; e, quanto aos outros, persuadido de que *as linguas devem andar com a era*, regulei-me pelo recentissimo e bom dictionario de ROQUETE, o qual me parece fazer honra ao seu autor e á nação portugueza, por varios titulos que o recommendão, especialmente pela rica collecção, que elle encerra, de novos termos de artes e sciencias, que se não achão nos dictionarios geraes das outras linguas, e sómente se encontram nos technicos.

Quando eu digo que as linguas devem andar com a era, não entendo, como certos moços ardilosos e insolentes, declarar a guerra a tudo o que he velho e antiquado, e renunciar ao direito e vantagem de empregar ás vezes hum termo excellente e mui apropriado, que o descuido, o capricho, ou a falta de bom gosto, tem deixado cabir em esquecimento e desuso. Nos escriptos choca mais ao leitor o obsoleto do estylo que o dos termos, e tanto hum como o outro podem ás vezes ser tolerados e até louvados quando a moderação e o gosto sabem afastar delles a rudez e affectação.

Todavia; se apezar da minha diligencia, algum dos leitores me achar culpado de erros ou faltas imperdoaveis, estimarei muito que com fraternal admoestação m'os indi-

que para os seus corrigis, e para os seus porém sempre todas
indulgencia, e tembrandos me

Patria me foi a Italia, e na Liguria

Novèz (8) nasci, mas me affligio sed' planto;

E aqui fugi da fortuna, a Liguria.

Minha lyra casei c'o Lysio canto.

De forças eó, g'ntes deo, e pararia

De bom desejo, em meu humilde wanto;

Mas mimio ardor de exagerada lura

Nunca o pé me credeuda lura

Neste huma deosa em iguaes braços libra

Da tua eó, e sem excessu o mareo

A ella he sacra a minha interna fibra;

Amo Dante, Camões, Tasso, e Petrarca;

Mas direi sempre a quem as setas libra

Em Parnaso he o bom gosto o meu monarca.

L. V. DE SIMONI.

Quando eu digo que as linguas devem andar com a era,
não entendo, como certos mecos arditos e insipientes
destruam a guerra a tudo o que he velho e sagrado, e re-
nunciar ao direito e vantagem de empregar as vezes hum
termo excellente e mais apropriado, que o descuido, o en-
picho, ou a falta de bom gosto, tem deixado cair em
esquecimento e desuso. Dos escriptos choça mais se folto
o despolido do estylo que o dos termos, e tanto dum como o
outro problema ás vezes se tolera, e até louvados quando
a moderação e o gosto sabem estar de lado a lado e a
moderação

Todavia, se opezar da totalia diligencia, alguns dos
termos me achar culpado de erros ou faltes imperdoaveis,
estimarei muito que com lateral admocação me os indi-

OS SEPULCROS.



1.

OS REPUBLICES.

I

OS SEPULCHROS.

CARME EPISTOLAR

DE HUGO FOSCOLO,

Hyppolito Pindemonte.

DEORVM. MANIVM. IVRA. SANCTA. SVNTO.

XII. TAB.

À sombra dos ciprestes, e nas urnas
Confortadas de pranto he ments duro
Talvez da morte o somno? Quando á terra
Para mim esta o sol mais não fecunde
D'hervas e de animaes bella familia,
E quando d'ante mim mais não dançarem
Avidas de lisonja horas futuras,
Nem mais, meu doce amigo, eu te ouça o verso,
E a tristonha harmonia que o governa, (1)
Nem mais no coração me falle o espirito
Das virgens musas, e do amor, o unico
Espirito da minha errante vida,
Qual aos perdidos dias lenitivo
Huma lousa será, que discrimine
Os meus dos outros infinitos ossos,
Que na terra e no mar semêa a morte?

Bem he verdade, Pindemonte, a mesma
Esperança tambem, ultima Deosa,

4

As sepulturas foge, e as cousas todas
Em sua noite o esquecimento envolve ;
E huma força operosa as affadiga
De moto em moto ; e o homem e seus tumulos,
E os extremos aspectos, e as reliquias
Deste mundo e do céo o tempo traça.

Mas porque ha de o mortal antes do tempo
Invejar a si mesmo a illusão que inda
O detém morto ao limiar de Dites? (2)
Não vive elle talvez inda debaixo
Da terra, quando muda para elle
He da luz a harmonia, se, com doces
Cuidados, desperta-la ainda pôde
Em a mente dos seus? Celeste he esta
Correspondencia de amorosos votos,
Dote celestial he dos humanos.
Frequentemente com o amigo extinto
Por ella inda se vive, este comnosco,
Se a terra piedosa, que inda infante
O recebeu, e que o alimentava
Em seu seio materno, ultimo asylo
Offerecendo, sacros torna os restos
Aos insultos das nuvens e ao profano
Pé do vulgo, e huma pedra o nome guarda,
E arvore amiga, flores recendendo,
Com branda sombra as cinzas lhe consola.
Só quem herança não deixou de affectos
Pouca alegria tem na urna, e se olha
Inda apoz das exequias, seu espirito
Vê dos templos errar acheronteos (3)
Entre as nebias, ou sob as grandes azas
Do divino perdão agazalhar-se;

Mas ás ortigas do deserto leiva,
Deixa entregue o seu pó onde nem cre
Namorada mulher, nem solitário

Passageiro jámais ouça o suspiro,
Que do tumulto a nós manda a natura.

Comtudo nova lei hoje os sepulchros
Quer afastar de piedosos olhos,
E o nome aos mortos nega, e jaz sem urna
Teu Sacerdote (4), ó Musa, que cantando
Com longo amor em o seu pobre tecto,
Hum loureiro educou-te, e pendurava
Coroas para ti, e com teu riso
Os cantos lhe adornavas, que ao Lombardo
Ião acres ferir Sardanapalo, (5)

A quem doce o mugido he só das vaccas,
Que dos antros do Adda e do Ticino (5 a)
Feliz o fazem d'ocio, e de manjares.

O' bella musa, aonde estás? não sinto
Spirar a ambrosia indício do teu nume
Em este bosque (6), onde eu sentado anhele

O meu tecto materno. E tu aqui vinhas,
E desse til embaixo lhe sorrias,
Que geme agora com cahidas folhas,

Porque não cobre, ó Deosa, a urna do velho
A quem favoreceu com calma e sombras,
Talvez entre plebeos tumulos (7) olhas

Vagueando onde durma a sacra fronte
Do teu Parini? Sombras para elle
Não pôz dentro seus muros a cidade (7 a)

De evirados cantores luxuriosa
Affagadora, nem palavra ou pedra;
E talvez, co' a cabeça decepada,

Os ossos lhe ensanguenta o assassino;
Qué os delictos deixou no cadafalso;
Ouve raspar o cão abandonado,
Entre entulhos e espinhos, ragueando
Fominto sobre as covas com seus vivos;
E da caveira, roncando, ao luar fugido
Sahir o mocho, e sobre as espalladas
Cruzes voar pelo funereo campo;
E o immundo accusar com luctuoso
Gemido os raios com que são piedosos
Os astros a olvidadas sepulturas.
Em vão sobre o teu vil orvalho pedes,
O' Deusa, a noite esquallida: ai não surge
Sobre os mortos a flor onde a não honrem
Louvor humano e amoroso pranto.

Desde o dia em que os laços de hymeneo,
Aras e tribunaes ternos fizeram
Com outrem e consigo humanos brutos,
Ao ar maligno e as feras subtraíam
Os vivos esses restos miserandos,
Que a natureza, com etheras vozes,
Destina a outros sentimentos. Erao
Testemunhas, nos fastos os sepulchros,
E aras aos filhos, dos cazeiros lares
Delles vinha a resposta, e foi temido
Dos avós sobre o pó o juramento;
Religião, que, com diversos ritos
Patrias virtudes co' a piedade unidas
Por longa de annos seria conservado.
Nem sempre as louças sepulchraes aos templos
Fazião pavimento, nem envoltas
O fedor dos cadavres nos incensos

Ahi contamino os supplicantes,
Nem de esqueletos retratados tristes

As cidades se virão Espantadas

Saltão as mães nos sonhos, extendendo

Os braços nús sobre a querida fronte

Da sua amada cria, afim que o longo

Gemer de algum finado a não acorde,

Aos herdeiros pedindo a venal prece

Do sanctuario. Mas, ciprestes, cedros,

De effluvios puros impregnando os ares,

Verdor perénne, em perennal memoria,

Deitavão sobre as urnas, e acolhião

Ricos vasos ás lagrimas votivas. (8)

Os amigos ao sol huma faisca ao

Roubavão, pois ao sol buscão morrendo

Os olhos do homem manda todo peito

O ultimo suspiro á laz que foge

Aguas lustraes as fontes derramando

Violas educavão e amarantinhos

Sobre a funebre gleba, e quem sentava-se (9)

A libar leite e a recontar seus males

Aos caros mortos, recender entorno

Quaes do Elysio ditoso auras sentia: (10)

Piedosa insania que ás britannas virgens

Caras faz dos sepulchros suburbanos

As hortas (10 a) onde de huma mãe perdida

O amor as leva, e aonde ellas rogarão

Faustos os genios do retorno ao bravo

Que á conquistada não o maior mastro

Cortou, e excavou nelle o proprio esquife. (12)

Mas, aonde o furor d'inclytos feitos

Dorme, e á civica vida são ministros

A opulencia, o temor, inutil pompa,
E imagens do Greco (12 a) inauguradas surgem /
As campas, os marmoreos monumentos,
Já o douto, o rico e da nobreza o valgo,
Decoro, e mente ao bello, italo reino,
Sepulchro tem nas aduladas côrtes
Em vida, e só brassões por elogio.
A nós prepare a morte unico alvergue
Em o qual hũa vez cesse a fortuna
De vinganças, e aonde a amizade,
Não de ouro herança, mas ardores d'alma,
E de liberal carne o exemplo colha.
Acendem alma forte a egregios feitos,
O Pindemonte, os tumulos dos fortes,
E bella e santa ao peregrino fazem
A terra que os acolhe. Em a vistando
O monumento onde repousa o corpo
Desse grande (13) que o sceptro temperando
Aos reinantes, os lauros lhe desfolha,
E descobre ás nações como gota
De lagrimas e sangue; e a arca desse
Que novo Olympa aos celestiaes em Roma
Ergueu (14); e a de quem vio diversos mundos
Sob a abobada etherea andar rodando, (15)
E o sol sem se mover irradiá-los,
No que ao Britanno, que tao grandes azas
Depois alli estendeu, elle primeiro,
Os caminhos abriu do firmamento;
Ditosa, tu, gritai pelas felizes
Auras prephas de vida e pelas aguas
Que em ti dos cunes seus verte Apennino. (15 a)
Leda dos arcos teus a dua veste

De limpiſſima luzos teus outeiros,
De vendima pomposos, e os convalles,
Povoades de casas, e olivedos,
Mil de flores ao céu mandão incensos.
Tu primeira ó Florencia o canto ouvias (16)
Que a raiva consolou ao Guibellino
Fuginte, e os caros pais e o idioma
Tu deste ao doce de Calliope. (17) labio (18)
Que Amor em Grecia nú, e nú em Roma
De hum véo candidissimo adornando
Da Venus celestial rendia aos braços: (19)
Mas feliz inda mais porque conservas
Acolhidas n'hum templo itálas glorias (20)
As unicas talvez depois que os Alpes (20 a)
Malvedados, e a sempre revezante
Omnipotencia das humanas sortes
Armas, teres, e altares te invadião,
E patria, e excepto a só memoria, tudo.
Pois quando refulgir aos animosos
Intellectos e á Italia huma esperança
De gloria, ahí os auspicios buscaremos.
E muitas vezes a inspirar-se veio
Victorio (21) a estes marmores. Irado
C' os patrios Numes vagueava mudo
Onde Arno he mais deserto, os céos e os campos
Olhando desejoso, e como a magoa
Nenhum vivo semblante lhe abrandasse,
Aqui pousava o austero, e no seu rosto
Tinha o pallor da morte e a esperanza.
Com estes grandes elle habita eterno,
E amor de patria fremem os seus ossos. (21 a)
Ah! dessa paz religiosa hum Nume

Falla, sim: e alentava em **Marathóna**,
Aonde **Athenas** consagrou sepulchros
A seus bravos, da **Grecia** contra os **Persas**
As iras e a virtude. O navegante,
Que esse mar velejou perto da **Eubéa** (23)
Pela ampla escuridão centelhas via
D'elmos e espadas fuzilar luçtantes;
Igneo vapor fumava as pyras; via
A batalha buscar guerreiras sombras
D'armas ferreas luzindo, e pelos campos
Dos nocturnos siléncios dos horrores,
Longo motim de armados espalhar-sei
E de tubas hum som, e hum seguimento
De cavallos correndo; e apisoando
Dos moribundos sobre os capacetes (24)
E pranto e hymnos, e o cantar das **Parcas** (25)

Feliz de ti, que o reino amplô dos ventos,
Hýppolito, correste em verdes annos
E se o piloto das **Egeas** has
A tua antenna além levou de antigos
Feitos soar ouviste do **Helleponto** (26),
As praias, e a maré bramir levando
Sobre os ossos de **Ajax** as **Recias** ribas
De **Pelides** as abnas (27). Com mão justa
Mertu glórias dispensa aos generosos
Nem siso astuto, nem de reis favores
O arduo espolio a **Ulysses** conservarão,
Pois o roubou á vagueante popa
Revolto o mar pelos infernos Deuses!

A mim, que os tempos e desejo de honra
Por diversas nações em fuga trazem,
Para evocar heroes as **Musas** chamem!

Do mortal pensamento abismadoras,
 Dos sepulchros á guarda estão sentadas,
 E quando o tempo com as frias azas
 Té lhes varre as ruínas, com seus cantos
 As Pimpleas (28) alegrão os desertos,
 E de seculos mil venhe ao silencio
 Essa harmonia. E hoje eterno esplende
 Na Troade (29) insemecada aos peregrinos
 Lugar eterno (30) pela nymphã esposa (31)
 De Jupiter, que a Jupiter por filho
 Dárdano (32) deu, do qual e Troia e Assaraco (33)
 Provierão os thalamos cincoenta (34)
 E da Julia prosapia (35) emfim o reino.
 Pois, quando Electra a Parca ouviu chama-la
 Da aura vital do dia para os côros
 Do Elysio, o extremo voto ergueu a Jove:
 E se, dizia, a ti queridos foção
 Meus cabelos, e o rosto, e as deleitosas
 Vigílias, e melhoz me não consente
 Premio dos fados a vontade, ao menos
 A morta amiga, ah tu obha do ceo
 P'ra que d'Electra itua á fama fique
 Assim orando ella expirava, e disse
 Gemia o Olympio (37) de ambrosia sobra a nymphã
 Acenando chovia a immortal fronte,
 E fez sacro esse corpo e o seu jazigo
 Alli Erichonio (38) repousou; alli dormem
 As justas cinzas d'ello; alli soltava
 As mulheres iliacas a coma (39)
 Deprecando, além vão, dos seus maldos
 O destino imminente: alli Cassandra (40)
 Quando no peito lhe fazia o Nume

Fallar de Troia o fatal dia, veio;
E ás sombras cantou versos amorosos;
E os sobrinhos guiava, e os amorosos
Lamentos ensinava aos jovensinhos:
E suspirando ella dizia: « Oh de Argos (41)
Aonde de Tydides (42), e do filho
De Laertes (43) pastando hireis cavallos,
Se o céo vos permittir voltar hum dia,
Debalde buscafeis a patria vossa.
Sob os seus restos fumarão os muros
Obra de Phebo (44), mas nestes sepulchros
De Troia habitarão inda os Penates (45);
Pois dos Deoses he dom altivo nome
Conservar na miseria. E vós, palmeiras,
E ciprestes plantados pelas noras
De Priamo (e crescereis ai mui depressa
Da viuvez regados pelo pranto!)
Protegei os meus pais: e quem piedoso
O machado abstiver das sacras folhas
Menos terá de consanguíneos luctos
A doer-se, e no altar porá mãos santas.
Protegei os meus pais. Vereis hum dia
Mendigo errar hum cego (46) sob as vossas
Antiquissimas sombras, e os sepulchros
Penetrar apalpando, e abraçar urnas,
E interroga-las. Gemerão os antros
Secretos; contará todo o sepulchro
Ilio dupla vez raso, e dupla erguido (47)
Splendidamente sobre as mudas vias
Para fazer depois inda mais bello
Aos fadados Pelides (48) seu tropheo
Extremo. O sacro vate, com o canto,

**Essas almas afflictas aplacando,
Por quantas terras o gram padre Oceano
Abraça, eternará d'Argos os principes,
E tu terás, Heitor, honra de prantos
Aonde santo e lagrimado seja
O sangue dado pela patria, emquanto
Luzir o sol sobre os humanos males.**



OS SEPULCHROS.



II.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

OS SEPULCHROS.

CABINETE EPÍSTOLAR

DE HIPPOLITO PINDEMONTE,

Hugo Folcolo,

Em resposta ao d'este sobre os Sepulchros.

Et tumulum facile, et tumulo superaddite carmen.

VIRG. ECLOG.

Sepulturas fazei, fanteal-lhes canto:

Que voz he esta, que do flavo Mela (1)
Surge canora, e qu'eu nesta alma sinto?
He Hugo a tua voz, que a ti me chama,
Entre urnas, campas, arcas, e sepulchros,
E accende em mim os tristes, caros estros.
Do Meonio cantor, (2) velava eu sobre
Os immortaes escriptos, e vertia
Da sua lingua para a nossa os longos
Trabalhos desse peregrino illustre (3)
Que antes tanto luctou com os Troianos,
E depois com o mar: mas tu, que Homero
Mais poderoso, te me desapegas
De Homero. Eis já se ri o ceo e a terra,
E não ha plaga adnde virgens rosas
Abril não avermelhe; e tu pretendes
Que o inculto cabello do cipeste

Feral eu cinja, do cipreste, que ora
De hum verde tão tristonho em vão se tinge,
Depois que tambem elle he dos sepulchros
Banido. Porque os ramos obsequiosos
Curvas e choras, ó salgueiro amigo (4),
Dos que cobertos pela terra dormem?
Nem sepultado moço, que, no dia
Primeiro da sua fama, a mão sentio
Importuna da Parça, nem co'a tua
Dôr honrarás donzella a quem ufana
A mãe já preparava a nupcial veste,
E nesse mesmo dia, em que adornar-lhe
Devia o joven corpo a nupcial veste,
Escuro a circumdou funebre panno.
Da donzella e do moço sobre o corpo
Cresce o cardo, e a ortiga; e o matutino
Vento que zune entre a ortiga e o cardo
Ou o interrupto lugubre lamento,
Que da sua erma casa o bufo solta
Longo-ululante ao radiar da lua,
He a unica do mundo voz que sõe
Nesse deserto. Ai, desgraçada idade,
Que o viver e o morrer mais agro tornas!
Mas á sombra das plantas, e nas urnas
Confortadas de pranto he menos duro
Talvez da morte o somno? Hum monte d'ossos
Do marmore, que o cerca, as honras sente,
Ou com os guardas das cadeas suas
Livre esp'rito se importa? Ah para os mortos
Só a campa não he. Apaixonada
Mulher, que, em negro traje a face inclina
Sobre a lousa, que encerra o seu esposo,

Ainda o vê, inda lhe falla, o escuta :
Acha, o que he nos mais atrozes males,
Maior conforto, hum lagrimar desfeito.
Superfluo á minha patria este conforto
Ha pouco pareceu : immota e surda
He do seu cemiterio a porta aos vivos.
Mas de que valeria se, cedendo
Ao amoroso pé, ella se abrisse?
Entre si indistinctas são as covas
E huma herva muda tudo cobre : o pranto
Incerto de cahir sobre hum amado
Corpo, ou sobre hum ignoto, repellido
No coração estagnaria. A urna
Patroclo (5) amado, que te encerra a cinza,
Tambem a minha encerrará : não fomos
Dous em vida, e na morte os não seremos.
Sua dôr illudia assim Achilles,
E vivo, utilis achava aquella urna.
O divo filho, se dizer se pôde
As vezes a verdade com o falso,
Que a Grecia imaginou, o divo filho (6)
De Japeto formar quiz raça humana,
De amaveis illusões, doces enganos,
De aureos sonhos amigo, e aureas imagens.
Este, eu ouço gritar, foi o seu crime ;
Isto castiga o passaro, que roe-lhe
O coração sobre a caucasea rocha :
Isto pune elle só, não as tiradas
Da alampada do céu sacras centelhas.
Tambem novos Prometheos ao homem
Pretendem reformar, e o pensamento
Não só do homem emendar se esforço,

Mas o sentido interior. Apenas
Perdão delles impetra o povo rude,
Que abandonar não quer suas cabanas,
Porque erguer-se e com elle andar não podem
Dos pais os ossos, e perdão apenas
A selvagem mulher, que da criança,
Que dos seus peitos despegou a morte,
Sobre o tumulo corre, e exprime, como
Se nutri-lo de si inda podesse,
Leite do seio, e lagrimas dos olhos:
Ou n'arvore suspende conhecida
O pequenino fêretro e do vento
Ao sopro o vê ondear, e aos illudidos
Olhos offerecer mais que de tumba
De berço o aspecto. Porém estes erros
Innocentes e doces não os houve
Tambem nos povos os mais doutos? Roma,
E Grecia, e Egypto não amou sem pejo
As sepulturas? A ti seja, ó filho,
A terra leve, e teus baixos repousos
Nada perturbe nunca mais; exclama
Huma mãe, quasi no querido corpo
Ainda hum sentimento, huma faísca
Haver creia de vida. Levantando
Recordações, em marmor, e memorias
Tu vais nutrindo, saciando vais
A dôr acre, que então menos te punge.
Menos longe de ti julgas as almas
Das quaes tens perto os trajés, que vestiã,
Que das tuas direi, Sicilia cara,
Das tuas salas sepulchraes aonde
C'os mortos, a morar, descem, os vivos?

Foscolo , sim-o reino amplo dos ventos

Em verdes annos eu corri, não huma

Só vez sulcando andei o mar Sicano (7),
E com ligeiro pé de quando em quando,
Da minha fida barca, eu me lançava
Nessa ilha onde Ulysses os Cyclopes (8)
Achou, mulheres eu bellas e honestas.
Maravilhas vi alli : huma montanha (9)
Que sempre fuma, ás vezes arde, e as rochas
Entre globos de chamma ao céo arroja ;
Templos que virão já cem e cem vezes
Arder o Etna espantoso, e ainda luctão
C'os annos, e entre aservas e as arêas
Da arte antiga ainda erguem-se mestres ;
Essa Arethasa, (10) que da Grecia volve
Por occulto caminho argenteas ondas
Segundo a antiga fama, e o Grego Alpheo, (11)
Que do fundo do mar sobe não longe
E constante o amor, doces as aguas
Inda conserva entre as da amarga Thetys (12).
Cousa porém talvez mais admiranda
E forte ali vi eu : amplas, escuras
Estancias sob a terra onde, em seus nichos,
Como estatuas em pé, entorno correm
Corpos sem alma, ainda com os pannos
Em que o ar respirar já forão vistos.
Sobre os musculos mortos, sobre a pelle
Tanto a arte suou, tanto os humores
Expellio delles, que as feições antigas,
Suas carnes conservão os semblantes
Após cem e mais annos. Morte os olha
Como que tema haver falhado os golpes.



Quando das autumnaes folhas a queda
Nos avisa cad'anno que não menos
Espessas cahem as humanas vidas,
E sobre os mortos a verter nos manda
Lagrimas piedosas, então desce
Nos subterraneos claustros o devoto
Bando. Pendendo estão com varias luzes
Lustres do alto : cada hum dirige-se
Ao corpo amaño, e nos mirrados rostos
Procura e acha cad'hum notorias fórmas.
Filho, amigo, e irmão acha o pai, o amigo
E o irmão ; de tal modo esses semblantes
Das velas a luz tremula percute,
Que, esquecidas da Parca, as enrijadas
Fibras parecem agitar-se ás vezes.
Quantas lembranças de communs desgostos,
De prazeres communs ! Quanta nos annos
Tão depressa passados nova vida !
No entanto hum suspirar ergue-se, hum longo
Confuso soluçar, e alto lamento,
Que nas arcadas, écoantes salas
S'espalha, e ao qual aquelles corpos frios
Parecem responder ; tenue os dous mundos
Passo divide, e unidas e amigadas
Tanto forão jamais a vida e a morte.

Mas apertar, e perturbar podera
Nimiamente alguma alma huma tal scena.
Surge e branqueja nos avitos campos
Nobre palacio teu, d'hervas e d'aguas,
E de flores cercado, e de mui grande,
Que criarão teus pais, inclyta selva ?
Repouse ali, se este ar mais não respira ,



**Tua adorada esposa : hum branco marmor,
De seu candor emblema, a encerre e as suas
Castas feições te offr'êça hum branco marmor. (13)**

Mas a religião orne e consagre
O lugar solitario, pois horrivel
Hum tumulto he demais sem que ella assista.
Corra e gema ali o rio enfusque (14) o bosque
E não longe de côr se vista a rosa,
Que ao marmor tu darás colhida apenas.
Não ouves tu por igual golpe viuva
Lá do ulmeiro chorar a fida rola?
Quando o dia he mais quente, e quando os campos
São mais mudos, te acolha da floresta
O verde horror, que o sol ca e lá doura.
No rio que se queixa, e em cada folha,
Que o vento agita, sentirás da tua
Esposa a yoz : com as amigas letras
Na pedra abertas, sob o busto della,
Te fallará : *põe, te dirá, põe freio,*
Caro, a tamanha dôr, feliz eu vivo.
E quando o mais visinho astro (15) nos campos
Sua pallida luz nocturna chove, (16)
Tambem te acolha o bosque : em brancas vestes
E corôada a fronte com as rosas,
Que tua propria mão colheu p'ra ella,
Entre os troncos verás a tua esposa.
Ambas as faces sentirás banhar-te
Suavissimas lagrimas, e toda
O jubilo da dôr correr-te a alma.
Tão eleita morada e tão piedosa
O Anglo ás vezes, que profundos, fortes
Affectos tem não menos que as idéas,

Assim destina ás mais amadas cinzas
Nos seus sitios ruraes tão celebrados,
Onde no coração, e pelos olhos,
E pelo ouvido, tanta penetrava-me
E tão doce delicia. Oh quem nos ares
Agora me levanta, e quem me leva
A ver desses amenos, deleitosos,
Vastos bosques a scena? Oh quem me pouza
Sobre os verdes tapetes, entre os fuscos
Solitarios abrigos, e no seio
Desses valles, no cume desses morros!
Alli jamais o bellico machado
Cortou sombras jucundas, e debalde
Não buscarão alli hospedes aves
O abrigo costumado, e a primavera
Lograda não se achou des'parecido
Vendo da terra o conhecido bosque,
Que vinha revestir com suas folhas.
Só fusts do solerte jardineiro
Alli mandou na mão o agudo ferro,
Que rasou o prado, e o nivelou, e os ramos,
Que interceptar aos olhos as remotas
Vistas ousavão, corrigio perito.
Bellos prospectos, subitos encontros,
Lindos caminhos, antros frescos, sombras
Onde sentar-se, lentas aguas, mudas
Entre as flores e a relva; aguas do alto
Precipitando com estrondo, rochas
De horror sublime revestidas, campo,
Jardim, luxo erudito, com agreste
Simplicidade. Deste lado vê-se
A ceara ondear, pender as cabras

De aerea ribanceira; ouve-se o valle:
Ganir, balar o morro, acolá vé-se
Huma ponte marmorea curvar-se

Sobre as ondas, e hum templo entre a verdura

Sobresahir com alva côr, estranhos

Frondentes troncos que o britannio solo

Lastrando vão de americanas sombras,

E sobre o ramo, que para outras aves

Natura urdira, aves cantar da Europa:

Em quanto ufano dos arboreos topes

Anda o veado pela selva, e a frente

Vira, e olha p'ra tí; do pé faz remou

Entre as ondas o cysne, o colo arquea

E fende o argenteo lago: as mesmas feras

Sentem mansão tão bella, e desses bosques

Sacodem com espanto o cimo os ventos.

Ah porque não posso eu tranquilos passos

Mover nesses caminhos, esconder-me

Sob as tranças também desses frondosos

Hospitaleiros ramos, e de longe

Do mundo ouvir roncar a tempestade,

Huns com os outros esbarrar-se os povos,

Despedaçar-se os sceptros e as corôas?

Quanta carnagem ai! oh! quanto abrir-se

De covas! quanto baquear de corpos,

E aos mortos capitães erguer de tumulos!

Mas conforto não só, também escola

São a quem vive os monumentos tristes

De quem já foi. O cidadão que passa

Os olhos volve e pára: dos sepulchros

Lê as lousas inscriptas; as vai lendo

Depois, seguindo o seu caminho, pensa

Ao breve anno da vida, aos dias gastos,
E de quaes olhos, diz, enxugusi pranto!
Bem sei nada aproveitão carrareses (17)
Polidas pedras para uma alma grande
No céu, onde outro galardão tem ella
Que entalhades do Lacio argutos ditos
E as esculpidas sobre a tumba curvas
Virtudes lagrimosas. Mas o joven,
Que essas pedras encara, sente dellas
Dentro em seu coração descer hum fogo,
Que ás empresas magnas impelle.
De veres filhos cujo nome brilha
Nos seculos futuros tu não curas
Talvez minha Verona? Ela as estatuas,
Que em melhor tempo no teu foro ergueste,
Então lança-as ao chão, e do alto caem
O teu divino Fracastor: (18) do alto
Precipite, e quebrado em cem pedaços
Maffei (19) ribombe sobre a ingrata terra,
Bello e sacro recinto eu nas cidades
Mais celebres quizerá aonde aquelles
Que em alta, ou humilde condição obrarão
Cousas mais grandes, descançar podessem
Com iguaes honras em soberbo leito
Sobre a de pó sua almofada: aquelle
Mui humano senhor por cuja morte
Chorosos só se não virão os rostos
Que das cinzas reaes adaladora
Arte de Phidias (20) esculpio na campaina
Aquelle servo, que levou na corte
Comsigo a patria, e foi ao mesmo tempo
Ministro e cidadão: aquelle chefe

Que co' a espada na mão emarçao homem
Soube, e os inimigos todos, e si mesmo
E a victoria tambem mesma venceu :

O sabio o qual achou uteis verdades

Ou acha-las, mereceu : (21) aquelle vate

Que com direito pôz no seu poema

A virtude que já tinha em seu peito. (22)

Hum industrie cinzel nos mostraria

Os seus semblantes verdadeiros : este

Na sua imagem esculpida, vede,

Tem a bondade que trazia impressa

No coração : aquelle a fronte encrespa

E ao bem commum inda no marmor pensa.

Aqui nas véas de hum heróe, que pranto

Só dos olhos sacou de seus inimigos

Corre o bélico ardil : lá de tal modo

A mão estende hum orador e os labios

Mover parece, que os ouvidos presta.

E nessa face perto d'elle o sacro

Poetico furor vês esculpido.

Sente a pedra prazer, se alegra o bronze

Em retratar cá e lá sceptros clementes,

Justas espadas, não manchados louros,

Lyras suaves, não servis, ou impuras.

Quando a do mundo corrompida scena

Mais a alma contrista, e mais abate

O coração, no cemiterio augusto

Eu entro, e com os olhos vou correndo

De semblante em semblante : e pouco a pouco

Sinto huma doce veia hir penetrando

No amargor, que me inunda : as priskas forças

Vai retomando e se realça a alma :

Mas ahí nesse vão, onde não se ergue
Monumento nenhum, quaes negros termos
Correr vejo eu sobre a parede nua?

« Aquelle, que primeiro desses grandes,

« Que dormem neste bello claustro, em obras

« Com hum se parecer, pousará neste

« Lugar a frente, e em igual marmor posto

« Iguaes terá também somnos illustres. »

Soltas assim as bem nascidas almas

De hum vil ocio serião, e de novos

Salutares heróes na paz, na guerra

Fecunda se tornara a morta cinza.

Bella foi pois e generosa e santa

A chamma que accendeu-te, Hugo, e as extremas

Mansões do homem a vingar levou-te.

Porque tu ás vezes co' a phebea falla

Tanto te escondes que eu em vão te busco?

Verdade he que depois de breve espaço

Luzes-me aos olhos mais, e me consolas;

Assim o rio, que do puro lago

De que leda he Genebra (23) azul se sahe,

Depois de breve curso, sob enormes

As'pras rochas se esconde, e sobre a margem

Saudoso deixa o viajador, que os passos

Dava com elle: mas surgir da terra

O vê este depois de algum caminho,

O vê com claras resonantes aguas

Campos refecundar, e alegrar selvas.

Da velha idade porque tu nas sombras

Longe estendes de nós tão longos vôos?

Quem de Heitor, não cantou? Também venero

Ilio dupla vez rasa, e dupla erguido

Splendidamente sobre as mudas vias,
A relva onde Mycenae, (24) os rochedos
Onde foi Argos. Mas também de objectos
Menos remotos extrahir não posso
Poeticas centelhas? Ao meu dito
Abre o teu coração; antiga seja
A arte pela qual teus dardos vibras,
Mas não antigo dos teus fins o objecto.
Ao seu poeta, e não ao de Cassandra
D'Ilo, e d'Electra desde o mar aos Alpes
Responderá com seu applauso a Itália.

Das estreitas assim, nunca feridas
Por gl'ar raio, subterraneas casas
Eu fallava contigo, quando hum tumulo
E ai qual! aos olhos meus então se abriu
Eu mesmo vi fugir rapidamente
Do semblante d'Elisa o solito ostro
E os olhos desbotar, e mortal ancia
Insultar sem descanso aquelle seio
Que ás magoas d'outrem nunca foi tranquillo:
Da doença cruel o rigor longo
Bem mitigar-se pareceu: já Elisa
Ledas vestes pedia, e do seu bello
Novare (25) com o ousado pensamento
Já respirava ares campestres: eu
Mui credulo esperava que com ella
Não poucos soas houvera sepultado
Tras do seu bello morro. Oh enganadoras
Esperanças! Oh soas tristes, que agora
Per todo o arco da celeste esphera
Com baldados suspiros acompanhão
Vem, Foscolo, e comigo aqui sobre ella

Huma nuvem espalha de jacynthos,
Reavisados a tempo os meus patriélos
Melhor repouso aos mortos já concedem
He licito tambem ter sob a terra
Hum proprio alvergue, e a ella he permittido
Ter sómente por leito a própria cinza.
Eis a lousa que traz seu nome impresso
Que Á OPTIMA DAS MÃES (26) pôz a das filhas
Grata piedade soluçando. Manda,
Manda tu, minha lyra, o mais suave
Som recóndito em ti, que, atravessando
Esta pedra, talvez chegue aos gelados
Ouidos.... Ah que digo! para sempre
Foi-se esse doce tempo em que soa
Cortez aos versos meus prestar ouvido.
Som de humano instrumento haver não pôde
Que os mortos toque, aos quaes no extremo dia
Dos voantes do céu divos arautos
Sómente acordarão as aureas tubas.
Então Elisa o que será? D'Elisa
Talvez parte huma herva, huma flor seja,
Huma flor que da Aurora a mozer prestes
As finaes banharão roridas gotas.
Mas sob qualquer aspectó, em qualquer parte
Dissolvidos nadando andem no mundo
Os atomos de que era Elisa e todo,
Tornarão a se unir formando Elisa
Quem tecer no principio a humana tea
Soube, tece-la saberá de novo.
Muito mais inda fez o eterno mestre
Quando tirou do nada os rudés fios
Do seu nobre lavor i e então nem fra

**Por circular de sec'los e de sec'los,
Nem velha a mão será do mestre eterno. (27)
Louvor, louvor a elle até tal dia.**



of the ... of the ... of the ...
of the ... of the ... of the ...
of the ... of the ... of the ...

OS SEPULCHROS.



III.

OF REPUTATION

III

OS SEPULCHROS.

GARME EPISTOLAR

DE JOÃO TORTI,

SOBRE OS SEPULCHROS E OS VERSOS

DE HUGO BOSSOLO, A HYPPOLITO PAPADIMITRIE.

a este respeito;

ESCRITO A

João De Cristoforis

Prosequimur nostris aliorum funera musis.

SWERT. Monum. Sepul.

Delio (1), não he qu'eu, de saber, de arguto
Subtilissimo senso, ao qual não fogei
Nem a minima cousa, a gloria impugna
Ao eximio Clitarco (2), ou comparar-me
Tente com elle, nem lança-lhe a luva;
Mas hontem, quando supprimeo no circulo
Do gargulo serio, o brincar ledô,
Librando os versos de que altiva esplende
Com luz feral a alma d'Hugo, e aquelles
Com que corta, e consola Hyppel'ito as almas,
(Attenda-se á verdade) elle contente
Tanto me não deixou que em todo o approve
Pois se os trajectos das aéreas vias

Esse animoso em transyoar, das suas
 Azas, não das de Phebo, empluma o dorso,
 E se este outro não gostou das sendas,
 Que ao tenue conversar das retrocadas
 Folhas marcava o venusino mestre,
 Lhes faremos hum crime? E como ousamos
 Nos lavar de juizo iniquo, ou estulto,
 Quando typo a si mesmos, e sequazes
 Louvamos de ninguem Pindaro (4) e Flacco? (4)
 Desagradou-me em outro ponto: ou a certo
 Termo lide intentava denegando
 Que legitimo fosse, ou a bipartida
 Unissyllaba voz nariz e labio
 Adversos enrugava, e pavor tinha
 De todo bello ardil: (5) Talvez, envolto
 Em nevoa d'erro crasso, eu mal discerno;
 Porém os aureos dous das santas Musas
 De outra pedra, creio eu, levao-se ao toque,
 Que não aquella que escolheu Clitarco.

Quem me prohibe conversar contigo?
 Também do meu pensar sobre esses versos,
 Delio, ao facto te quero. He doce cousa,
 Sem receoso véo qualquer que seja
 A hum caro amigo proferir seu voto:
 E das divinas Musas a memoria,
 A quem amante as contemplou por tempo,
 He prazer, que nas veas se derrama
 Tu comigo também a fallar dellas
 Te recolhes gostoso quando as veas
 Tregoa nos dão os supplices libellos,
 Elencos, e compendios. Como rapidos
 Esses instantes vão! Oh no meu peito,

Às ingenuas palavras com que emerge
Teu siso occulto, e o cheio animo exhalas
Sinto os vestigios da vetusta chamma,
E, como novo, remoçar-me o corpo.

Soltemos pois a barca. Comecemos
Do principio, que deu Hugo a seus versos;
Delle depois, em ordem, e do outro
O caminho sigamos passo a passo,
De maneira que as partes huma a huma,
E o verdadeiro todo ahi vejamos. (6.^a)
Delio, que dizes tu?—Acommettemos
Ardua tarefa.—Assim o crês? Mal haja,
Oh sim, o gelo de exquisito exame;
Pois enlevar das cousas já me sinto
No meio. As claras eis margens do rio
Tuscano. Ai! quem eu vejo solitario
E pensativo, e com tão fero aspecto
Taes aréas medir?—Oh summo espirito!
Nem a tuba famosa, alivio hum diário
Á tua irada magoa, te acompanha?
Como, ai creceu o teu pallor! como andas
Desesperado o teu olhar errante?
Ai! bem se lê que teu desejo he morte.
Qual Hugo o vio, *onde Arno he mais deserto*,
Tal eu o vejo, pois não são palavras,
Nem traços de pincel, mas vivas fórmulas
As com que o representa.—Entre estas urnas
Cruel vontade a discorrer de morte
Ora te traz Victorio! A tal fim postas
Não forão certo. E tu vinhas hum dia
Com instincto mais manso e ahi logravas
Estimulo, e vigor ás tuas altas

Emprezas.—Delio, ah Deus fausto defenda
Nossa imaginação, para a tão grande
Ódio, nós homens, o consorcio humano
E nós mesmos não dar miseramente.
A nós doce tristezza, e de obras bellas
Mestras, e o podem bem, sejam as tumbas.
E o hymno acompanhemos, que ditosa,
O' mui pia Florençia te proclama,
Almas aguas, Convalles recondentes,
Optimas vinhas pelos morros, casas
Alvéjantes de longe entre oliveiras,
Deliciosos do luar silencios
Quem outras vezes vos pintou de modo
Que de vós tanto em nós desejo ardesse?
Nem mais bello, nem mais com caro aspecto
Se nos mostrou esse candido cysne
Vindicador de Amor (6) por quem tão doces
Nomes *Sorga* e *Valchiana* (7) entre nós soão.
Ditosa tu, ó muito predilecta
Do céo bella Florençia; o lugar lindo
E o teres desse grande a voz criado
E de outros mil, que Italia activa fazem,
E invejada, do céo danivas forão;
Mas são teu elogio as conservadas
Reliquias, e esses marmores augustos
Por quem grato terror, mixto com alta
Reverencia, arrepiá esta minha alma;
Pois vejo as campas delles sublevar-se
Na escuridãe da noite ao fraco lume
Da alampada sagrada; e alçar as fronteas
E fóra se mostrar: té a cintura,
E entre ellas conversar as grandes sombras.

Não há duvida, ó Delio, alta virtude
Nestas abunda luctuosas casas,
Que para accommodar mortos despojos
Religioso ergue euidado ou excava,
E quantas consagrar ás mudas cinzas,
Memorias, e attenções affectuosas
Usou dos vivos a piedade, alento
Sempre de fortes sentimentos forão.
Graças e applauso aos dous, que hum désafogou
Util ao mesto engenho ahi buscarão,
E em outrem propagar com vigor tanto
Dos versos co'a magia assim soberão
Os impressos em si pelo funereo
Seu assumpto paixões e pensamentos.
De compassos armada a idade nossa
Toda algarismos, angulos, e massas,
E espaços, ri-se da vetusta idade
Nutridora de sonhos; mas a sombra
Perenne de ciprestes e de cedros
Sobre as choradas campas recendendo,
E a leve aura entre os ramos, que aos milhares
De profuso perfume atomos rouba,
E o concorde com ella almo murmurio
De purissima fonte em varias voltas
Entre as floridas margens vagueante,
Invejar quasi te não fazem, lendo,
Esse dia, que pouco no intellecto,
Todo no coração racionava?
Quando dizia alguém: com estes olhos
Do caro amigo meu os moribundos
Olhos eu vi nadarem para o céu
Aberto, o sol buscando; huma centelha

Pois deste eu mesmo tirarei, que possa
Lá embaixo, aonde o amado corpo dorme,
Parte levar da alampada diurna.

Certamente, se mais cresce e progride
Este nosso saber em seu discurso,
Todos a terra tragará desfeitos

Os monumentos dos que hum dia forão: (8)
Tambem, ó Pindemonte, as brancas urnas,

Que nos bellos recessos das extensas
Quintas collocão, e de largo pranto

Banhão viúvas britannas, pais sem filhos:
Tambem da terra etnea as atras salas:

Só nos teus versos se verá vestigió
Dellas, e alguma alma melhor por ellas

Sentirá quanto, com funerea vista
Temperadas, as tacitas delicias

Mais erão caras; nem correr contigo
Os longos poderá escuros claustros

Sem hum gelo, que toda de agradável
Repugnancia apertar lhe faça o peito,

E, quaes erão em vida, ver os rostos
Dos cadav' res em pé reanimados

C'o antigo movimento, e o solto pranto,
E as queixas, e os delirios amorosos,

E da gente devóta ouvir os gritos.

Quanto a ti, doce minha patria, perto
Do vertice já estás do novo siso,

Que os admirados pelo voto acorde
De infalliveis ouvidos, porém mudos

Ao coração, Arbaces, e Demetrios,
E Cyros (9), com thesouros despejados

Folgas fazer soberbos, despeitosos;

**E quanto ouro tu em marmores trocasses,
E em perennes signaes para os illustres
Sepultados, do Adriá (10) parecêra-te**

Em o golfo voraz lançado ao fundo.

Onde eu firo sei eu. Em paz supporta,

Que bem te assenta, a increpação: he esta

D'Hugo a raiva, que eu bebo, e me exacerba.

Ingrata! Hum só de ti nascido houveste

Da gloria alçado aos principaes assentos,

Das Pierias (11) Alumno, ousado e casto

Esp'rito, labio divinal, que á frente

Bem podes collocar de quantos summos

D'aureo derão o nome ao melhor se'lo:

E pouca terra, e já esquecida o cobre.

Quem mais erguerá voz a defender-te,

Se teu lento estupor, teu plumbeo senso

Mostras, e zombas do orgulhoso estranho?

E oh! mal, exclamas, mal por ti veladas

Noites desse alto sabio! Elle c'o seu,

De nhum exemplo imitador, e nunca

Imitavel a alguém, sublime riso,

Quiz agradar-te, e a nũ pôr-te a vileza

Desses aos quaes só sabes chamar grandes;

Mas canto foi ao mar e ás surdas rochas.

Verdade he pois? Não o direi; que embalde

Quizera eu discernir se a torpe fibra

Ou á serrada avareza, ou se a gelada

Sabedoria, ou a todas igualmente

Estas causas se deva em ti conjunctas

O ingrato animo teu. Mas tu embellezas

Todo ultraje, que alguém queira lançar-te.

Nós tambem, nós tambem éco fazemos:

O negado á piedade alcança ás vezes
O pejo: oh atroz despeito! Ah hem, e sentes
Amigo; pois eu vejo te perturbas,
E suspiros do peito irados soltas.
Comtudo a verde idade, e o invejoso
Recinto eleito dos teus tenros annos
A ser custodio, a ti não permittirão
O veres caminhar sobre os enfermos.
Flancos, e enfermo pé lentas as formas
Altivas, e o aspecto mais que humano
Do venerando ancião, e os eloquentes
Olhos correr entornô, e vibrar dardos
Sob as arcadas da pestana angusta.
Nem das suas palavras tu sentiste
Dentro d'alma soar a immensa cheia,
Quando elle abria no inspirado assento
Os mysterios do bello, e revelando
Os da natura amplos thesouros, todas
Do céo, da terra elle abraçava as cousas,
E muitas vezes em o honesto albergue
Dado me foi das intimas cortinas
Dos seus repousos assentar-me junto,
E dos membros fazer-lhe ao peso enfermo
Apoio do meu braço em varias ruas.
E descia a me dar brandos conselhos
Com que não menos á virtude incerta
Que ao imperito estylo auxilio dava,
E tambem, oh prodigio! algumas vezes
Me fizeram ditoso os seus louvores.
Ah! pois que d'ouro copia me não coube
Com que possa emendar a summa injuria,
Porque ao menos a mim se não consente

Urdir com a divina arte dos versos
Obra tão nobre, que á mais tarda idade
Possa d'elle fallar perpetuamente,
E quanto eu o adorei sempre reconte?
Como isto he, Delio, huma impossivel cousa,
Outro ao pio desejo o alento seja.
Os desertos terroes, onde aos milhares
Homens estiva immemorada morte,
Ver-me-hão muitas vezes, pela mesta
Selva das cruces, estampar devotas
Pegadas, e offr'ecer-lhe expiadora
De pensamentos, prantos, e palavras
Grata hostia. Tambem meu companheiro
Quero-te, ó Delio, na feral campina;
Ahi tambem descanso tem os ossos
De tua mãe, coitada, que te deu
Á luz apenas, e que a ti, colhido
No thalmo infeliz, dava os primeiros
Affagos e sorrisos, quando a eterna
Noite fechou-lhe os olhos amorosos,
E tirado lhe foi o expremet-te
Leite do seio, e á longa diligencia
Do amado berço estar sentada, e os teus
Vagidos consolar com suas vozes.

Quando do céo nos azulados campos
Scintillão as estrellas, e sem lua
A meio o curso he mais callada a noite,
Nós marcharemos: dobra o gosto, e a força
De meditar então, nem ao profano
Riso de olho vulgar nos exporemos.

Já me apraz do sagrado pensamento
Toda a mente occupar. A hora queda

Está dando: o caminho já nos leva;
Das rodantes esferas eis a immensa
Pompa admiramos: prescreveu a todas
Indeclinavel lei vontade eterna,
E a não preferirão nem de hum só ponto.
Ah sim esta, que em nós vive, e que toda
Entende essa harmonia, huma faisca
He do Eterno, e da morte o jus não teme.
E quando o fragil, que a circumda, desce
A' campa, ella do Eterno ao seio volta.

Já não fallamos. Tacitos, e muito
Essa doce esperanza em nós volvendo,
Illudimos a via.... Mas de longe
Ai qual no coração rouco ruido
Interrupto me soa! mais, e mais
Vem se chegando. São as surdas rodas
Pela calçada conduzindo o monte
Dessa carne plebéa, que deu hontem
A morte p'ra ser pasto á voraz terra.
Chega o plaustro funesto, e aonde aberta
Voragem já o espera as varas volta.

Em hum globo de fumo infausto lume
De pingues tedas lhe rubeja aos lados. (11a)
Já descobrir-se o grande esquite eu vejo.
Quem são os dous membrudos, que saltarão
Sobre os tristes despojos, e entre os risos
E as blasphemias, agarrão pelos braços
Hum, outro pelos pés, e ambos acordes
Os corpos nus na vasta cova lanção?
Assim era talvez, ó patria minha,
Sepultado o teu vate! Ai! espantada,
De idéa tão atroz a alma foge.

Para irmos outra hora escolheremos.
Melhor fôrta levado nos houvesse
O vago immaginar a outras cousas.
Qual agora haverá nas encomiadas
Folhas lugar, que, a desviada mente
Chamando a si, ao seu assumpto a torne?
Eis adumbrar-se no dançar das horas
Suave engano, e da fuginte vida
Ultima Deosa a Esperança; eis quedos
Jazer com brandas sombras consolados
No patrio solo os ossos. E na mente
Grande impressão deixarão-me os temidos
Pelas mãis em o somno uivos, lamentos
De inexpiado lemure, e o nocturno
Horror no mar Eubeo de homens e de armas
Resonante, e de tubas e cavallos.
Ahi os gemidos, hymnos, e das Parças
Veridicas o extremo immortal metro.
Quasi em aureo bordado altos enfeitos
De carbunclos vivissimos, e pelras,
Muitas optimas cousas recommendão
A hum e outro escripto, e se de Electra
Moribunda eu quizer lembrar o voto;
Ou de Cassandra o nao ouvido carne,
O andar incerto, e o apalpar do cego
De interrogados tumulos no meio;
Convirá que eu a ti todas repita
Quaes estão as palayras, pois escaço.
E rouco já se torna o meu discurso.
Mas diz: a estes, que de huma obra nobre
Não vulgar ornamento eu teço e adorno
Louvores espontaneos, se elles de outrem

Chegarem á noticia, não consentes,
Que eu plena adquira fé, essas mostrando,
Que não póde fugir natura humana.
Em tanto brilho não culpaveis faltas?
Quando em pobre tecido os olhos firão
Nodoas ou muitas, ou asquerosas, sempre
Optimo estimarei de quem se calla
O conselho. Porém aqui d'Eurito (12)
Não te enregelá o attioizar vasio; (13)
Nem, sacudindo com baldado estudo
As azas para levantar-se a vôo,
Infeliz se profunda em o seu lodo
O palustre Filargo (14). E oh vós ditosos,
Hugo e Hyppolito, aos quaes o ascreo fantasma, (15)
Que ao nosso se'clo delirante infesta,
A luz não falseou da intelligencia.
Monstro enorme e diverso, elle da arte
S'ergue tyranno, e com pasmosa fraude
Da Natura e Verdade occupa o throno.
Mal do semblante e dos estranhos membros
Discernir pódese se figura humana
Ou outra, e qual, devas chama-la. Em novas
Maneiras redobrada de seus hombros
Pende de côres mil betada estola,
Onde o errante ouropel nunca no mundo
Conhecidas creou flores e folhas.
Fita os olhos nas nuvens, e o direito
Index alçado, a passos longos, saltos,
Elle costuma a desconformes danças
Ebrio lançar as plantas. Desta guisa
Elle por toda a Italia anda devasso
A corromper, se o possa, inda os melhores.

O' juvenzinhos, fugi deste iniquo:

Pois hum incrível de maligno effeito

A venefica vista influxo chove.

E os miseros, que vã illude e attrahe

Maravilha ou deléite a contempla-lo,

Obcecados em todos os sentidos,

Como quem veja por febril lethargo,

De cousas, que não são, que ser não podem,

Em deploravel modo enchem as folhas.

Zelo do recto, e justa dôr me hão quasi

Emulo a ser do inexoravel Cromi, (16)

Com o importuno declamar, levado:

Nem até aqui mostrou a ingenua falla

O que ella ameaçou de leve nota.

Vamos a isso. Tu bem vês quaes vias

Diversas agradarão aos diversos

Dous talentos. Aonde hum vallesinho

Ameno existe, silencioso, e mesto

Por grata escura sombra, este, com porteo

Humilde, lento pelo hervoso clivo

Passeia, e os mansos olhos gotejantes

De lagrima querida ao céu erguendo

Sorri de quando em quando. Mas o outro,

Que limites desdenha á sua vista,

Por altas penhas, por alpestres rochas

Atrepa transcendente; o que ha mais prompto

Cume, de ribanceira em ribanceira

Alcança perigando; alli se poussa,

E a terra subjacente elle percorre

Toda dos olhos com hum lance, e freme

Taes o meu pensamento os afigura

Hum e outro; a cad'hum, se não me engano,

Pódes unica taça oppôr da sua
Virtude o excesso. Emquanto n'hum o estiloso
Seu mais caro louvor faz de modesta
Simplicidade, e natural castidura,
E folga apparecer qual limpo rio,
Que nunca sóbe, e serpentea ás vezes
Demais humilde; e ha a quem pareça
Profuso além do justo: apraz-se o outro
Demasiado açoitá onde de poucos
A intelligencia, e o sentimento chega.
Porque também com tão bonita imagem,
Bom Pindemonte, embellezar não posso;
Como soubeste, a critica amigavel?
Que a elle mesmo reverente, e franco
Renova-la óusaria este meu labio,
Nem desdenhoso, como quem despreza,
E aborrece, o veria eu os seus olhos
De mim torcer, se ao generoso peito
Assim o meu fallar se abrisse a via.
Sublime e austero engenho, a seu talento
Grasne a chusma: de vate soberano
Terás devida cróa. Só te lembre
Que homem, fallas a homem, e que os outros
Ferrar, sobre o que tu no pensamento
Mais que humano modelo te createste,
Em vão esperas; e eu também quizera
Accrescentar: Porque tu tão excelso,
E de toda alta cousa amator sempre,
O voo das humanas esperanças
Não curaste levar além da campã?
Embalde disso co'a fecunda mente
Accumulas defeza; eu não te absolvo

Attende, o Delio, em tuas duas
Primeiras fontes; que indiques, ás vezes
Provir vicio á palavra, e não pensamento;

Tambem á ordem, que em seu curso o rege;
Ordem recta ambos tem, e qual commuito
De idéas contender emfim a elege;
E sempre a tem quem do seu siso hé dono;
Mas de Hugó toda a arte hé de occulta-lá
De modo que com custo á descortinas;
Aberto e nú constantemente a ama
Hyppolito e talvez qual não seria
Em pedestre sermão elogiada.

Dos pensamentos seus ou raramente,
Ou nunca a descuidar anel se atreve,
Do primeiro passando ao immediato
Objecto, e assim adiante progredindo
De degráo em degráo. Ora ha motivo
Ás vezes de imputar-lhe atraído,
Ou apagado affecto em nimio jogo
E embellezar-se em repetidas vozes?
Valha a verdade: de maligna lente,
Que os deslumbrantes raios escurece
E descobre, e engrandece a toda mancha,
Nossos olhos armar não nos apraza.

Já nos arrasta a irresistivel força
Deste na profundez da sua mesta
Doçura: o céo formou a tal virtude
Esta alma bella sobre qualquer outra,
Que tem agora habitação na terra.
Ao seu chorar quem te não chora, ó Elisa?
Suave e honesta amiga, e mai eximia,
Então foi vão dessa esperanza o raio,

Que da cruel doença nos prolongados
Tormentos selva já te promettera
Ao casto amante? Emfim, tu succumbiste
Oh de que amor, de quanto amor ardeo
Por ti sem puro chapão! Agora
O que fará? De quizes doces lamentos
Enche os vales, que o Ádige (17) fecunda,
Contando a sua dôr! Sómente em vida
O sustenta hum conforto, e alegre brutho
Pinta-lhe ás vezes sobre a fronte: o dia
Olha de longe do eternal descanso,
Em que elle te reveja inda mais bella,
E á tua santa companhia volta.
Escutemo-lo, o Delio, e tu do céo
Ouve-o ditoso esp'rito. Oh! como todos
Nós mergulha por ti os sentimentos
Ebrios na idéa da segunda vida,
Quando de massa incorruptivel feitos,
E em ether subtilissimo mudados,
Nem dôres mais, nem lentidão, nem lucto
Conhecerão estes caducos membros;
Nem de terras confinns, nem de oceanos
Terá a nossa liberdade, e os céos
Correremos immensos avoando
Sob esplendidas fórmns, sempiternas
Hymnos cantando de leuvor, e em doces
Abraços enlaçados, sempiternas
Contradanças tecendo, no summo Deos!



OS SEPULCHROS.



IV.

CONTENTS

VI

OS SEPULCHROS.

CARME EPISTOLAR

DO DR. LEUZ VICENTE DE SIMONI

A REALIDADE DOS SEPULCHROS.

Alanset Omerico Alundes

Naturae clamat ab ipso
Vocatumus

Já seu disco brilhante o sol esconde
 Atraz da serra Tejuçana. As nuvens,
 Que espalhadas no céu pairam inermotas,
 De hum tristonho rubor todas tingidas,
 O dia, que já morre, estão chorando? (1)
 No bosque solitário os mudos ramos
 Tremulão sob o pé do passarinho,
 Que vai-se recolhendo as vespertinas
 Borboletas pelo ar humilde e fúcco
 Errão incertas toas cimenças azas
 Inda mal firmes e pallidas no céu
 A scintillar começo as estrellas,
 E a repetir com mil pequenas vozes
 O que com huma grande voz dizill

Existe hum Creador, hum Deos eterno.
 Discorde som, com lugubre tinido;
 Múltiplice surgio das elevadas
 Torres dos templos: os sagrados bronzes
 Já dos santos do céu com voz festiva
 Não applaudem á gloria; a dôr succede
 Ao jubilo da Igreja, e nestos cantos
 Já da crastina luz a lamentavel
 Tristeza, e as afflicções já preludião.

Amanhã, ODORICO, escuras vestes
 Trajarão com o povo os sacerdotes,
 E a dôr, o affecto, a gratidão, a estima,
 Da morte os mil tropheos em sacros claustros
 Exporão desús e vista n'os portões
 Oh! como he providente o pensamento,
 Que anticipa da dôr n'alma a presença,
 E o coração prepara a hum largo pranto!
 Dormirás tu, com esta idéa, o somno
 Do material atheo, que como o bruto
 Deita-se, os olhos fecha, e só desperta
 C'ò intento de fartar seus appetites,
 E nunca além de si seus votos leva?
 Fechou talvez teu coração as portas
 A quem já não existe, e da saudade
 Não pulsa mais dentro teu peito o termo
 Palpite, que a chorar leva hum amigo
 Ao amigo perdido, hum pai ao filho
 O esposo á sua esposa? Em tom áttivo
 De orgulhoso philosopho, ou com impio
 Escarneo mojarás da piedade
 Do povo, que, já triste e compungido
 De amorosa afflicção, vai se dispondo

Ao lucto, e que amathãa em negras turmas
Irá dos mortos visitar as cinzas,
Conforta-las com pranto, e sobre as urnas
Ler no nome do extincto a propria sorte?
Não, amigo; jamais iniqua e seca
Foi a alma do vate a quem os ternos
Versos do Mantuano (2) huma suave
Deleitosa impressão causão no peito,
E derramão no esp'rito hum doce encanto.
Tu, da divina voz desse mavioso
Melancolico, genio o pranto ouviste,
Que do tumulo a nós pedem os manes
De quem nosso amor teve, e co'a linguagem (3)
Fiel o exprimes do cantor do Gama,
Que a morta Ignez eternizou co'as sacras
Lagrimas da piedade, e que do orbe
Fez por ella chorar consigo os povos.
Dize-me tu, que, de tão grandes almas
Digno e sagaz imitador, te lembras
Do teu amigo extincto, e entristecido
O choras, póde a dôr, póde a tristeza
Affectar a materia, e da materia
Ser singela expressão? póde do homem
Igual ser á do bruto em tudo a morte?
Já no corisco dos teus vivos olhos
Vejo a resposta; e não he vil materia
Quem m'a dá prompta, affectuosa, e nobre.
Sim, teu esp'rito o terno sentimento
Do commovido coração revela.
Já c'hum suspiro as lagrimas te correm
Pelas faces, que a dôr torna mais vivas;
Choras e fremes, que os queridos manes

Lembras de quem amaste, e a dura injuria,
Sentes de quem mais destruis, pretende
Que a mesma morte, e da segunda vida
Aos teus caros, e a ti negar, a doce
Consolação, e em seus iniquos dogmas
Nos irmana c'o bruto, e o pó da terra.
Socega, ó generoso; o sacro enfado
Despe, que o mesmo céu hoje se aplaca
Mais propicio a quem jaz, e só bondade
Reina da expiação no grande dia.
Compadece-te sim, mas nunca odées
Ao homem, que á verdade os olhos serra
Illumina-o se podes; não aggraves
A desgraça fatal, que o traz perdido,
Na illusão, ou no crime. O muito sangue,
Que desde a criação correu na terra,
He devido ao furor, ao violento
Desejo de vingar a propria idéa,
E de impô-la com força a quem a impugna.
Outras almas tambem toda sentirão
A injustiça cruel, que com as ciazas
Dos extinctos pratica irreverente,
C'o manto da razão, a impiedade,
Italo genio, como tu, de santa
Ira também ardeo ao ver desertos
Os cemiterios; e interditos mesmo
Ao pé dos vivos, e quaes mortos brutos
Atirados na coya humanos corpos;
E, sem honras, sem lousa confundidos
Com os do criminoso illustres ossos,
Que animara a virtude, e que das Musas
Fizeram resoar o divo canto

Pela italica plaga. Exagerado
Da liberdade o santo entusiasmo
Suffocava a rasão, e os delicados
Sentimentos, que só de alma tranquilla
Podem reinar no peito: a lei tyranica
Té no sepulchro ao merito negava
Nome, e honra distincta, e da igualdade
Tudo vulgo tornava a falsa idéa.
Fremito e horror de FOSCOLO no forte
Animo generoso isso movia;
E quasi a detestar a especie humana
Seu coração levava, que de humanos
Sentimentos ardia, e d'amor santo
Pelo bello paiz onde nascera;
Por essa Italia, que rainha hum tempo
Fôra do mundo, e que da prisca gloria
Só conservava o genio, e as mil reliquias,
E das artes o templo, onde a rapina
Ião mesmo exercendo os que dos Alpes,
Com a espada e o canhão, alardeavão
Haver descido a quebrantar-lhe os ferros.
Mas, oh! não ao furor, não ao da espada
Auxilio recorreu. Filho das Musas
Elle das Musas só pugnou co'as armas;
E aos corações fallou com a sublime
Linguagem dellas; com o doce canto
Revindicou do illustre vate as cinzas
Das mãos do esquecimento e do desprezo;
E aos tumulos chamou do povo o antigo
Religioso amor, que desertara
Do sacro campo dos avitos manes.
Delle á voz acordou de PINDEMONTÉ.

A lyra toda amor, toda docura,
E, sobre hum caro tumulo, foi eco
Do sublime cantor, que dos sepulchros
Animara outra vez as mortas cinzas,
E do vivo as saia, em ternos modos,
Fallar ao coração. Buscara aquelle
Nos sepulchros confortos, esperanças
Contra a desolação; este de rosas
Os tumulos cercou; dos cemiterios
Fez amenos jardins, onde o deleite
Goza-se ao pé da morte, onde se inhala
Por todos os sentidos huma doce
Felicidade. Tu, com elle, sempre
Quizeras, sim, estar entre os sepulchros;
Surdo por algum tempo ás sacras vozes
Do primeiro, inda o povo abandonava
A cidade dos mortos, mas o dia
Do triumpho chegou para o divino
Interprete do ceo, e quando o canto
Soltava o outro, na maviosa lyra
A reforçar do generoso mate
Os clamores magnanimos, e os santos
Direitos a vingar dos sacros manes;
Já Verona abrogara a lei tyranica.
Mas quem aqui tributar heita aos mortos
Nos veda? Quem se ti do nosso culto
Pela cinza do avô, do pai, do amigo?
Poucos; sim, poucos, ODDRICO, os impios
São nesta terra. A santa loiderdade
Aqui do Throno abriga-se na sombra,
E respeita de Deos o altar e o templo,
E justa e advegdã do povo deita

Seus costumes, seu culto. O Brasileiro
Ama, respeita, adora os sacros restos
Dos seus queridos: elegantes urnas
D'escolhida madeira abre aos seus ossos,
E os vai cad'anno visitar n'huns claustros
Onde, em feira de morte, e, de sagradas
Luzes cercadas, as funereas arcas
Hum devoto costume ajunta, e arranja
Com luctuosa pompa. Ah! se elle pecca
He de excesso talvez no sacro culto,
Por nimio amor, ou porque ás vezes junto
Falla com este o vão orgulho, e o luxo
Introduz onde só pisar deveramos
Do sentimento, e do respeito as plantas.
Amanhã tu verás quanto, e qual pranto
Soará nesses funebres recintos,
Qual concurso de povo esse apparatus
Tornará mais solemne. Hoje, comigo
Prepara o teu espirito, e nelle infunde
Reflexionando a convicção profunda
Segue-me, sim, e a virgiliana tromba
De copada mangueira em velho tronco
Pendura, e de Thalia a doce lyra
Em hum tamarinheiro, ou alli n'hum ramo
Dessa arvore, que já c'os succulentos
E tumidos pedunculos do fructo,
Ao qual não morde impune o incauto labio,
Te apagou nas manhãs a ardente sede;
Ou no ramo do qual tu despegavas
Ha pouco a da cereja irmã c'roada
Madura grumichama; pois queridos
Mais aquelles nos são, que bem nos fazem.

Outra lyra que do Thébano (5) virá
Que da olympica arena aos céos erguia;
O vencedor suado, e pulveroso,
Ufano só porque lançara a terra
Com encourado cesto à outrai homem;
Ou vencera em correr sobre hum cavallo,
Ou primeiro chegara em veloz carro;
Outra que ad' Amphião, que actantada
Co'a doce melodia em muro as pedras;
Outra que aquella com que feras, bosques
Arrastava consigo, e a cara esposa
Ternamente carpia o triste Orpheo (7)
Este ás selvas, aos rios, aos rúchedos
Choroso o seu amor redemandava,
Para d'elle gozar, e com tal fito,
Segundo narra a fabulosa idade,
Foi pedi-lo á final ao mesmo inferno
Prazeres para mim do cemitério
Não vou buscar ao doloroso claustro,
Antes a santo dôr; que só consola
Affligindo, e em tristeza mergulhando
A alma e o coração enternecidos
Vou delicias pedir, mas para buffem,
Do mundo ao Creator, para os que mudos
Tornou da morte lo enregelado braço,
E cuja extinto corpo abafa a terra
Differente do nosso orço de Homero (8)
Deificava o vicio, e nos celestas
Todas dos homens as paixões cunhava
E do Olympo ha gloria inda no mundo
Rixas, altercações sempre se via
E dos Elysios os felizes campos (9)

Em baixa região nos venturosos
Espiritos do mundo não podião
A saudade extinguir; e fraca sombra

Era alli da mortal a immortal vida.

Com outra poesia, que nas terras

Onde JESUS pisou teve seu berço,

Aonde de Moyses e do seu povo

A criarão os cantos (10) sobre as praias

Do passado Erythreo, quando já salvos

Do irado Pharaó a Deos louvarão,

E sobre o morto Egyptio o mar bramia;

Com essa, que a David a harpa enchera (11)

Dos sons, que os seraphins cantão no céu;

Das idéas, que Deos cria pensando

Na excelsa, omniscia mente, e dos divinos

Sentimentos, que a alma revolvendo

N'hum vortice de amor delicioso,

A submergem ao mundo, e toda em Deos

A fazem reboiar viva e ditosa;

Com essa, que da Assyria na fornalha

As linguas inspirou dos tres mancebos, (12)

E a respeitou pasmada a mesma chamma;

Com essa, que rompeu dos mudos labios (13)

Do velho Zacharias, e do Eterno

Os favores cantou feitos ao seu

Povo, que libertar vinha, e remi-lo;

Com essa, que saudou de hum Deos nascido

A humanidade infante, (14) e que na pura

Lingua da eleita Mai magnificava (15)

As graças com que a enchera aquelle summo,

Que abate o poderoso, exalta o fraco; (16)

Com essa emfim, que nada tem do mundo

Senão o que ha mais puro, e mais sublime,
E do homem e de Deos amor respira,
Vamos pios buscar o céu na terra,
Ou desta ao céu subir co'as grandes azas
Do pensamento; e nesse mesmo campo
Onde a morte assigna-la os seus triumphos,
De idéas celestiaes colher ceara,
E da immortalidade a luz eterna.

Nós não findámos não, quando da campaina
Nos cobre a fria pedra, ou quando a terra
Nossa carne consome e os mesmos ossos:
Outra parte de nós, pura, incorrupta
Sobrevive á do corpo horrivel sorte,
E existe para si, para o seu Deos,
E para quem a amou, como existia
Quando ao corpo a ligava o estreito laço
Ao qual cortou da Morte o cruel ferro.
Sim, ODORICO, o teu perdido amigo
Existe: inda de amor puro e sincero
Arde por ti no mundo onde não pôde
Haver mentira e criminoso olvido,
Capaz de atraiçoar antigo affecto.
Sim, elle vive, e nos ditosos campos
Da região celeste, onde desfructa
Todo o bem e o prazer, inda deseja,
Inda gosta que amor sempre lhe tenhas,
Que lhe sejas fiel, porque a virtude
Ao mesmo Deos, já de per si ditoso,
Agrada e dá prazer, e he virtude
Amar e ser fiel a quem amou-nos.
Elle existe, e amanhã irás tu ve-lo
Em outra casa onde co'a cinza sua

Qual imagem, não sei, ou qual reflexo,
Ha da sua alma, que mil bens já gosa,
Ou por elles suspira, e está somente
Esperando que o som da tua prece
Do céu, para os gozar, lhe abras as portas.
Sim, irás ve-lo, conversar com elle
Abrir-lhe o coração, e lagrimando
Inda lhe mostrarás que não he ingrato;
O amigo que elle amou, que do seu caro
Conserva inda a lembrança e separa-lo
De ti não pôde a mesma sepultura;
Antes a catacumba, a campa, a urna
Mais t'o fazem lembrar; ellas renovaõ
Em ti delle a figura, o porte, os actos,
As amaveis virtudes: tua mente
Revive então com elle, inda lhe falla;
Inda nos braços seus c'o pensamento
O aperta amante, e respeitosa o adora.
Elle a tão grande amor, sem que tu vejas,
Enche-se todo de hum prazer divino,
E nesse doce instante assim contigo
Quasi torna a viver, e ao mesmo tempo
Dos dous mundos os bens feliz desfructa.
« Illusão, illusão, ouço gritar-nos
Huma voz, que se ri: nada ao finado
Toca apóz do sepulchro: ou elle em negas
Moleculas inteiro se resolve;
Ou, se exista em espirito, já nada
Do mundo aos entes mais o liga: o céu,
Ou do temido inferno o claustro o alberga.
— Quem és tu? quem és tu? — Da Natureza
Hum interprete eu sou, — elle responde.

— Ah! mal da Natureza a voz escutão
Teus ouvidos, e mal tuas palavras
A traduzem assim! A Natureza
Falla em nós, e em mim mesmo ouvi-la eu quero,
Não nas tuas lições; pois com seus erros
Talvez teu vicio o seu dictame altera.

Toda doce e mui terna he a voz que eu sinto;
A que de ti me vem, me desespera.

Foge, e deixa-me só c'õ meu engano:

Se elle he tal, he suave, e me consola.

Solitario, ODORICO, dos sepulchros

Chega-te sempre ao doloroso campo

Não com outrem ao lado a dar conselhos,

E perturbar o natural effeito,

Que elles movem em ti: mas sobretudo

Não vá contigo espirito leviano,

Que de tudo se ri, e muito menos

Hum philosopho tal, que frios tenha

Como hiberno luar o peito e a mente.

Só tua companheira inseparavel

Seja, sim, na visita essa de imagens

Conservadora e artifice, que deu-te

Por mão da Natureza o Mestre Eterno,

Que em nós fez de si mesmo a bella copia;

Salvo o mal, que he imbuta e terreo barro;

E com ella tambem leva esse centro

De todo sentimento, esse, que, em todo

Quanto he do homem o implicado corpo,

A vida com o sangue, e com a vida

O vigor, as funções em continuado

Exercicio conserva: ambos te deu

Quem te formou; ninguem jamais pretenda;

Que sómente com hum vivas, ao mundo.

Ambos te guiem sempre, e serás sabioso
Hum consultando da razão o frio
Juizo, outro o do affecto, e ambos de acordo
Os que dos laços seus nexos resultão,
Tu verás despontar, co'a grande idéa
Da Divindade omnipotente e eterna,
O da religião sublime culto,
Em que do amor e gratidão humana
De per si se traduz a viva chamma;
E ligar-se hum á outra como liga
Si mesma huma substancia á propria fórma
Então verás que indissolvel prende
O coração humano á Divindade,
E a tudo o que traz della a imagem viva,
Hum laço occulto, que na vida e dentro
Da mesma sepultura os liga e os serra:
Verás que relações ternas e doces
Ha entre o céu e a terra, e que as alenta
Hum moral interesse, hum fim divino,
Que aos nossos olhos foge e que guardado
Está na excelsa mente onde gerou-se
Da immensa criação o pensamento;
Que he destas relações moral linguagem
A interprete sublime, e que com esta
Em mil modos c'o céu o homem fallas
Então perceberás como se gera
Os sentimentos, que hum sepulchro inspira
Como se fórma e se traduz o culto
Das cinzas de quem foi, que já não vive
Na terra, mas que vive inda em nossa alma
E no seio de Deos. Té do selvagem

O rude coração o sente e o mostra
De seu pai venerando os frios restos;
Sobre elles derramando hum largo pranto
Na rede os envolvendo em que dormia;
E com elle os seus arcos, suas flechas,
Cobrindo-os de terra, ou em terrão vaso,
Que sepulta depois, os encerrando
Ou d'ostras em hum monte os escondendo
Das feras, e do tempo aos mil insultos.
Do seu filhinho o pequenino corpo
Assim pendura a mãe em hum cestinho
N'hum arvore escolhida onde o embala
Com seu suspiro o piedoso vento,
Que em doce berço vem mudar-lhe a tumba.

A este sentimento e não aos livros
De orgulhoso philosopho secca lingua
A razão do sublime amavel culto,
Que reviver c'os vivos faz os mortos,
E com estes viver ainda aquelles.
Ah! sim, eu ouço a voz da Natureza,
Que por elle me falla e com suaves
Mas poderosas vibrações me abala
O coração, e por escada occulta
Vem, de affecto em affecto, impressionar-me
O espirito na sede em que do corpo
Reina excelso senhor, e pensa, e manda.
Sinto essa chamma, que c'o facho accende
O amor, onde elle apaixonado apinha
Elevar-se tambem, e com a fria
Luz do intellecto misturar-se, e dar-lhe
Alma, vida, calor e movimento
E vivas se gera, deste consorcio

Imagens celestiaes, que todo aos olhos
Enchem da mente do universo o campo.
Tu não me enganas não quando piedoso,
Meu coração; me dizes: ama as cinzas
Dos parentes, do amigo, do homem grande;
Tributa-lhes hum culto; inda os finados
Existem para ti; ora por elles.
Pergunte-me a que fim, com que proveito,
O sarcasmo do estulto e do malvado:
Eu seguirei a teu suave impulso;
Pois tu dá Natureza és em meu peito
O interprete fiel, e o caro filho.
E della e do Senhor, que as leis lhe dicta,
Nem sempre os fins a humana mente alcança.

Mas verdade será que destes ritos
Se não possa a razão ver nem de longe
Pelos olhos do espirito, e que tudo
Nelles seja ignorancia e leuco engano?
Não, me grita huma voz mui semelhante
À que lá do Jordão sôu no valle,
Quando o divino Precursor banhava
Em lympha baptismal de CHRISTO a fronte.
Escuta-me, ODORICO, ella te que falla:

Qual de limpo cristal nido espelho, (17)
Do Creador a mente em si cópêa
Das humanas acções o vasto quadro,
Que do mundo na téa a cada instante
Da virtude ou do vicio a mão desenha
Nesta copia fiel as almas puras
Da celeste mansão habitadoras,
Sempre fitas em Deos, e as quaes o Eterno
Abre o seu coração, e a propria mente,

Em extase feliz, toda contemplão
Do mundo inferior a vasta scena.
Incapazes de dôr sentem comtudo
O prazer, que desperta o bello aspecto
Das acções virtuosas, o desgosto
E indignação, que as viciosas movem
Nos justos corações; mas o desgosto
As excandece só, não as abate
Como ao pobre mortal na terrea plaga.
Assim de qualquer bem, de quaesquer males
Deste visivel mundo ao invisivel
A noticia penetra, e dos viventes
Os votos, as acções, os pensamentos.
Assim as honras, que aos queridos mortos
Tributa a gratidão e a piedade;
O marmor precioso, o eterno bronze
As esculpidas letras, as estatuas,
Que ao merito consagra alto respeito;
As lagrimas, que verte hum puro affecto
Sobre a urna, que encerra caras cintas;
A saudade, que nasce e se conserva
Na solidão de hum coração amigo;
As preces, que devoto o fiel solta
Junto da sepultura; a branda sombra
Do cipreste, que alli planta mão pia;
A flor, que sobre a campa esta desfolha;
Tudo, tudo de Deos e de seus justos
Chega ao conhecimento, e dos celestes
Espiritos affecta em vario modo
A substancia immortal, ditosa sempre
Por quaesquer actos, pensamentos, vozes
Que a virtude se expresse, elles entendem

Sua nobre linguagem, e se alegrão;
E o jubilo dissipa as santas iras
Que despertara o vicio, e tudo he doce
No coração de Deos e de seus santos.
Duplice effeito assim deste sublime
Religioso culto então resulta;
Exaltão-se os terrestres, se comprazem
Os celestes espiritos: de hum lado
Ha progresso e triumpho, e ha d'outra
Propiciação, clemencia; da virtude
Se atêa a chamma no visivel mundo,
E della a emulação, o heroismo
Nascem, e abunda a patria em homens grandes;
No invisivel, aplaca-se das culpas
Perdoaveis a chamma expiadora;
Candidas como pomba ao céu se elevao
Purificadas dos fieis as almas,
Que leve nodoara antiga culpa;
De virtuosos se povoa a terra,
O céu de justos: os espaços vastos,
Que separão do mundo o céu immenso,
Só não trajecta a muda luz dos astros;
Outro puro esplendor, que radiante
Só aos olhos da mente e mui divino
Corre da terra ao céu e deste áquella,
Continuando e veloz os atravessa,
Em sublime commercio enriquecendo
De thesouros moraes o céu e a terra.
He esta a celestial philosophia
A qual não prende da materia o peso,
E de externos sentidos não deturpa
A lisongeira voz enganadora.

Com ella os corações e os intellectos
Elevão-se a pairar nos infinitos
Espaços do creado, e alli conquistão
O que caber não pôde no pequeno
Ponto da terra, immensa aos nossos olhos,
Mas no vasto Universo hum grão de areia.
Ella só do que existe além da campã
Pôde idéa nós dar: ella nos falla
Do céo com o esplendor, côm as da terra
Maravilhas multiplices, côm a vida
C'ô prazer, com a dôr, e com a morte,
Sempre divina e consolante aos lados
Do thalâmo, do berço e do sepulchro.
Sim, do sepulchro ao pé ella realça
O coração, o espirito abatidos
Na tristeza e na dôr, e mergulhados
Na desesperação, no horror que causa
A idéa de acabar, e para sempre:
Como em escura sala, onde penetra
De luz hum rêo por furada porta, (18)
Por bello effeito de convexos vidros,
Dos objectos externos se desenhão
Sobre a opposta parede os vários traços,
E os movimentos das imagens vivas;
Ou como pela luz no de Daguerre (19)
Portentoso apparelho se retrata
Em mais pequeno ponto hum vivo quadro
De bella vista, que em metal copia
O sensível a luz magreio todo, (20)
Cujos traço fugaz prende, e faz firme
O do mercuriô vaporoso bafô; (21)
Assim no fundo de sensível alma

Em que a virtude, e a piedade habitão,
Na escuridão de mystica tristeza,
À sombra do cipreste, ao pé das urnas,
Hum tenue raio do esplendor celeste
Desta philosophia excelsa e santa,
Com indelevel côr, toda do céo
Retrata em miniatura a bella vista,
E as puras suavissimas delicias,
Que do infinito bem, do sol eterno,
Como raios de luz, alli recebem
O espirito immortal fugido á campaa
Ah! quem és tu, que de hum sepulchro ao céo
Me transportas assim antes da morte?
És tu, Divino Amor, e a tua esposa
Santa Religiao, que o homem Deos
No Golgotha sellou com o seu sangue?
És tu, que magestosa, e refulgente
De purissima luz, estás sentada
Dos Cesares no solio, e das divinas
Bellas artes no seio a fronte adorna
C'o celeste esplendor, que ellas derramão
Sobre a inerte materia á qual do bello,
Como o sopro de Deos de Adão ao barro,
Com o encanto e o primor da vida e falla
Tu as chamas, sim, a levantar teus templos,
Teus altares a ornar, e a santa imagem
Nelles a expôr da Divindade, e as sacras
Effigies de seus santos; sobre as lousas
A erguer, com o da cruz, os da virtude
Magestosos tropheos, que a morte vencem.
Por ti como he JOÃO, como he MATHEUS (22)
Apostolo do céo que ás almas falla,

Apostolos, tambem, para os sentidos
São delle os Raphaelis, os Bonarottis,
Cujos bellos pinceis, eijos portentos
De ousada architectura enchem a mente
Com a idéa do bello e da grandeza,
Que imagens são da perfeição eterna.
Tu unica, tu fixa, inalteravel
Como o nume immortal a quem adoras,
Gozas do seu amor, e affectuoso
Elle teus passos guia, e te illumina
E tu, por essa luz, o céo, e o bhemem
Conheces, sabias e justa, e todas deste
Chamas a honrança Deos as faculdades
Oh! como ao coração, e ao pensamento
Falla o teu culto! como tenno e triste
Toca suavemente, e como canto,
E com a melodia os exteriores,
E os internos sentidos! N'hum teu claustro
De ciprestes plantado, abnda os cedros
Com a pallida rosa, a fusca adalia,
A murta e da saudade a flor vegetta
Companheiros dos mortos, e em mudo
De jazentes congresso, unico, firme
Orador eloquente a morte falla
Eu contigo me quero ao pé das urnas,
Quando o sol, que baixou ao occidente
Em languido crepusculo nos mostra
Que ainda não morreu, e atraz dos montes
« Voltarei, voltarei, diz com seus raios
Vós tornareis a ver-me em outro dia.
Ah, me parece então atraz da urna
A voz ainda ouvir do extincto amigo

Que me diz: « Não findes; ainda existo
« Em Deos; e voltarei; nós nos veremos
« Quando resplandecer hum grande dia. »
Então desse sepulchro, e dos que em volta
Do luctuoso claustro em varias formas
Multiplicação da morte a imagem triste,
Vejo entorno brilhar hum de virtude
E santidade alto esplendor, que todos
Envolve em sua luz quantos no sacro
Lugar existem de tristeza objectos,
E de horror, e de espanto: o cemiterio
Muda-se aos olhos meus em huma regia
D'anjos, e santos, que com Deos já gozao
Dessa gloria immortal, dessa indizivel
Felicidade, que não ha na terra,
E que com o seu Deos confunde o homem,
E nelle o faz viver ditoso e eterno.
Já sepulchros não vejo; he cada urna
O assento de hum celeste; eu vejo os vultos
De sombras não, mas de luzentes almas,
Que brilhão de prazer, que, satisfeitas
Do seu novo destino, humas ás outras
Se chegão, reconhecem-se, e se abraçao,
Humas co'as outras fallão, recontando,
Esta como deixou do mundo a plaga,
Outra como a salvou do amigo a prece,
Outra como á virtude a gloria deve.
Mas a voz de hum Arcanjo: (24) « Ao céu, ao céu,
Grita, desenrolando hum estandarte
Aonde com a cruz esplende a effigie
Do divino cordeiro: « Ao céu, ao céu,
« Que visitada está vossa morada

« Terrena, e já da piedade humana;
« Presenciastes o culto, e grato a Deos;
« Chegou seu holocausto: erguei-vos justos,
« Que não visteis ainda o Ente eterno;
« Vinde: estais redimidos; destes santos
« Misturai-vos c'o bando, e ao céo voemos.»

Cresce a turba ditosa, e de repente

Mil e mil azas debatendo os ares
Hum tumulto produzem, hum estrondo
Como o de muitas aguas (25), que na praia
Vão ao longe cahir, e desfazer-se
Em branca espuma. Candida se eleva
Dos voantes a nuvem: já no céo
Perde-se á minha vista, e só mil hymnos
De jubilo soar, e de mil lyras
A suave harmonia ouço de longe.
O' ditosos, então, ó vós ditosos,
Exclamo, que do mundo o triste valle
Trocastes co'a do céo bella morada;
Vós, que na sepultura adormecestes,
E acordastes em Deus, e que sagrado
Tendes do corpo o leito, e d'alma o pouso;
Vós, que, dormendo aqui somnos tranquilllos,
Em mais tranquilla paz velais nos astros!
Descançai, e gozai, ó venturosos,
Que da terra e do céo sois os queridos:
Amor e gratidão aqui vos honrão;
Lá clemencia e bondade, em sempiterna
Gloriosa ventura, a vossa envolvem
Nova e santa existencia, e aos vossos olhos
Do primeiro dos bens mostram a face,
Descançai, e gozai, que ainda hum dia

Nos veremos ; e então os nossos braços
Apertarão c'o jubilo dos santos
Nossos peitos felizes : nossas vozes
Com as dos anjos misturando, o eterno
Hymno de gloria e paz entoaremos,
Ao increado Amor, que no seu seio
Nos abrirá da eternidade o centro.
Adeos, adeos : já dos sepulchros toda
A linguagem ouvi : da fera morte
Já não me afflige o aspecto, e no seu ferro
A chave eu vejo das celestes portas.



1. *De la nature de la vieillesse*
 2. *De la nature de la jeunesse*
 3. *De la nature de l'âge mûr*
 4. *De la nature de l'enfance*
 5. *De la nature de l'adolescence*
 6. *De la nature de l'adulte*
 7. *De la nature de l'homme*
 8. *De la nature de la femme*
 9. *De la nature de l'animal*
 10. *De la nature de la plante*
 11. *De la nature de la pierre*
 12. *De la nature de l'eau*
 13. *De la nature du feu*
 14. *De la nature de l'air*
 15. *De la nature de la terre*

OS SEPULCHROS.



V.

WORLD BOOK CO

v

OS SEPULCHROS.

CARME EPISTOLAR

SOBRE

o CEMITARIO DA SANTA CASA DA MISERICORDIA,

PELO

Dr. LUIZ VICENTE DE-SIMONI,

Theodoro Caunay.

Mult! sed omnes illacrymabiles

Urgentur, ignotique longa

Noctis, carent quia vate sacro.

HORAT.

Multos: mas todos — nunca chorados,

E longa noite — desconhecidos.

Preme-os, pois, faltão-lhes — vates sagrados.

Já reluz no Oriente o sol mais bello

Ao qual morrer no occaso o mundo vio

Da vespera ao cair, quando as estrellas

Com tremulante luz mudas sahião

O vasto a consolar horror nocturno

Brilhão em outra parte hoje os seus raios

Que das aves sauda o ledo canto,

E que ás gotas do orvalho alegres frangem

Pelas hervas do morro, onde liba-las
 O matutino zephyro vem quedo
 Quasi tema acordar quem lhas dispute.
 Toda riso e prazer he a natureza,
 Toda de nova vida a face toma
 E *passageira*, diz, *foi minha morte* :
Alegrai-vos mortaes ; tudo revive.

Isso mesmo, THEODORO, ella dizia,
 Quando em bella manhã tu da Gamboa
 Passeavas no morro, e alli, no meio
 Da vida universal, teus pés quebravão
 Humanos ossos, e sentada a Morte
 Em lousa sepulchral muda guardava
 Os despojos do Sueco, e do Britanno.
 Alegria e prazer, ella, nos falla
 Com bellissimo aspecto, e lá das torres
 Bradão com sacra voz bronzeos arautos :
 « Hoje he dia de pranto, e de saudade :
 « Vinde, vinde, fieis, ver caros ossos ;
 « Vinde regar as mestas sepulturas
 « Co'as lagrimas da dôr, e junto dellas
 « Erguer ao céo da piedade as preces. »

Alegrai-vos mortaes ; e ao mesmo tempo
 Vai enchendo o sepulchro, e multiplica
 Os tumulos no campo e na cidade ;
 E desaparecendo a cada instante
 Vão os homens da terra, e huma á outra
 Cedem do mundo as gerações o alvergue.

Mente ou zomba seu labio ? Este contraste
 Explica-me, THEODORO, ah-dize, dize-me
 A morte não he hum mal ? ou he breve a morte ?
 Do homem que expirou ? elle renasce

Como o sol, n'outra parte inda mais bello,

E aonde elle renasce he tudo vida

Como quando revive o sol no mundo?

Falla: mas não; antes que tu respondas

Ao coração me falla huma voz santa,

Que delle sobe a illuminar-me a mente;

E da immortalidade eu vejo a face,

Que brilha como o sol em outra plaga.

Ah, vem comigo visitar dos mortos

Os sagrados jazigos: se na tumba

O homem não acaba; se com elle

Inda eu posso viver além da campa;

Se lhe pôde valer minha virtude,

E faze-lo outra vez nascer em Deos,

Impio fôra meu pé ficando immoto.

Deixa o lugar em que a latina lyra (1)

Tangias docemente alli carpindo

Outra Eurydice ao thalamo roubada

Do seu recente esposo, a joven bella

A virtuosa Young, (2) digna do pranto

Nocturno de outro Young, e o valoroso

Hoguendorp, (3) esse Batavo que aos lados

Do grande vencedor corraera os campos,

E de trabalhos mil emfim descança

Já das Musas as lagrimas cahirão

Sobre os louros, que os cobrem; orvalhada

Inda he dellas a relva, que o sepulchro

Cobre do caro seu joven alumno, (4)

Que cheio de talento e de esperanças

Trocou com o cipreste os frescos louros,

Cujo verdor já lhe adornava a fronte.

Retiradas da bulha e do tumulto

Na enseada onde o mar placido dorme
Tenhão todas allí somnos tranquillós;
Ou, se lhes he pesada a terra estranha,
Desse ameno lugar nos livres ares,
Sempre á vista do mar, que tanto amaráo,
E do nortico céo, que em vão suspirão,
Passeem pelo morro entre as mangueiras,
Ou sob outro arvoredo as tristes sombras
Dessa gente infeliz á qual da patria
Não foi dado o voltar ao caro seio,
E de hum parente seu morrer nos braços.
Ah! valer não lhes póde a nossa prece:
Por elles só nos falla a natureza
Pois a religião.... O horror me gela
O pensamento. Oh malfadadas culpas
Dos principes! só huma inteiras fere
As gerações. Lascivia, orgulho, e raiva
Sobre hum throno o maior sao dos flagellos:
O povo o soffre, e a tarda idade o sente. (6)

Outra parte nos chama, outro de mortos
Povo immenso; multiplice, diverso
De côr, de origem, condição, destino;
Catholica nação na qual se fundem,
Depois da dura, inevitavel campa,
C'o brasileiro povo outros, que o mundo
Aqui da morte ao nunca obtuso ferro
Nas azas da esperança a cada instante
Manda de partes mil: mui differentes
Este os ceifa, e depois de breve tempo
Nada ha mais senão cinza, e brancos ossos.
De terreo vaso em soterrado bojo (7)
Já não dorme encolhido o Brasileiro,

Como da mãe no ventre, e semno eterno,
Ou na rede envolvido em que na vida,
Nos ramos pendurado elle pousava,
Nem por tumulo hum cumple tom d'ostras,
Pyramida pequena onde repousos
Teve por muito tempo o indiano chefe
Tranquillo tanto como já de Memphys (8)
Egypcios reis, sob as petrosas moles,
Barbaros monumentos onde o tempo
Alto desmentidor do humano orgulho
Os foi desencavar dos encerrados
Monolithos sarcophagos, rasgando
Da mumia a capa e dispersando os ossos.
Catacumbas, carneiros, ricas urnas
De madeira ou de pedra (9) ou pouca terra;
Eis os sepulchros, que a miseria e o luxo
Abrem desta cidade aos habitantes,
Ou n'hum templo, ou n'hum claustro, ou em triste campo
Onde só do coveiro a enchada rompe
Da mãe primeira o seio e ferteis leivas
D'estereis hervas só levanta ao viço;
Pois até no sepulchro aos desgraçados
O da sorte persegue animo adverso,
Do infeliz a quem coube este jazigo
Ninguém mais cuida: em miseravel rede,
Ou em rude e nú caixão ahi levado,
Foi por dous negros, que de tosco pão,
Ou gigantea taquara como hum fardo
O trouxerão pendente, ou sobre as ondas
O carregou de noite escura barca (10)
Para o leito da cova. Ahi sómente
Visitado será de annos em annos

Por quem lhe preparou esse em que dorme
Miseravel janigo, e que aos seus ossos
Novos trazer virá mudos e frios
Companheiros c'os quaes elle o repartá.
Ou se de algum parente, ou de hum amigo
A saudade mover o pé piedoso
A pizar esse solo; em vão chorando
Perguntará o afflicto onde elle dorme;
Em vão procurará onde seu pranto
Verta, onde plante de cipreste hum ramo,
Ou d'esfolhada flor o mimo espalhe,
Onde de agua lustral lhe asperja a campá,
Tristes ambos serão, hum não podendo
Fallar ao seu amigo, outro ignorando
Onde possa buscar ao seu querido,
Bem que talvez visinho, ou bem que o vivo
Com o morto se toque e deste aquelle
Sinta estalar sob a sua planta os ossos,
E sinta este do outro ó grave peso (11).
Partir-lhe o que inda respeitára a terra,
Huma arida existencia, e as já crescidas
Sobre a leiva fatal viçosas plantas
Quasi queira pedir, que alli por elle
Digão : *eu aqui estou; teu pé me piza.*
Mas de ambos terá dôr o Deos clemente
E a hum consolará com o suave
Sentimento de bem e da piedade,
Que a alma e o coração ao céu eleva
E, da virtude em attenção ao pranto,
Perdoará do outro as leves culpas,
E ao seio o chamará da gloria eterna
Vamos sempre, THEODORO, vamos sempre

Da humanidade pobre ao Campo santo
Chorar, erguer ao céo devotas preces,

Que o céo he justo, e o coração de Deos,
Jámais resiste da virtude ao pranto ;
E o christão caridoso ainda a exerce
Para com a miseria além da morte.

Olha o tumido mar ao qual na fauce,
Que guardao de Mavorte as bronzeas bocas, (12)
E co'a fronte no céo altos penhascos,
Vai mettendo c'o sopro impetuoso
A tempestade austral, que ao longe ronca,
E da maré, que cresce, a grossa enchente ;
Lage, Villegagnon (13) bem não poderão
Suas ondas conter, que, alli rompidas
Com surda bulha no emergente apenas
Prolongado recife, irosamente
Borrifárao-lhe a rocha, e bipartidas
Por breve instante os impetos reúnem,
E vem accommetter a humilde praia (14)
Onde, emfim, seu furor se despedaça
Com despeitoso frêmito espumante,
Entre pedras morrendo e solta arêa.
Eis da humana filaucia o vão orgulho,
Que todo se desfaz emfim da morte
Na humilde praia, nessa mesma terra,
Que cobre da miseria os mortos restos.
E praia he esta de miseria e morte,
De humanos ossos semeada, e d'altos,
Da padecente humanidade, tristes
Lamentos resonante. Ahi milhares
Jazem de corpos em angusto campo
Dous seculos e meio ahi deixárao

As suas gerações : ahi do pobre
A desgraça acabou em huma valla
Cujo de mãos e pés, e de cabeças,
E de troncos, que lividos já fedem;
Gotejando de sanie, horrivel quadro
Occulta emfim a piedosa terra,
Que aos insultos põe termo. Ahi o escravo,
Ahi findou seu cativeiro, e ás vezes
Inda vivo rolou dos mortos corpos (15)
Na fetida camada, e a breve vida
Tornado pelo choque, ao pie leito
Voltou da cova, e desse leito a ella,
Misero sempre no viver, na morte.
Ahi, perto da cama em que gemia,
Tinha o pobre o sepulchro, e dessa cama (16)
Olhou pela janella, e viu aberta
A cova, que tragar devia-lhe o corpo,
Como da execução no horrivel dia
Do alto do patibulo o malvado
Avista pouco longe o prompto esquife.
Quantos crimes ahi, quantas virtudes
Esconde a terra, huns ignorados, outros
Sem castigo e sem premio, ou porque soube
A perfidia occultar-se, ou porque humilde
Do seu valor não fez a honra alardo,
Ou porque injusto foi com ella o mundo!
Crês tu, THEODORO que a virtude alberga
Só no peito do rico e do potente;
E não coube á miseria outra partilha
Senão crimes e infamia? Ah! quantos grandes
Que encerra fastuosa esplendida urna
Nem merecêrão desta sacra terra;

Que cobre ossos plebeos, hum só punhado!
E quantos dos, que ahí jazem ignotos,
Dignos forão talvez de hum mausoleo,
Ao menos d'huma urna! O bom soldado,
Que expôz a vida, e derramou seu sangue
Pela patria, e ajudou com o seu braço
A ganhar-se a victoria, a conservar-se
A paz, de que poder ao soberano
Proveio, e aos chefes seus honras e postos
O marinheiro, que do mar, do ceo
À procellosa furia exposto e firme
Salvou só elle a combatida proa
O obreiro, que co'a industria, e c'o trabalho
Fez viver a familia: o pobre escravo,
Que fiel ao senhor sempre por elle
Trabalhou toda a vida, e o defendeu
As vezes do perigo os proprios dias
Arriscando animoso, e quando a morte
Roubar-lhe veio, lagrimas sinceras
Por elle derramou, mais que hum ingrato
Filho, que só curou da pingue herança
E mais que a viuva, que, no mesmo dia
Do triste funeral, no pensamento
Volveu d'outro hymeneo a grata idea
Ou já mesmo sorrio ao novo noivo
O joven infeliz, que soccorrendo
Caridoso no leito a quem gemia,
De hum hospital nos pestilentos ares
Victima foi do typho, ou pouce a pouce
Perdeu da mocidade a flor mais bella
E pallido, amarello, e definhado
Huma vida acabou triste e mal paga

Todos estes também não merecerão
Hum tumulo, huma chapa onde gravadas
Fossem c'o nome seu: suas virtudes,
Que lesse o passageiro, ahí colhendo
Útil exemplo, e generosa chamma?

Mas que he d'essa cruz, que, do funereo
Campo no centro, em solitaria lousa
Estandarte da morte allí se erguia? (17)
Já não a vejo. Não he mais deserto
Esse solo: de gente rodeados
Já de hum vasto edificio os grossos muros
Começão a surgir, e do brasilio
Granito os assentados limiares
Prever já fazem as futuras portas.
Vai-se a obra estendendo, e novos braços
Deita dos lados. Numeroso bando
A terra está cavando, e fundas vallas
Vai do novo alicerce abrindo as pedras.
Mas oh! que horror! com a tirada terra
Vem aos centos caveiras denegridas,
E aos milhares quebrados soltos ossos,
Que amontoão ao lado outros obreiros.

— Deshumanos cessai: nem no sepulchro
De hum miseravel leito ao poitre he dado
Contar co'a triste posse, e nem do eterno
Somno se lhe concede a paz tranquilla
Para erguer fastuosa, immensa mole,
Que talvez não a acabe hum par de seculos,
E varias gerações miseris faça?
Oh! sacrilegas mãos! que vos fizeram
Os miseros, que aqui mudos jazão?
Porque turbar este unico descanso

De que gozão talvez depois do berço?
Porque?... — *A caridade assim o pede;*
E com ella o quer PEDRO, e DEOS o manda.
Responde huma outra voz, que de mil vozes
Forte, e unico som surge do fundo
Da aberta valla. Ao retumbar nos aris
Essas palayras, de Ezechiel dirias (18):
Renovar-se o portento, e n'hum instante
Resurgir de osso mil, cem e cem corpos,
Não a ouvir, mas de Deos a erguer a falla.
Estremece o terreno; o mar visinho
Ronca tempestuoso; de huma nuvem,
Que apparece, no céu hum raio parte.
C'o relampago soa hum forte estrondo,
E de hum gigante, o monstruoso corpo
Estendido alli jaz. Eis o piedoso
Que inda ha pouco fallava. Olha que fórmãs
Sob o mais bello traje olhos de tigre,
O peito he de lião, de harpia o ventre,
As unhas de milhafre; infernal cheiro
A boca exhala na pintada face;
De postiço cabello os louros cachos
De mil cobras sipsa comia encobrem.
O conheces, THEODORO? O iniquo Demo
Da hypocrita censura he este monstro;
Que o bem não soffre, e que de inveja rói-se
Se alguém o faz, ou se com alma activa
Trabalha alguém para o alcançar e os homens
Felicitar com seu talento e zelo.
Castigado elle está. Nessa ampla valla
Jaza seu corpo, e pedras mil sepultem
Com elle o mal, que da virtude as grandes

C'o seu impuro báfo, obras transtorna
Mas quem sois vós, que tão fulmineo grito
Erguestes dessa valla, e qual vos toca
Cuidado deste mundo, almas que iradas
Viestes do outro anniquilar o iniquo?
« Eu t'o direi por todos, que aqui fazem.
Responde em pé direito hum alto espectro, (19)
Que, qual columna de vapor e fumo,
Ergue-se dessa valla, e cujo aspecto,
Como nuvem no céo, de neve e d'ouro
Veste admiravelmente a sol' o's raios.
Infelizes nós fomos, que a miseria,
Que os males perseguirão. No visinho
Hospitaleiro albergue hum pio asylo
Viemos demandar: os nossos peitos,
Ao pôr o pé no limiar sagrado
Da caridosa casa, alto conforto
Sentirão dentro em si, e bello e caro
Brilhou-lhes n'alma de esperança hum raio.
Mas, vã consolaçã! vã esperança!
No recinto em que o halito da vida
Vieramos buscar, outro de morte
Nos veio accommetter: d'os que jazão
Neste campo a pestifera sentina
Com más exalações os varios males
Exasperar nos veio. Em vão lactarão
Da arte salutar, para salvar-nos,
As multiplices armas. A tra idéa
Aggravava inda mais do mal os golpes,
E, quando algum descanso está nos dava,
Ou applicado de nós se despedia,
O cemiterio: ahi stava, já n'ossa vista

E a cova, a cova sempre, e dos extintos
Os horriveis cadaveres, que mesmo
Do misero lençol em que jazia
Nossa enferma existencia, os nossos olhos
Do dia ao decahir alli tragados
Às duzias vão pela immunda terra.
Assim nos enterrou antes do tempo
Dos mortos a influencia: assim a nossa
Tem a muitos tambem custado a vida,
Mesmo às vezes ao filho, ao mano, e amigo.
Christãos nascemos, e christãos, a morte
Nos vio cahir sob o seu ferro: ainda
Vive em nós esse amor dos semelhantes
Ao qual de CHRISTO já pregou na terra
O labio, e o santo exemplo: he filho d'elle
O sentimento, que a estimar nos leva
Deste descanso a interrupção, que aos vivos,
Segura a vida, e que liberta os mortos
Do triste fado de homicidas serem
Involuntarios dos que ainda vivem,
E que caros lhes são. Almas sublimes
E caridosas já sentido tinham
Tão deploravel sorte, e mil idéas,
Desejos mil nas generosas mentes
Volvêram de hum remedio a tantos males.
Mas embaraços mil, e desse monstro,
Que estendido alli jaz, as venenosas
Palavras, e a maligna e nunca quieta
Intriga, tudo emfim baldado havião:
Quando hum genio surgio, (20) cujo illustrado
E vigoroso espirito herculeo clava
Empunhando animoso, sob o escudo

De hum alta protecção, todos por terra
Lançou esses obstaculos, e aos gritos
Do despeitoso monstro, obras ingentes
Oppôz como resposta. Em outra parte
Aberto foi á pobre humanidade
Do sepulchro o jazigo. (21) Alli remotos
Da bulha e do tumulto em puros ares,
Sem aos vivos causar damnos e mortes,
Mais á larga estarão seus frios restos
Em hum amplo jardim, onde ornamento
E companhia deleitosa e bella
Lhes fação com o cedro, e c'o cipreste
Da casuarina, e do salgueiro os ramos,
E aonde d'huma lousa, ou d'huma urna
Possa o marmore erguer-se, e dos jazentes
Aos seculos levar o illustre nome.
Aqui, como tu vês, outro destino
Já vai tendo esta terra, onde aos milhares
Jazemos, onde biennial repouso
Concedido não era aos nossos corpos,
E do coveiro a enchada a cada instante
Nos vinha o leito revolver, e ainda
De carne humana os não despídos ossos,
Para dar a outro morto hum asqueroso
Putrido leito. Magestoso e grande
Hospicio aqui para quem soffre, e geme
Surgirá, que de longe o nauta aviste,
E que ao entrar de Nytheroy nas aguas
Lhe mostre aqui da caridade o templo.
Dêste de PEDRO a mão augusta hum dia (22) mui
A primeira lançou pedra sagrada,
E já cresce de pressa a vasta mole,

Que de hum alto favor, de huma acção viva
Ao publico pasmado o influxo attesta.
Abençoada seja aquella mente,
Aquelle coração a cujo zelo
Se deve esta mudança ; a ella o céu
Gostoso applaude, e nós com elle, e o mundo.»

Calou-se o branco vaporoso espectro,
Que douravão do sol os vivos raios :
E subindo da terra ao céu se eleva,
E nas nuvens se perde, e tudo entorno
De celeste-prazer brilha, e festeja.
Ouviste, ó THEODORO? o ledó aspecto
Viste tu como eu vi? Não me respondes!
Que! talvez illusão?... Não, não me illude
Meu pensamento, e da verdade o cunho
Tem essa, que eu ouvi, sublime falla.



Que de tanto alto fôrça de humo se eleva
 Ao publico parricido o insulto rebela
 A parricida sepa a ella mesma
 Aquella coracao a esse xito
 Se deve esta maldade; a ella o ceto
 Gostoso applaudido, e nós com elle, e mundo
 Gáston-se o piano o vaporoso espanto
 Que domuzo de sol os vivos raios
 E subindo da terra ao alto se eleva
 E nas nuvens se perde, e tanto estremo
 De celeste prazer brilha, e festiva
 Ouviste, ó THEODORO, o todo respeito
 Viste tu como eu vi? Não me responde!
 Que! talvez illusao?... Não, não me illuda
 Meu pensamento, e da verdade o caminho
 Tem essa, que eu ouvi, e sempre talia



OS SEPULCHROS.



VI.

CONTENTS

IV

OS SEPULCHROS.

GABRIEL EPISTOLAR

DE

DR. LUIZ VICENTE DE-SIMONI,

SOBRE

OS CLAUSTROS SEPULCHRAES DO RIO DE JANEIRO.

A

Felix Emilio Tannay.

Plurima mortis imago.

VING.

O' tu, cuja amizade antiga, e sempre
Purissima, sublime, e esclarecida
Pela luz do saber, pela das Musas,
Tem no meu coração hum doce reino:
Tu, caro FELIX, (1) que communs comigo
Os affectos tens sempre e os pensamentos,
E cujo gosto, e inclinação conformes
Tanto são com os meus, que, emquanto os fortes,
Serrados versos do difficil Persio (2)
Para a italica lingua, ou para a lusa
Sollicito eu vertia, apreciando
O vigoroso estylo, a moral summa:

Desse estoico cantor, que n'alma infunde
 Da virtude a paixão, do vicio o odio;
 Tu de Racine (3) co'a linguagem pura,
 E de Delille (4) c'o sagaz esp'rito
 Os fazias soar da patria tua
 No pouco livre idioma, ardua tarefa
 Em que a Noble, e Radier a mão falhara: (5)
 Tu que interprete igual foste da mesta
 Latina Musa de teu Mano, e as tristes
 Imagens, os sublimes sentimentos,
 Que dos britannos tumulos no campo
 Pathetica inspirava, arguto, e terno
 Fizeste resoar em outras cordas:
 Tu companheiro meu agora sejas;
 E ajuda-me a seguir a começada
 Triste visita das funereas casas,
 Que reclamão do vivo o pranto, e as preces.

Do novo hospicio da miseria enferma
 Ahi parou, n'hum limiar sentado,
 Meditabundo, o teu sensivel mano;
 E do campo da morte, e das abertas
 Vallas, dos ossos, e caveiras olha
 O luctuoso aspecto, e depois volta
 Os olhos para o mar, para o surgente
 Novo edificio; a mão direita ao peito
 Leva, e faz com a outra apoio á frente;
 Depois suspira, a humedecida face
 Levanta para o céu, e alli parece
 Achar consolação, e de admiraveis
 Imagens contemplar a bella vista,
 Não o perturbes, não; com a celeste
 Musa seu pensamento está fallando;

Novo apprendendo vai sublime canto,
Que ellè soar fará na virgiliana,
Agrestè avena seu deleitè e nosso.
Deixemo-lo: condiz com o seu génio
Este lugar mais sofitario: a bulha,
O tumulto do povo ao seu tristonho,
E pensativo esp'rito he pouco grato:
Sempre em mui altas concepções serrado
De toda distracção as causas foge:
Dir-se-hia que sempre anda a sua alma
Desapegada da materia, e sempre
No mundo só da intelligencia absorta.
Mas tu, cujo também sublime esp'rito
Das bellas-artes o divino culto
Acostumado tem a conchegar-se
Co'a terrena materia, e com as fórmás
Artísticas a dar-lhe esp'rito e vida;
Tu gostas contemplar a terna parte,
Que essas artes também tomão de hum povo
Nas tristes affecções, e dos extinctos
Na sempre cara e salutar memoria.

Se só quizesse consultar das urnas
A linguagem sublime, e alli da morte
Aprender as lições, eu solitario
Continuara o caminho, e não quizera
Condiscipulo algum em essa escola;
Pois minha alma teria então certeza
Que só da mestra ella escutava os dogmas.
Mas hoje outro he meu fito: hoje hum tributo
De amor e gratidão eu vou das urnas
Levar aos pés com doloroso pranto;
E na dôr, e no pranto he mui suave

O ter hum companheiro, hum doce amigo
Que comnosco partilhe o lucto, e as magoas,
E que diga a quem chora: eu tambem choro.
E razão de chorar ambos, sim, temos
Neste dia, que a nós traz a memoria
De tanta gente, que nos era cara,
E que a morte roubou a nosso affecto.
Nós, sim, hiremos visitar ao menos
Os seus restos mortaes, que inda do tempo
A mão destruidora a nós consente;
E pascer a saudade onde só ficão
Da vida, que já foi, imagens mortas.

Aos miseros já dado hoje foi longo
E caridoso pranto; outros como elles
Nossas lagrimas pedem; pois miseria
Não ha só da pobreza entre os andrajos.
Ella tambem ao lado da fortuna
Se assenta; e oh quão grande! Acostumado
Com ella o pobre, entorpecido ás vezes
Ou pouco a sente, ou companheira ingrata
Em paz a soffre, como em paz supporta
Quem com elle nasceu mal ou defeito,
Que grata como aos mais não deixa a vida.
Mas quando, com o pé da negra morte (6)
Ou da cruel desgraça, ás portas bate
Do homem costumado ao doce gozo
De commodos, riqueza, horas, delicias,
Oh quão dura ella chega, estranha, e horrenda!
Mas nunca tão cruel ella se mostra
Como aos bons corações, que mais sensiveis
Tornou de huma alta educação o culto.
Onde, FELIX, ah sim, aonde viste

Mais lagrimada huma mãe terna, e duas (7)
Virtuosas irmãs na flor dos annos
Ceifadas, ai! pelo implacavel ferro,
Que não respeita idade, e que da mesma
Virtude ao esplendor nunca perdoa?
Foi, sim, aonde a conhecer o preço
De huma mãe, de huma irmã, bella ensinar
Sublime educação, que dos mais ternos
Affectos cultivara a diva planta.
Oh que pranto foi esse! inda nos soão
N'alma os gemidos, os crueis soluços
Da terna tua afflicta esposa: as nossas
Lagrimas, ai, corrêrão com as della
No luctuoso dia, e ainda correm;
Que extincta inda não he nas nossas mentes
Da virtude a memoria, e a da celeste
Escola, que c'o exemplo, e c'os conselhos
A optima das mãis, a mais divina (8)
Alma, a todos abria ingenua e pura.
De violas eu quero e de saudades
Adornar-lhe hoje a urna, e tu, de rocho
Amarantho huma flor com amoroso
Gemido, e mão tremente ahi largando,
Eterna requie implorarás do céu
Ao virtuoso esp'rito: ambos hum ramo
De angelica depois nós plantaremos
Junto das cinzas virginaes das filhas,
**Que hoje, esposas de Deos, com santo abraço
Apertão lá no céu a mãe querida.**

Já não he esteril desolado campo
D'ossos juncado o que correr c'os olhos
Vamos, querido amigo; vastos templos

E claustros são com triste pompa ornados,
Aondê negros véos dos tumulares
Nichos, no solo, ou na parede abertos,
Encobrem piedosos dos recentes
Finados ao parente, ao terno amigo
O feral aposento, e só c'ó nome
Provocão n'hum cartel a dôr e o pranto.
Ardem ao pé dos enluctados nichos
Funereas tochas: duplice dos lados
Fileira sepulcral ergue-se d'urnas
De madeira ou de pedra alli dispostas
Com ordem pintoresca e discordante.
Differente he o tamanho, e varia a fórma,
Dessas funebres arcas, onde os ossos,
Que habitarão de hum nicho hum anno a casa,
Amorosa affeição, ou vão órgulho.
Já despídos da carne emfim encerra;
E do finado o longo nome, e os annos,
O fatal dia, os titulos, e as prendas
Em lusa lingua os epitaphios narrão;
E da saudade, que deixou nos vivos,
Em varias partes dão noticia os versos.

Modesto e tosco he das antigas urnas
O aspecto; e as letras, c'ó pincel traçadas,
Ou abertas na madeira, o nome apenas
Cuidão dizer-te do finado: he outro
Das modernas o estylo: estas das artes
Revelão o progresso, e ao mesmo tempo
O do luxo vaidoso: argenteas chapas
Já não querem que só saibas do nome,
Mas tambem da riqueza e da vaidade
Do morto, ou de quem pôz-lhe o monumento:

E mais o querem elevados fustes,
Que, orgulhosos surgindo em varias urnas,
De insignias e brasões erguem o alarde.

FELIX, eu sempre estimarei que as artes
Dos extinctos honrar venhão piedosas
A querida memoria, e de hum sepulchro
Co'as produções do genio ornem a casa:

Mas nunca louvarei que outra linguagem
Que a da estima e da dôr fallem, e aos olhos
Da riqueza ou do fausto a imagem mostrem
Aonde a morte, da miseria humana
Escreveu com seu ferro a triste prova.

Riqueza eu quero, sim, mas só de idéas
Não de materia; pois he só do homem
A mente o que não morre, e da desgraça
Não succumbe ao flagello. Ah, se a materia
He necessaria a revelar do esp'rito,
As altas concepções, só de virtude

Falle ao lado de hum tumulo: no marmor
Mostre, e no bronze, duradoura e firme,
De hum culto perennal o sentimento,
E aos posteros o leve co'a memoria

Das prendas do finado: atteste o escuro
Jacarandá lustroso o negro lueto
De hum limpo coração cuja saudade
A urna consagrou ao seu amado.

Mas o ouro o que diz? que diz a prata
Sobre hum sepulchro? Da virtude emblemas
Forão elles hum dia? e quem os olha
Lembra-se della, ou de saudoso affecto

Sente no coração o terno toque?
Mais huma flor, ou de cipreste hum ramo

Que mão afflicta ahí largou chorando,
Ao espirito me falla; e mais hum urna
Em que na mesma pedra, ou na madeira
Entalhados eu vejo o caro nome,
E as virtudes do extincto: então comigo:
Assim, eu vou dizendo, estão gravados
No coração do author do monumento,
E destruidos só serão com elle:
Pois postiza não he a dôr e o lucto
Como a chapa, que alli brilha visinha
Em urna magestosa, onde pregada
Foi só por outro artista, onde arranca-la
Virá talvez perfida mão, tentada
Pelo rico metal, e então os ossos
Sem nomes deixará, sem elogio.

Mal haja o vate, que dizer não ousa
As verdades ao povo, e que o adula
Como faz com os reis, c'os poderosos
A gente que os rodêa: eu com tal crime,
Jámais profanarei a minha lyra,
E o Fluminense povo ouvir-me-ha sempre
No meio do louvor, dizer-lhe ás vezes
Mui franco: aqui já da virtude a face
Não brilha; aqui pisão do vicio as plantas.
Quem ama não engana ao seu amado,
E caro nos he muito este bom povo,
O' FELIX, p'ra que nunca o atraçoemos
Occultando-lhe assim a nossa mente.
He terra americana, he brasileiro
Este solo, que tu e eu pisamos:
Mas quem nos veda amar hum doce estranho,
Que benigno nos honra, e nos affaga?

Outrem, que em outro cõmo nós nascera;
Amou este paiz e a gente sua,
E de bẽm lhe deixou signaes eternos,
Esta aura, que nos cerca, estes amenos
Morros, que a natureza esmalta e veste
De perpetuo verdõr e de mil flores,
Selvaticos hum dia, hoje amanhados
Pela mão da cultura, e de elegantes
Edificios em varia ordem cobertos,
Esta grande cidade, e o florecente
Seu immenso commercio; este das artes
Admiravel progresso, á nossa mente
Trazem de huma grande alma hoje a lembrança;
Dessa alma, que na vida aqui pizanda
Com benefica planta, abriu a fonte
De toda esta grandeza, e os duros ferros
Quebrou desse commercio hoje tão vasto,
Desse principẽ eu hoje desejava
Com grato coração honrar os manes,
E do brasilio louro (9) huma corõa
Pendurar-lhe no tumulo, dizendo:
Tu vieste ao Brazil, elle foi grande!
Mas busco em vão a lamentavel urna
Desse benigno rei, que tanto amava
Este amero paiz, onde seu sceptro
Só de excesso peccou de alta bondade,
Á força, desta terra, os inimigos
Della, arrancarão do amoroso velho
O já cadente corpo, e não a alma,
Que aqui ficava em lagrimas desfeita,
E do filho na mão ponde huma espada
« Salva, tu, lhe dizia, esta, que eu amo

« Bello, e rico paiz, que será grande
« Hum dia entre as nações : ah seja teu,
« Se meu já ser não pôde, e a sorte o veda:
« Salva, ó filho, o Brazil ; eu t'o confio. »

Assim fallava o afflicto velho. Os olhos
Fitava-nos do pae o Grande Pedro ;
E nelles fuzilar vio nesse instante
O fulgor, que depois lá no Ypiranga
Nos delle fuzilou, quando, irritado
Pelo lysio furor, brandio a espada,
E a fez nos ares rutilar bradando :
Viva o Brazil : independencia, ou morte,
E lançou de hum imperio os fundamentos.
O mar passaste, infeliz rei, presago
Dessa sorte fatal, que te esperava,
E constante e amoroso inda sellaste
Com gosto inda além mar o sacrificio,
Que a bem deste paiz nas mãos fizeras
Do teu querido filho ; e satisfeito
Com trazer do Brazil o caro nome, (10)
A paz, e o filho, e tudo o mais nos deste.

Mas que he desse filho, esse a quem deve
O Brasileiro povo a gloria, e o nome
De imperio, e de nação ? aonde as cinzas
Jazem do GRANDE FUNDADOR ? Ai dura
E terrivel lembrança ! ai fatal sorte !
Desditoso Brazil ! hum só dos ossos
Não tens em ti de quem a ti fez grande :
Não os do pai, não os do filho : os guarda
Em seu seio outra terra ; essa que tanto
Vivos t'os invejou ; essa que nelles
Da liberdade e da grandeza tua

Disputava o palladio, e que sómente
Mais te não perseguio porque os augustos,
Seus peitos paternaes entre as fraternias
Espadas se puzerão, e co'as vozes
Do amor, da humanidade, ambos gritarão:
Pazes, pazes irmãos; eis os pais vossos:
Abraçai-vos, ah sim, como amorosos
Neste dia de paz nos abraçamos.
E a paz foi feita, e não correu mais sangue:
E o Brasileiro, e o Portuguez se amarão
Como irmãos: cada hum teve seu throno:
Ambos forão nações, ambos felizes.
Mas todo a Portugal fica o legado
Das cinzas desses reis, que tambem forão
Teus monarchas, teus pais ó Brasileiro
Heroico povo, ao qual pôde hum momento
Illudir da maldade a seductora
E mentirosa voz, mas cujo senso,
Cuja alma generosa, amante, e pia
Jámais poderão ser anniquillados
Pela astucia e furor do rei das trevas,
E hum só não pedirás desses illustres,
E preciosos ossos, que no teu
Seio acolhas com grato animo, e ao menos
Cada anno neste dia honres com pranto?
Desgraçado do povo em que perece
Da gratidão o affecto, em que das urnas
Esfria o culto, e dos avós, dos grandes
Bemfeitores da patria as cinzas morrem,
Que com elle viver sempre deveram.
Desgraçada a nação, que monumentos
Não tem, não os erige, ou que os despreza!

Sem elles não ha patria, ou não tem vida, aqui
E com elles a patria eterna vive.

O Brazil Monarcha em vão a tuqua
Procura do seu pai no patrio solo
Elle saudoso, e como quem no céo
Sóbe a buscar o que não ha na terra
Vai no dia fatal (14) de hum elevado
Morro no templo suffragar sua alma
Que virtude maior de qualquer culpa
Já talvez collocou junto de Deos
Aonde seus lávros estão sentados
De louros immortaes tingida a fronte
Ufanos huns de haver a independência
Restituído a hum povo, outros de haver a
Da justiça e saber aberto o templo
Do santo altar de Deos ao pé prostrado
Repete o Augusto em seus crescillos annos
Esse grito de dor, que da orphandade
Lhe arrancava na infancia o sentimento
E que ao papel, no estado, confiava
Em lagrimas banhada a sua penna
« Ah meu querido pai, elle clibrando
« E soluçando exclama: ali com elle
« As Augustas Irmãs, eu para sempre
« Te perdi duas vezes, e a mim dado
« Não foi o conhecer o que perdi
« Quando a mim e ao Brazil abandonavas
« Para dar-nos a paz, e conservar-nos
« Com alto sacrificio o Imperio e o Throno
« E dado me não foi em os meus braços
« Acolher o teu ultimo suspiro
« Quando a morte cruel, a mim e aos Lusos

« E ao mundo de teus feitos assombrado
« Roubava-te implacável; é hum sepulchro
« Abria antes do tempo a quem por vezes
« Da liberdade abrira o templo, e duas;
« Para o sangue poupar, para ser grande,
« Corôas abdicara; de deus filhês
« Dous reis fazendo, e de hum dous grandes povos.
« Acolha no seu seio: Ente eterno
« A sublime tua alma; e se benigno
« Já da presença sua abre-te o gozo,
« Pede-lhe tu que sobre mim, que sobre
« Este povo, que o amo, e que o merece,
« Volva olhos de clemencia e piedade
« E da paz nos conceda o doce reino
« Livre de dissensões, guerras, e sangue.»

Ah consola-te, ó PEDRO: as tuas preces
E as do Brazil inteiro o céo escuta:
Já melhores nos dá serenos dias
E a paz florecerá neste, que a dextra
Do Eterno abençoou, Eden segundo,
Onde do seu favor mil cada dia
Altas provas nos dá a fértil terra,
O vidente commercio, a de seus filhês
Illustração crescente; elles tem brandos
O genio, e o coração, e viva a mente,
E amar sabem as leis e ao seu Monarcha,
E felizes serão com taes virtudes.
Mas triste inda eu te vejo, luto e lagrimando
Procuras outro templo: ah eterno, e ingrato
Amantissimo filho; inda te resta
Razão de mover o cogitavel pranto.
Ai dolorosa vista de hum qual sepulchro

Ahi descansa em paz a Mulher **santa!** (18)
Que do teu pai ao thalamo fecundo
Estranha veio do Brazil ás praias,
Mas não estranha ao brazileiro affecto
Que unanime a chorou, que ainda a chora
Oh se visses que **dôr**, que **ardentes votos**
Exhalavão do povo os assustados
Peitos por toda a parte nos escuros
Da preciosa vida ultimos dias,
Quando já de ninguem, della sómente
Cada hum aos amigos perguntava,
E luctavão de balde os impotentes
Da arte salutar zelosos braços
Se visses essas **continuas ancias**,
Esse **morrer de dôr** a cada instante
Co'a idéa de perder o caro objecto
Do mais sublime amor **hai!** se tu visses
O pranto universal de huma cidade
Mergulhada no luto, e compungida
Da mais terna piedade! **ahi!** tu dirias,
Que bello he o coração dos **Fluminenses**,
E que o de tua Mãe era divino.
Sim celeste era em tudo o seu espirito,
E o seu peito, que manso e virtuoso
Só clemencia e bondade respirava,
E ensinava a sofrer com doce exemplo.
Tua mãe era, ó **PEDRO**, essa que tanto
Affecto mereceu, **lagrimas tantas**
Ao teu povo fiel, que das virtudes
Apreciar sabe o valor, e o brilho
E que como em seu lar no throno as honra
Vil lisonja de lingua aduldora

Estas vozes não são; pergunta, ó Filho,
De tão digna Princeza ás testemunhas
Desse amor, desse pranto: ainda muitas
Vivem; ainda a historia em suas folhas
Repete as vozes, que dos tristes peitos
Exhalava o clamor desconsolado
De quem cousa perdia exêlsa e cara,
Ainda esse sepulchro o lastimoso
Caso reconta a quem das sacras urnas
A linguagem entende. Ah, chega ó PEDRO,
Chega a elle a tua alma, os teus sentidos.
Pergunta, ah sim, pergunta aos santos anes
Dessa, que te gerou, que nove mezes
No seu seio te trouxe, e que as primeiras
Virtudes te ensinou, como do povo
Ganhava os corações, como qual anjo
De todos sempre apparecia aos olhos
Pedro, tu choras, e contigo chorão
Tuas ternas Irmãs; desfeito pranto
Rompe do peito entre soluços: basta
Surge; já ouviste do sublime espirito
A ternissima voz; já na sombria
Religiosa arca, que o cercá, toda
Inhalaste a doçura, o sentimento
Que animava os agora inertes ossos:
Della aprendeste a ser humano e brando,
E a lagrimar sobre os humanos males,
A soccorrer piedoso os infelizes,
A perdoar clemente; e do teu povo
Seres pai extremo, a ser rei justo
Ditoso, tu, que na cruel desgraça
De misera orphandade, ainda pedes

De hum de teús pais, com amerosos braços,
Serrar a cara urna, e suas cinzas;
Regar com o teu pranto, interrogá-las,
Com ellas conversar, e todo abrir-lhes
O terno coração, a alma nobre!
A quantos nega o céo esta suave
Consolação, que o animo recrea
No meio da afflicção e da saudade!
Oh quão triste e cruel he a fatal sorte
De quem a páis não conhece, e, repellido
Do seio maternal, foi a huma roda
Lançado sem piedade, e que, da morte
Escapando á gram ceifa, hum dia chega
No seio a entrar da sociedade humana!
Da multidão no meio elle se acha
Solitario, e debalde perguntando
Anda aos vivos, e aos mortos onde durma
O corpo de seus pais: muda dos homens
He para elle a voz, muda a das urnas;
E o cemiterio, os infinitos ossos
Mostra-lhe indifferente, e aqui, he grita,
Procura, e escolhe a quem stributes pranto.
A quem elle o dará? confuso e triste,
Retira-se chorando amargamente,
Não o dos paes, mas o seu proprio fado.
Não menos infeliz he aquelle filho
Que seus pais conheceu, que grato se justo
Ternamente os amou, e que na ausencia
Em remoto pais ambos perdura
Ai! triste minha sorte! Em vão procuro
O tumulto d'aquelles, que me derão
A existencia, que ternos me crião (131)

À virtude ao saber com mil cuidados
Com bons conselhos, com melhor exemplo
Em vão dos meus irmãos, de outros queridos
Parentes, que me deu a pátria amada,
Com a delles procuro, entre militares
Que accumula este dia em sacros claustros
Com luxo piedoso, as caras urnas.
Separados de mim pelo Oceano

Aridos sempre clamão os seus ossos
Pelo pranto do filho, e desta o pranto
Cae sobre hum solo estranho, hum me bebendo
Ossos de amigos, de innocentes filhos
Quaes flores ao nascer por mão impia
Arrancadas à planta, que pomposa
De tão bello ornamento os alentava.

Oh céos! he ahí nesse pequeno espaço
Que moras encerrada, ó minha cara,
Minha bella Paulina, (14) anjo do céo,
Que o céo así chamou, quando as primeiras
Graças no teu semblante como raios
Do matutino albor em limpo céo,
Brilhavão já, e no risinho labial
As primeiras soavões deleitadas
Tuas vozes, que prime nome avão
Oh! quanto eras bonita e amavel sempre
Aos olhos de teus pais, quanto era bello
Teu sorriso infantil! Quão doces erão
Os teus castos beijinhos, os abraços
Com que serravas de teu pai o collo
E prendias minha alma! Oh! quantas vezes
Me encheste de prazer! quantas de susto
Pelos teus teores dolorosos dias

Que á final, ai, cortou invido ferro
Da cruel morte! E bem não foi contente
A tiranna do mundo: outro querido
Desejado penhor, desapiedada,
Ao nascer me roubou. Ah! descança
Quem me não conheceu, quem os seus olhos
Abriu apenas e os fechou p'ra sempre! (15)

Feliz quem nunca de seus filhos viu
Arder o funeral, e nunca a terra
Comer-lhe em hum sepulchro a carne sua,
E vozar disputar-lhe os secos ossos.
Ai! quaes lagrimas! ai! queridos filhos,
Já não sou eu, o unico que chorar

Vossa mãe com o meu, e o seu pranto!
Amados filhos, e chorados sempre,
De candidos jasmims, de castas rosas
Huma nuvem vos cubra, e felicite
Vosso placido somno: ainda, hum dia
Nos veremos, ainda eu de abraçar-vos
O prazer doce e esperancoso aguardo.

Santa religião, só tu consolas
A minha dôr, e enxugas o meu pranto,
Só por ti estes tumulos me fallão
Á alma, ao coração: elles contigo
Me dizem, que eu verei ainda aquelles
A quem tanto estimei, filhos, parentes,
Amigos, cara gente, que fazia
Doce o da vida amargacado curso,
E que na terra hum a ligeira idéa
Me dava de esse amor puro e divino
Com que se ama no céo; dessa delicia,
Que se goza em amar e em ser amado!

Pelo summo dos bens, em cujo seio, já não calla
N'hum indessante amor, feliz e grata
Toda se funde do creado a mtle.

Sacras urnas, fallai-me, aos olhos meus
Abri o vosso seio; os caros restos
Mostrai-me desses que do sangue os laços
As civicas virtudes, as dos lares,
O talento e o saber neste meu peito,
Do brasileiro solo hospede grato,
Com o mais doce dos buris gravarão.

Surdas ao meu pedido as mudas câmpas
Immotas pesão sobre as mestas casas,
Que os meus caros encerrão: não as toca
Meu pranto não, mas penetra-las podem
Do vivo amor, e da saudade os olhos
Sim, meus caros, vos vejo: eu vos contemplo
Em toda a luz desse divino aspecto,
Que vos dava a virtude, e que dizia
Ao coração: amai-me; eu o mereço.

Pai da minha querida e casta esposa, (16)
Outro pai para mim tu também eras:
E o teu affecto só roubou-m'o a morte.
Ah! não, não m'o roubou; inda no céo
Tu me amas, e comigo amas a filha.
Tu nos vês, e comnosco as tres filhinhas (17)
Com angelico rosto andar brincando;
E perguntar á mãe, com innocente
Bella simplicidade, aonde moras;
Se eras como seu pai; se lhe trazias
Brinquedos como eu trago: ella hum suspiro
Solta; nos olhos lhe desponta o pranto;
Mudas olhão as filhas; no meu rosto

Brilha hum triste prazer; tuas abençoas mãos
Tua Mana (18) também que ao nosso affecto
Associava o seu, e que no enfermo
Corpo inda forte conservou por longa
Serie d'annos o espirito, e nas tollidas
Mui habéis mãos das artes e da industria
O genio productor de obras mui bellas;
E de teu manôa sempre lastimada,
Com todos amorosa, a todos cara
Ingenua companheira, (19) que co' as doces
Maneiras bellas captivar sabias
A estima, as afeições; juntas comtigo
Sé alegrão de nos ver, pois nos amavão.
Ah, se ainda hum prazer vindo da terra
Tocar pôde na céo almas felizes,
C'o perfume do incenso, e o' o das flores
A vós nossa saudade, e o nosso pranto
De hum zephiro benigno ás azas levem.
Digão-vos elles como os nossos olhos
Já não largão o pranto, acostumados
A nunca descançar do triste lucto, (20)
Que a cada instante a contristar-nos surge
Do ataude de amigo e do parente
E ora nos faz chorar hum jovem primo, (21)
Na flor dos annos de talento aos louros
Já proximos roubado, ora a innocentes
Filhos, com duro e deploravel golpe,
Arrancada humã prima, (22) ora hum crescente
Pimpolho da familia; (23) e até de longe
Gemer nos faz o' paulistano povo
Pela sorte do sabio, e valoroso,
Que no fundo de hum rio (24) a illustre vida

Findou horrivelmente. O' fado adverso
Porque persegues tanto huma familia,
Que inimiga não he nem da virtude,
Nem da patria e que amor liga na terra
Como liga no céu anjos com anjos?
Que? tu choras tambem, Felix? tu choras!
Tocão-te minhas lagrimas?... Ai triste
Lembrança! O rio.... essa terrivel morte!
Entendo, entendo: hum teu querido mano
Assim tambem, oh lamentavel fado!
No Guaporé profundo (25) o mais brilhante
Talento sepultou, que ás bellas-artes
E ás musas promettia immensa gloria,
Inda n'alma me sôa o doloroso
Canto da lyra, que alta dôr tangia
C'os dedos de Theodoro. (26) Elle a linguagem
Patria fallou quando a rapace, e horrenda
Mão da Parca invadia-lhe os caros lares;
Pois sempre vive ahi da patria o esp'rito
E forte grita a quem o offende: eu vivo,
E posso.... mas que vale o generoso
Zelo da patria contra a dura morte?
Elle chorou, e foi francez seu pranto.
Mas o pranto francez, e o brasileiro
Correu por igual caso ha poucos annos.
Eis huma urna com môdestas letras,
GESTAS, (27) nos diz; só este nome oh quantas
Virtudes não nos lembra, e quão horrivel
Deplorada desgraça! Ambos dessa alma
Toda doçura, humanidade, e rara,
Angelica virtude a inenarravel
Belleza apreciar nos consentio

Longa amizade. Elle ad Brazil amava
Quanto ao paiz em que nascera, e todo o mundo
De zelo ardia em promover das artes
Nelle o progresso. Mui maligna estrella
Raiou no céo, e tempestade horrivel
No mar, nos ares suscitou, como essas,
Que com sopro infernal, lá nos desertos
Da malfadada Arabia, os movediços
Montes de areias abrazadas volve
Em furibundos turbilhões, que o céo
Confundem com a terra, e transportando
Desta a congerie, em sempiterna tumba
Sepultão de homens mil as caravanas,
E mudo do paiz a face e a sorte.
Já começava no oriente a noite
A estender sobre o mundo o escuro manto,
E em pequena canoa o mar fendia
O virtuoso Conde. Elle voltava
Do leito de hum mesquinho a quem levara
Soccorros contra o mal, contra a miseria;
E as doces, inda mais a quem padece,
Consolações de hum coração amigo.
Com hum remo na mão hum velho escravo
Guiava o leve barco, e hum pequenino
Crioulo, a quem como bom pai tratava,
Seu amo acompanhara. Eis de repente
Turvão-se o céo e o mar: a impetuosa
Refega do tufão a debil quilha
Com tal força inclinar faz sobre as ondas
Que o pequeno em o mar tomba e se somesbo!
Cresce o perigo; é a quasi sosobrada
Canôa, cá e lá por espumosas

Vagas lançada, e a submergir-se prestes,
He preciso fugir; diz a quem rema:
Mas o não soffre o caridoso Conde, obediencia
E a mão quer estender ao innocente,
Que ao mar cahira: elle parar do remo,
Os golpes manda, a todo se debruça
Com ancia affectuosa sobre a burda
Da ligeira canôa: o peso, e a vaga
A fazem entornar, e os embarcados
No mar despeja a revirada quilha.
Do velho remador, mais se não ouve,
Nem voz nem bulha. De nadar perito
Emerge o Conde, e com os braços lucta
Contra as vagas, que rotas, e bramindo
Com espumante furia, a cada erguer-se
Da boiante cabeça hum monte d'agua
Arrojão-lhe por cima. Elle coberto
De hum undoso lençol desaparece
Depois a boiar torna, e já cansado
Pelo muito luctar, o remo avista
Entré a espuma fremente andar boiando
Reanimado então a mão lhe deita
E delle faz deseanço, e com a outra
Os esforços redobra, e da visinha
Ilha em que, no seu lar, hum luz brilha,
Rompendo com o peito as grossas vagas,
Á praia se dirige: mas da praia
A corrente veloz mais longe o arrasta,
E lá o impelle onde horroroso flanco
De escolhos se apresenta, onde estrondoso
Bulha, como trovão, que ao longe ronca
Do confrangido mar narra o despeito:

Então dos olhos a esperança foge
Ao nadante infeliz, e a luz que brilha
No conhecido lar languido olhando;
Ah minha esposa! ah meu querido filho!
Exclama, nunca mais nós nos veremos!
Eu vou morrer: misericórdia ó Deos,
Misericórdia... Huma pancada horrenda
Ouve-se no tufão ao pé da rocha:
E nada mais se ouviu senão das ondas
Tumulto, e sibilar de tempestades.
Na seguinte manhã ao lacerado
Cadaver n'humra praia entre os rochedos,
Inda afferrado ao remo que apertára,
Colheu a mão piedosa dos escravos
Com lagrimas de amor. Chorou a esposa
Com o innocente filho, e consternada
Com elles lagrimou todà a cidade.
Tal foi do forte e bravo ARARIGBOIA (28)
Tambem o triste fim nas fundas aguas
Dessa ilha, que seu nome a ellas deve.
O mar tragou o valor, que das batalhas
Resistira á tormenta, e do Brasilio
Solo expulsára o usurpador estranho.
Ah Felix, se tal he dos virtuosos
A sorte neste mundo, eu estremeço.
Mas que digo?... Peor não foi a morte
Do filho alto de Deos sobre o Calvario?
E a de tantos, que martyres cahirão
Sob a raiva e o furor de mil tyrannos?
E o cêo não defendeu sua virtude!
E deixou que cahisse em holocausto
Nas aras da desgraça ou da maldade!

O decretos de Deos! quem perscrutar-vos
Póde na excelsa, occulta origem vossa?
D'elythropa, de croco, e de jacynthos!
Adornemos est'urna, e nossas preces
C'os amigos da industria (29) ao céu erguendo,
A' virtude infeliz digamos: *vale*:
Feliz sejas no céu, se aqui o não foste.

Estes affoga n'agua hum fado adverso,
Outros no fogo abraza, ou nas ruinas
Sepulta horrivel sorte. O generoso,
E sabio PEREGRINO, (30) infeliz moço,
A quem o amar ao pai custou a vida!
Tu desse caro pai o amor e a doce
Esperança maior eras na bella
Flor dos annos, qual planta, que viçosa
Já de lindos botões cheios os ramos
No seio estende das vivaces auras,
Cujo halito lhe affaga, e lambê a coma
Fronde, esperançosa. Altos talentos
Apurados no estudo e no trabalho,
Coração excellente, e todo acceso
De nobre ardor de fama, e de amor santo
Pelo bello paiz, que a luz te dêra;
Tudo em ti promettia ao pobre velho,
E ao crescente Brazil jubilo e gloria:
E toda essa esperança he do sepulchro
Tragada pela fauce! Hum fim terrivel
Rouba-te a tanto amor a tanta gloria;
E o mesmo fogo, que o vivaz teu genio
Patentear devia, e temperado
Com arte, e com saber, em leda noite
Nos ares derramar mil maravilhas

Festejando de **PEDRO** a santa c'roa,
Da sepultura a ti abre a caverna,
E jazes esmagado entre os fumantes
Combros de pedras, que as sulphureas chammas
Com horrenda explosão ao solo arroçam
Sobre ti, que amoroso o pai salvaras.
O' lamentavel moço, abra-te o céu
As portas de adamant, e com eternas
Violas e jasmims, e eternos louros
Dos anjos te corpe o divo bando,
E as virgens, que de Deos lá são esposas,
Te levem pela mão delle á presença.
Nós oramos por ti, e de caducas
Flores ornamos hoje o teu sepulchro,
Que eterna incensará nesta lembrança,
E vós, que sepultou de igual desgraça
O tremendo successo, e que á familia
Deixastes com o lucto atroz miseria,
Consolai-vos do pai com a virtude,
Que da beneficência em vossos filhos
Todo o effeito reflecte, e generoso:
« Eu tenho, diz, com que os amargos dias,
Que me restão, em magoa e pranto arraste;
Ahi de quem precisa erguem-se os gritos
Tudó delles pois seja, e a dôr lhes mingue: »
O' desditoso pai, digno bem d'outro
Destino ! se meu canto o teu desgosto
Lenir pôde co'a voz das santas Musas,
As lagrimas abrande, e nestes versos
Vê da immortalidade o sacro louro.
E tu que tambem d'outro unico filho (31)
Cheio d'alto talento, e já de Themis, (32)

E de Smith, e de Say (33) douto na sciencia,
Na cadente velhice, apoz de muitos
Cuidados e trabalhos, n'humá cova
Acabar viste a esperançosa vida ;
Conçola-te nas lagrimas com estes
Poucos versos, que eu, pai que também chora
Por filhos que perdeu, as cinzas honro
Desse teu sabio filho, a muitos caro,
E da vida na flor mestre entre os mestres.

Ah, FELIX, eu de hum pai muito respeito
A dôr, que geme por perdida prole,
Depois que tambem eu dentro de hum túmulo
Os ossos tenho de queridos filhos ;
Quando o vejo chorar com elle choro.

JULIO (34) encontra-me hum dia, e lagrimando :

« Perdi, me diz, o meu pequeno filho,
O meu caro INNOCENCIO, esse que os vossos
Cuidados outra vez já me salvarão ;
E mais não o verei : jazem seus ossos
Humedecidos de paterno pranto,
E daquelle da mai e de meus manos
Mas das Musas o pranto os não conforta.

Vós cuja lyra ás sepulturas sacra
O terno som da piedade ergueo,
Nestes da minha patria amenos valles,
Ah da innocente victima da morte
Tende dôr e de mim, e dos que chorão
Comigo, e sempre : ah consolai-nos todos :
Huma nenias ao meu caro, ao meu perdido
Filho, entoai sobre as sonoras cordas.
Sua doce harmonia em nossos peitos
Derramará de hum balsamo divino

A lymphá salutar, que a chaga sane,
Assim dizendo e os convulsos braços
Apertava-me o corpo, e nos seus olhos,
Das gotejantes lagrimas no meio,
De amor brilhava enternecido hum raio:
Eu suspirei, e renovar-se toda
Senti no peito essa afflicção, que, como
Pesada mão de ferro, ahi pousou-se
No segundo de Abril horrivel dia; (35)
Quando a minha Paulina... Ah! não voltemos
Á lembrança cruel. Chorei com elle
E das Musas pedi ao santo coro
Que me ajudasse a mitigar do triste,
E desolado pai o sentimento.

Era *Innocencio* mui vivaz, e esbelto,
Qual passarinho, que de ramo em ramo
Salta sem descansar, sempre das flores
Debicando o primor, ou das maduras
Fructas a polpa succulenta, e brinca
Com as folhas cá e lá, e canta, e dança,
E d'huma arvore em outra alegre voa:
Já dos annos cumpria o oitavo curso,
E dos amantes pais era a delicia,
Quando a mão lhe chegou a fera Parca;
E como flor, que do camponio a souce
A terra com hum golpe, e de repente
Da tempestade austral a chuva annolha,
Tal da familia elle cahio banhado
Pelo pranto, que a dôr, como procella,
Nas almas suscitou. O frio corpo
A mãi nos braços apertando: « O filho,
Dizia, meu caro filho, a que servirão

Tantas dôres, emfim, tantos cuidados,
Que a tua me custou cara existencia?
Eu te perco e contigo a minha doce,
E mais bella esperanza.
Oh desgraçada!
Exclamava da avó a voz afflicta,
Não basta que hum esposo (36) amado, e sempre
Chorado me roubasse ha pouco tempo
A inimiga cruel da humana vida?
Inda mais, inda mais dores e pranto!
E o pai clamava: « Oh meu querido filho
Qu'eu do cara meu pai criava á gloria!
Tu que da perda de tão cara vida
Consolavas meu peito, e me dizias:
Eu como elle serêi, humano e habil
Nessa arte salutar, que ao homem vale,
Contra os males cruéis, que ao leito o prendem,
Tu morreste, e de dor contigo et morreste»
Eis, ó FELIX, a tua, que do esbelto,
Lagrimado menino os restos serra.
Eis as flores, que ahí dos pais saudosos
A mão triste espalhou entre soluços.
Mas ai! d'outra innocente eu vejo a urna, (37)
Que d'outros pais vem recordar-me o pranto,
E que a mim de afflicção o peito certa
Perque com elles estãsi, com elles
Chorei o que perdêrão tão querido
Unico fructo de seu terno affecto;
Que tres lustros em vão muito almejava
A mãe affectuosa, e que seus longos
Suspiros acalmar grato viera,
Como em acido campo as frescas gotas
Da fecundante chuva; e no materno

Peito já com angelico semblante;
De incognito, até então, suave affecto;
Viva atéra inexprimivel ohanna;
Sim eras, MARIQUINHA, anjo celeste
Do rosto nas feições; grás mui viva,
Alegre, carinhosa, e gracas timbas
Infantis como nunca em outra eu virar
Em idade tão tenra. Oh, conto carissimo
Eras a todos! como o pai ao ver-te
Se enchi de prazer! como extremosa
A mãe de ti cuidava, e nos seus braços
Te apertava contente, e mil nas faces,
E na fronte, e nas mãos, no tenro acio
Amorosa estampava ardentes beijos,
Quasi o caro pehor em si quizesse
Tudo metter, toda aspirar sua alma
E já crescia a idolatrada vida,
Cultivada com mimo e mil vigílias,
Já de pai e de mãe soar se ouvia
As syllabas primeiras, quando a morte
(Ai dura morte!) qual botão de rosa
A cortou sem piedade, e solitarios
Deixou os tristes paes, deserto o berço,
E o jubilo mudou em dôr e em pranto.
O' desditosa mãe, que mãe tão tarde
Foste para chorar de hum filho a morte,
E conhecer de mãe o prazer doce
Sem podê-lo gozar, tendo sómente
N'alma e no coração, nunca nos braços
Do maternal amor o caro objecto.
Ah! Deos do pranto teu se compadeça,
E com outro pehor cedo o console!

Eu de flores aqui tenho punhado
Saúdoso espalharei, e compungido
Pela dôr, que te afflige, atormentando
Quem he da minha esposa, e de mim mesmo;
Terna mãe, que a não deu a natureza,
Mas só tua virtude, e nossa sorte!

Ai! outros como tu chorão seus filhos

FELIX, não vês hum pai, que ahi suspira

Dous tumulos olhando, ambos chegados,

(Oh céos!) ao em que jaz a minha filha?

Meu caro companheiro, elle dous anjos

Perdeu como eu perdi; tres catacumbas

Eis na mesma fileira ahi conjunctas

Os filhos, encerrar de dous amigos. (38)

Mas oh! infeliz amigo! outros sepulchros

Reclamão o seu pranto. Eis nessa urna

De seu pai, meu collega, eu leio o nome;

E em outra catacumba o nome eu leio

Da esposa, que elle amava; ambos chorados

Por quem os conheceu, e das caseiras

Virtudes n'huma venerava o brilho,

Em outro, co'a honradez, a habilidade

Na medica tarefa. Eu de saúdosas

Flores, que minha mão colheu no monte,

JERONYMO, e PULCHERIA hum duplo ramo

Aqui vos deixarei: elle vos mostre

Que não morre em olvido a minha estima.

Chora, JOÃO, esse teu pranto he justo,

E bello he ver reconhecente filho

Em lagrimas banhar paternos ossos;

E de huma esposa as adoradas cinzas

Hum esposo inuendar com largo pranto.

Assim eu vi dous talentosos moços (39)
Chorarem de seus pais a dura perda;
E mais os estimei por esse bello
De optimo coração seguro indício.
Assim chorar eu vi outro illustrado
Collega a quem da Parca o cruel ferro
Já duas arrapcou ternas esposas; (40)
E ás vezes lagrimar o vi contando
Que com ellas sonhara. Compungido:
Amigo, eu lhe dizia, ah te console
Essa doce visão, que piedoso
Sonho te trouxe. Ella te vem do céu,
Que de ti se condõe, e que te mostra
Que inda além do sepulchro os mortos vivem.

Mas de quem he esse marmoreo vaso (41)
Cercado de floriferas ramagens,
Que, como a esphera do terra queo globo,
Meio na luz está, meio nas trevas,
E da negra parede ao ar sahindo,
Como baixo relevo, esconde e mostra
Seu funebre volume, e quasi teme
Todo mostrar seu luctuoso aspector
A quem tem de o banhar com o seu pranto?
Nome não traz, e de quem passa aos olhos
Falla só de constancia, de sauidade,
E de amor: sim de amor a mão conheço
Nessas flores, que o cercão; nesses versos,
Que a chorar nos convidão sobre as cizas
De eximia mãe, de eximia esposa, e filhas
Amor mui terne, e dor muito profunda
Esta tumba enfeitou: com as saudades,
Com o perfeito amor, ce'a sempre viva.

Com a cruz, que, no cimo, he das angustias,
E da religião, symbolo sacro,
Tudo nos disse, quanto no seu peito
Tinha, mas para si guardou somente
De quem elle adorava o caro nome.
Ah! sim, só pranto elle nos pede; e pranto
Derramemos aqui como o vertemos
D'Elisa sobre o tumulo, sem nunca
Ter visto essa infeliz, que o consternado
HYPPOLITO chorava. Ah! quem eu vejo
Ahi, perto, chorar? he outro amigo.
Ouve-o contar, a lastimavel perda
Ao amigo, que em lagrimas desfeito
Nos seus braços o serra: — Ah tu viste,
Lhe diz: chorar o amigo: eu huma esposa
Querida e quatro pequeninos filhos.
Quatro vezes, sim, dentro do meu peito
Mettera a cruel morte a mão gelada,
Mas não se saciou em quanto vio
Que eu tinha a quem amar, e quem me amasse:
E MARILIA roubou, que aqui no centro
Do coração eu tinha, e nessa tumba
Do meu amor quiz escondê-lo aos olhos.
Mas de MARILIA, e dos queridos filhos
A imagem aqui fica; essa não pôde
Arranca-la da morte a mão impia.
Ah! FELIX, olha; de outra tumba ao lado
Prantea huma innocente: (42) ella inda ham lustro
Não mostra pelo aspeyto; e quem o objecto
Será desse seu pranto? Ella nomea
Sua mãe!... — Tua mãe, bella pequenina
He pois quem ahi jaz? e tu já sentes

A perda de huma mãe? quantos, oh quantos
Crescidos já!... mas dize confreces-te
Essa mãe que tu choras? do seu peito
Chupaste o leite, que teus tenros annos
No berço alimentou? — Só minha mãe
Teve essa sorte: mamãezinha enferma
Tempo só teve para dar-me a vida:
Só beijou-me, e expirou: mas eu n'hum quadro
Vi seu semblante: he mesmo como o meu.
E eu tenho o seu nome: aqui está elle;
Lêde, eu me afasto, lêde. — Oh céos que nome!
Ah deixa, ó FELIX, que eu também acate
C'o respeito de hum filho este sepulchro:
Já no leito da dor tolhido eu via
Do proximo hymeneo, ha nove annos,
Com cipreste feral trocar as flores;
E dessa, que ahí jaz, o caridoso
Providente cuidado, a tudo attento,
Sempre consolador, sempre benigno
Valou-me; e me salvou. Eu, grato, o nome
De mãe lhe dei, e mãe ella foi sempre,
Com o amor, c'os conselhos, com o exemplo.
Antes que a natureza a mim fallasse
Dos filhos com a angelica presença,
Eu já della aprendêra a amar os filhos
Com ternissimo affecto, a fazer d'elles
Meu primeiro prazer, minha ventura.
E no amor, que ella tinha ao caro esposo,
As delicias previ, que de huma esposa
Derrama em hum marido o vivo affecto;
E aborreceu-me a solitaria vida,
E busquei quem me amasse como amava

Ella ao consorte: e mais affeição
Lhe ficou quando vi que o pensamento
Ella me penetrara, e de hum celeste
Prazer lhe fulgurou no rosto, e lida
Quando vio que eu buscava outra que fosse
Para mim o que ella era ao seu esposo,
Nem era eu só que, além do esposo, me affeccionava
Tão candida virtude: ella querida
Era de todos: terna, mui prezada,
Affavel, caridosa, ah quem podia
Não estimar ALBINA! (49) Oh cruel morte,
Que c'hum golpe enlutaste a tanta gente!
Pensas ter triumphado? em vão o pensas.
Inda dura, e perenne inda a memoria
Della nos ficará em quanto a vida
Sabes tu como ainda o fido esposo
A chora a cada instante? Eu muitas vezes
Correr lhe vejo do prazer no meio
Lagrimas turnas, e lembrar-se della
Quando c'os filhos brinca, e quando brilha
Mais festivo o banquete entre os amigos,
Quando a musica, e a dança os seus encantos
Derramão h'alma. Com divinos modos
De joven bellas torneados braços
Tangião docemente hum arpa acurada,
E casava outra nympha ao som mavioso
De lugubre modinha a terra letta
Mal começava o lamento e canto
E dos olhos as lagrimas corrião,
E hum soluço do peito arrebatando
ALBINA, oh minha ALBINA!ahi gritava,
E fugio desolado, e sobre o leito

Foi rapido cabir quasi sem vida,
ALBINA, repetindo, oh minha ALBINA! p...
E chorava, e tambem chorei com elle (44).

Dá-me, ó FELIX, de rosas e saudades,
E de perfeito amor mil e mil folhas
Para as fazer chover sobre essa urna,
Como da cara mãe, que ahi descança,
Sobre mim, sobre a minha amada esposa.

Huma nuvem choveu dellas, no dia
Em que, do templo em santo laço unidos
Tornando, como mãe nos recebeu; (44-a)
E : amai-vos, nos dizia, e Deos vos benza.

Nós nos amamos, sim, mas não quiz Deos
Que por mais longo tempo nos amasses;
E para si chamou-te ó minha terna,
Minha segunda mãe! Ah! se do meu
Affecto, e do meu pranto inda te toca
O sincero tributo, aceita nelle
Toda a minha alma; e a Deos pede que quando
Me tire deste mundo, e me não seja
Da mãe, que me gerou, dado o sentar-me
Ao lado como anelo, hum me conceda
Assento junto áquelle em que te acolhe
Sua excelsa bondade; e perto d'elle
Haja outro tambem para o teu caro
Consorte, meu amigo; e nunca nunca
Nos separemos mais na eternidade.

Mas o esposo não só, não só aos filhos
E a mim teu terno coração amava:
Qual virtuosidade havia a quem teu peito
Com sublime affeição se não abrisse?
O' ALVARES, (45) ó nome venerando

Ondequer que prezada e santa seja
A candura, e a benefica virtude,
Tu nesse coração sempre o mais alto
Lugar tiveste; e verdadeira filha
Ella sempre te foi c'o vivo affecto,
Com o summo respeito, e tudo quanto
Huma filha de hum pai prende á pessoa.
Mas quanto tu a choraste! e com o esposo
Quanto muita a chorou gente saudosa!
Mas tu mesmo, ai! depois da irada Parca
Ao golpe succumbiste: oh dia infausto
Para quem te estimava, e para o pobre
De quem eras o pai, a quem valias
Nos males com tua arte, e na miseria
Com a beneficência! mas de gloria
Assignalado dia a ti, que toda
A cidade chorou; e cujo esquife,
De mil pobres e mil acompanhado
Chorando-te, louvando-te nas vias,
Ao tumulo desceu quasi em triumpho.
Amor na vida, e lagrimas na morte
Tu tiveste do pobre, e da querida
Fiel esposa: oh! sim, grande, e sincero,
ALVARES, foi da tua Esposa o pranto,
Nem como leve pirajá, que molha
Das hervinhas a ponta, e logo passa,
E o pobre agricultor deixa illudido.
Eu mesmo vi sobre a funerea lousa,
Com a face cahir banhada em pranto,
A tua CAROLINA a ti chamando;
E não lhe respondia o teu affecto
Como elle antes soia; e mais afflicta

Dobrava ella o clamor ; e commovido
Lagrimava com ella o povo entorno.
Quaes flores lançarei sobre teus ossos
O' venerado amigo, que tão puras,
E tão gratas a ti sejam como essas,
Que com a viuva mão ella gemendo
Offerece aos teus manes ? Quem tão pouco
Delicado será, que de huma esposa
Associar-se queira aos santos actos ?
No lar já foi hum dia, hoje he na lousa
O thalamo do amor, que ainda vos une.
Respeitemo-lo ; agora he mais sagrado.

Mas de outro bemfeitor da humanidade!
Collega e amigo meu, eis o sepulchro. (46)
Probo e habil na arte, este de JENNER
Medrar fez no Brazil a descoberta,
E muitas conservou vidas á patria
Com assiduo trabalho em longos annos.
E pobre succumbio, e da familia
Fôra a sorte fatal, se mãos Augustas
Não se abrissem beneficas e piias.
Est'outro os dias seus sobre os fedentes
Cadaveres gastou com o scalpello, (47)
E com a penna trabalhou de noite
Para instruir aos jovens Brasileiros
Na textura admiravel deste corpo
Que vive, que se nutre, e aonde tudo
Tende a certas funcções, onde a hum fim certo
Todas estas funcções mirão, e hum plano,
Hum fito, huma sublime intelligencia
Auctora delle tudo mostra aos olhos.
Outros, como estes, ao paiz fizerão

Serviços, que esqueceu desprezo ingrato,
Ou que mesmo, com lingua venenosa,
Em causas converteu d'odio e de raiva,
E de perseguição atroz calúnia.

O amor da humanidade, o amor da patria
Das nossas affeições são as mais nobres:
E deste a chamma se traduz naquelle,
Porque sem homens, não ha patria, e nelles
Esta toda se cifra: o climá, o solo
São aos brutos communs, communs ás plantas,
Mas o teu semelhante, o teu patricio
Ao homem, sim, sómente elles pertencem:
Só elle os pôde amar, e ama-los juntos.
Mas os que deste amor ardem, que, cheios
Desta chamma sublime, altos, e muitos
Beneficios derramão, poucas vezes
Retribuidos são pelos amados,
Pelos que desse amor gozão o fructo;
Olvido, ingratição, eis o seu pago;
E quem outro esperar nunca bem faça.
Assim destes heróes beneficentes
Muitos jazem aqui entre a das urnas
Multidão esquecidos, e sem tocha
Intreprete de grata alma saudosa.

Onde estão, onde estão as vossas urnas,
Vós, que regestes desta terra a sorte
Quando a de Portugal antigo sceptro
Fiel obedecia, e valorosa
Pugnando por seus reis, vós que mil modos
Buscastes como pais para torna-la
Feliz, e gloriosa, e aqui da morte
No meio vos ceifou do vosso zelo

A inexoravel fouce? Ah quem as cinzas
Allumia-te, sim, ó tu, que de aguas
Com obra collossal abasteceste (48)
Desta cidade o povo? Ah se não fóra
A piedade e gratidão das santas
Virgens, ás quaes ergueste o sacro eláustro,
Igual fóra á de ESTAGIO (49) a tua sorte:
Por indio arco lançada a este a face
Ferio mortal envenenada seta,
E aos Lusos o roubou, que prantearão
Nelle hum heróe da patria, e as caras cinzas
Lhe honrarão: solitario hoje lá dorme
N'hum templo do Castello, e só de PEDRO
Ha pouco o visitou o pé piedoso.

Qual tocha hoje allumia as vossas urnas,
O' vós, que no Brazil aqui lançastes
C'o amante Dom JOÃO os fundamentos
Da grandeza actual e da futura?
Tu Dom RODRIGO (50) de Ypanema ao ferro,
Que, sem uso, da terra antes jazia
Sepultado nas visceras, ergueste
A primeira officina; e tu FERNANDO (51)
Os altos tribunaes ao Brazil davas;
Que probo; e amigo do talento, e sempre
Com cuidados de pai antes regeras.
E tu, de toda illustração amante,
Benefico ARAUJO (52) o templo ergueste
Das artes bellas, que ás nações eternos
Monumentos levantão, e do espirito
Imprimem na materia os pensamentos;
E ao templo grangeaste os sacerdotes,
E da China o cultor da China á planta

Que prospéra em S. Paulo onde a cuidosa
De AROUCHE (53) a propagou mão, que a levata.

Mostra-me ó Felix onde jaz a cinza
Desses, que do caffè, do chá, da canha
Trouxeram ao Brazil as uteis plantas,
De que a riqueza vem, de que a fartura
Do paiz, do commercio, e os avultados
Rendimentos do Imperio: estes da patria
Bemfeitores, sim, forão: mas aonde
Estão os nomes de JOÃO ALBERTO, (54)
E de LUIZ DE ABREU? argentea chapa
Não os conhece, nem madeira incisa.

Mostra-me então os que o brasilio solo
Honrarão com a penna e c'ó talento,
E das Musas a voz soar fizeram
Neste novo hemispherio, onde sómente
Do selvagem se ouvia o rude canto,
E o de aves bellas, sim, mas não canoras,
Como essas que da Europa as selvas enchem
Com doce melodia encantadora.

Ahi, FELIX, está quasi esquecido
O tumulto do sabio infatigavel,
Que a Flora ergueo hum templo magestoso
No solo fluminense, e preciosas
Sobre materias mil folhas encheu.
Qual sabio de VELLOSO (55) ao nome illustre
Não tributa respeito além dos mares?
E aqui seus ossos ignorados jazem
Sem humta dessas mil brasillias flores
A's quaes elle deu nome, e ás quaes dos bosques
Inhospitos com mão deuta, e cuidosa
A brilhar trouxe dos jardins na pompa!

Ahi PIZARRO (56) e BALTHAZAR (57) descansão,
Que os fluminenses fastos illustrarão
Com diligente penna, e o veneravel,
Doutissimo CAYRU' (58), que em sabias folhas
A sciencia politica, e os direitos
Do commercio, e seus bens esclareceu,
E probo e firme trabalhou com zelo
Da primaria instrucção para o progresso,
E para ao seu paiz fazer ditoso.
Destes os ossos a mais tarda idade
Venerará dizendo: « A vós a Patria
« Não deu em vão o ser, nem o talento,
« Nem ingrato com ella o vosso peito
« Dos seus dons descuidou o uso e o culto. »
E o mesmo exclamará quando o sepulchro
Avistar desse vate a quem as Musas
Do Pindo, e de Sião a lyra enchião
Com maviosos sons, que em doces versos
Fallayão a do céo alma linguagem.
Sim no lodo e no pó torpes bellezas
De CALDAS (59) não buscou a alma nobre
Para ornar o seu canto, ou dar-lhe o thema ;
Mas elevada ás regiões mais altas
Com os anjos fallou, fallou com Deos ;
E foi sublime e mui divino o canto.
Assim dirá tambem quando a modesta
Letra ella vir da lousa, que esquecida
Os restos cobre do cantor da Virgem, (60)
Que, co'a religiosa alma de KEMPIS, (61)
E de MILTON (62) c'o estro, além das nuvens
Acompanhou de Deos a Mãe e Esposa,
E ao mundo revelou do céo a gloria.

Ah porque procurar foste na França

O modelo do rhytmo ao doce canto

Na bella de CAMÕES rica linguagem,

O' eloquente cantor, em tão sublime

E tão extenso assumpto? Alta importancia

Tem no canto as feições, que toma o canto;

E, sem a da harmonia, em vão se eleva

Da mente só co'a poesia o vate.

Não de DIRCEO (63), nem de TERMINDO (64)-as urna

E nem a de DURÃO (65) aqui procures,

O' FELIX: outra terra os ossos cobre

Do brasilio Camões, que, com os feitos

Do gram Caramurú, do novo mundo

Cantou a descoberta: o lysbio solo

Do cantor do Uruguay as cinzas guarda;

E quando sobre o mar turvado ronca

Tempestuosa mais em Moçambique (66)

A da *monomucaia* horrivel furia,

De Marilia o cantor, eu muitas vezes

Vi da noite no horror surgir da terra,

E ainda todo amor, todo doçura,

Acalmar com a lyra a tempestade,

E serenar-se o céu, e das estrellas

Scintillar de prazer mais viva a face.

— E de AMERICO ELYSIO (67) onde, perguntas,

A urna está? mui venerada e cara

Ella foi ao Brazil.—Aqui sobre ella

O pranto derramei n'hum dia triste (68)

Mas mui grande tambem quando em triumpho

Pela terceira vez e derradeira (69)

O levava do povo o enthusiasmo,

Que nelle respeitava o patriarcha

Da patria independencia. As Musas caro
Era o nome do velho, e o mundo culto
Do seu vasto saber prezava o peso.
Mas o que não se acaba em volver d'aunos?
Murchou desse talento a flor mui bella
Em magoas mil, e por alhea culpa
Talvez bebeu de fel mui funda taça:
E a gloria só brilhou sobre seu frio
Corpo, que já seu esplendor não via.
Aqui ficou depois mui solitario
Do olvido entregue aos ferrugentos braços;
Até que dos avós o transportarão
Os seus parentes a jazer c'os ossos;
E dorme lá na paulistana Santos.

Lá alguém enfeitará talvez a urna
Do illustre velho: nossas mãos as flores
Lancem aqui sobre outra, que hum illustre
Cidadão nos esconde. Este co'a penna,
Com a voz, c'o talento, e co'a virtude
O throno e a liberdade ao mesmo tempo.
Defendeu corajoso, desprezando
Da calumnia e da intriga os mil embustes,
E as mil perseguições. Douto, eloquente,
Filho das Musas, (70) fez soar o canto,
Que da patria desperta o entusiasmo;
E justo, e sabio, e sempre honrado, os altos
Destinos do paiz tendo em em seu punho,
Só da patria tratou, e os santos dogmas
Pregou da ordem, do perdão, da mansa
Tranquillidade; e o turbilhão furente
Da atroz rebelião só nõ seu sejo
O vio para acalmar-lhe a raiva, e a furia:

E o throno existe, e a liberdade vive,
E aqui do GRANDE PEDRO o Filho reina.
Sim d'EVARISTO em grande parte he a gloria
De tamanha ventura, e de EVARISTO
Deve sempre o Brazil ser grato aos manes.
Mas quem hoje lhe honra as cinzas frias?
A patria grata? d'hum viuva Esposa,
De hum Mano amante a viva dôr sômente!
Destes ah, sim, o amor nunca se acaba.

Mas eis em outra urna hum nome eu leio
Veneravel a mim, e d'Esculapio

A' illustrada brasilica familia.

Quando ingrata contigo, ó CARAVELLAS, (71)

Teus serviços esqueça a patria tua,

Jámais as sciencias callarão teu nome

Nos annaes gloriosos, porque hum templo

Abriste nesta côrte ás que do homem

A vida conservar por mil maneiras

Esmerão-se, estudando as leis obscuras

Da natureza em todos os seus reinos,

E do organismo as intrincadas têas,

E os phenomenos mil e variados,

Que ora em normal, ora innormal estado

Ao seu indagador olho apresentão.

De COLBERT (72) com o esp'rito e as grandes vistas,

Tu da semestral noite em que jazia

De temores cercado e de suspeitas,

Do medico instituto o novo germen

Generoso e magnanimo tiraste,

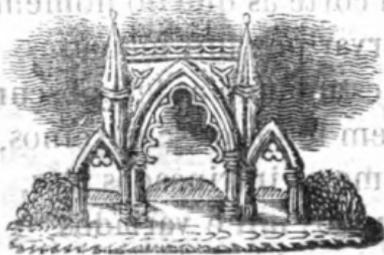
E sobre elle por ti raiou do throno

A benefica luz, que lhe deu vida.

Eis o mais bello, e verde dos teus louros.

Emquanto elle viver sempre seus ramos
Honrarão tuas cinzas, e como elles
Do mundo os sábios bendirão teu nome.

Ah! basta, ó FELIX; eu já vejo as urnas (73)
Onde parar teu consternado espirito
As azas deve, e com sincero affecto
Todo e perenne consagrar seu pranto.
Comtigo eu aqui choro; e flores lanço;
Mas a lyra te cedo: a ti somente
Cantar pertence a quem ahí descansa!



OS SEPULCHROS.



VII.

Digitized by Google

OS SEPULCHROS.

① CEMITERIO DOS INGLEZES.

IDYLIO BRAZILIANO

DE

Theodoro Cannay,

TRADUZIDO DO LATIM

PELO

Dr. LUIZ VICENTE DE-SIMONI.

Trouxe a Aurora do sol a luz estiva : (1)
E na cesarea quinta a pretoriana
Trombeta já tocou. (2) Da zona ardente
As fructas, pelo mar, e os aureos pomos,
Terra a terra, á cidade agrestes barcos
Eis conduzindo vão, e d'altos gritos
Do Brazilio e do Negro os ares soão.
Mas do geral cuidado, que madruga,
Não toca a mañal bulha aos Britannos
Quedos na morte, e aonde tambem dorme
Em hum seio do porto o mar, descansão.
Tudo he mudo; e na relva apenas geme
A primeira cigarra, emquanto affoutas
As cabras, que não veda a mesta cerca,
Vão o funereo prado tosquendo.

E entre os mesmos sepulchros escondido,
 Berrando, a errante mãe-chama o cabrito,
 Imitando co'a voz humanas queixas.

Eis o sepulchro, as roridas seguindo
 Pontas das hervas, aos sepulchros vóa.

Ah! sim, dos ventos todos rodeado,
 Mais suave o repouso he nestes campos,
 Que em hum grande edificio, e sob o peso
 De urbano templo dos mortaes na bulha,
 E entre o vulgo pranto, e pranto dos campos
 Solitarios tambem anda presente

A divindade, e aos solitarios manes.
 Mais percebido assim rodea o pranto.

Mas se ás cinzas, que sobre a muda terra,
 E se aos finados resta algum cuidado,
 Ai! o sepulchro a patria não lhes sabe.

E não os acolheu a natureza,
 Regressados, no seio em que os gerara.
 Ah! da prisca nutriz não tem nos braços,
 Nem no conforto seio o extremo pouso;
 Não o norte frio dos ares priscos,
 E não do escuro polo as tempestades
 Perennes, e o do ceo fuguz engano, (3)
 Ventosa sede das sombras, aonde
 Cada huma, se diz, mente da vida
 De novo as formilas e as accões: aonde
 Aereo caçador, aereos gamos
 Persegue, e com o fraje em que fugira
 Novamente Hymeneo a esposa volta!

No ignivomo seu curso as brancas pedras
 Aqui o sol abraza, e hum patitante,
 E ceruleo vapor nas ondas bruma,

E do mar mudo, o espelho arde, e da Lethes
Dirias tremular o lago em chammas.

O carissimo aqui ás quedas urtas
Alamo não suspira, ou de Dodona; (4)

O carvalho, com fremitos de guerra.

Mas, sob hum outro sol, outra de lucto.

Linguagem tem, com as escuras folhas.

Em circulo cahidas, as mangueiras,

E o mesto, quizeiro, encapotado.

De musgos, cá e lá, com rubras folhas,

E variegado de vellica áspecto.

Outra flor, outra planta, avei diversa,

E a quem cantou na infancia o natalicio.

O rubro pino, e affectuoso a bérço.

Lhe visitou co' a costumada penna,

Septicolor agora hospede ignoto.

Lhe visita o sepulchro. Só no alto

A companheira antiga alli se mostra.

Do gemido eurgro não esquecitta,

A viajante andorinha, e mui palneira.

Do sagrado frontão pousa no eimo.

Pergunta ella talvez c'o seu sussurro,

E tambem curve mensageira prestes

A partir p'ra além mar? E porque aos mudos

Pergunta o que dirá nos patrios lares?

Que? a hum passaro? e qual necessidade

Tem os manes de interprete? Elles mesmos,

Sim, elles mesmos, quando o vento surge,

E em procellosa noite escura nuvem

A lua escõde, cavalgando os ares,

Do veloz turbilhão, montão nas azuis

Tornando a visitar los ginquas plagas.

A patria, e o lar paterno; e a solitaria
Dos amigos velhice; depois de annos,
Gostão de novo esvoçar entorno.

O' patria! ó margens do nativo rio!
Relva, que mestra dos primeiros passos
Já foste á tenra planta! ó quedo dia!
O' vida mais fugaz que hiberno rio,
E da bruma vernal languido faio!
Tumba, não vida, além do mar se muda:
Este o alegre o mandou dos frios campos
Humber, (5) est' outro do Tamisa (6) a nymphas
Com a primeira luz vio este os muros,
Que aos Cesares de Roma albergue derão
Hum dia, ou de Westminster os castellos (7)
Ora sacros aos reis, e de hum augusto
Sepulchro a cumieira. Este guerreiro
Intrepido em seu curso em varias praias,
Ligeira mais que a voadora quilha,
A morte interceptou; e está sentada
Sobre elle.... O mercador, que jaz vizinho,
Com revezantes náos o mundo todo
De seu enchia acreditado nome.
Hum moço eu vejo, que a Britanna Musa,
Instruido até agora em os seus templos,
Aqui fragrante de parnasio louro,
E de palmas mandára ha pouco tempo
Ao novo mundo: e já do aurifero terreno
Na voragem desceu, já de VIRGILIO,
E do agradável fallador HOMERO
Esquecido, e da vida, que suave
No limiar primeiro o convidava
E sahe agora com funereo veol

Sob os olhos dos pais: Da patria, ai, longos
E do filho, e do irmão, eis-aqui, fica
Do fulmineo varão (8) o companheiro,
O batavo HOGUENDORP, e antes do tempo
Envelhecido, emfim achou descanso.

Eis cahe de repente huma da morte
Victima preciosa; e na dos annos
Primavera melhor, recente esposa (9):
YOUNG he seu nome virginal: ai digna
Que em longas noites outro YOUNG a cante.

Pois pranto não poupou a mesma fama,
Tão bella á gente em seu andar pasmava.
Toda a familia á esta flor perdida

Lastima em vão; debalde a bella esposa
Do britanno varão, que com a prompta
Do mar egida ha pouco o Brazil cobre, (10)
Orvalha com seu pranto as caras cinzas.

Assim rosa, que pallida no ramo
Quebrado pende, restaurar não póde
A Aurora, que com lagrimas a banha.

Ah Deos se digne, amavel sombra, ao menos
Juntar-te ao sacro coro, e aos seus ditosos,
Compenso eterno á diva fórma extincta.

E vós todas, ó sombras, quer o rico
Marmor conserve os nomes, quer a vida
Brilhe na inscripta imagem, ou no verde
Terreno huma commum pedra os esconda,
Já, se dos pais fé nos merece a crença,
Mais vos he leve em molle terra o somno.
Hum vate vos cantou, não (e elle mesmo
O confessa) como esse Calédonio (11)
Junto das ondas do nevoso rio,

NOTAS.

ADVERTENCIA.

Como talvez algumas das pessoas a quem dedico esta pequena obra possam não estar bem informadas dos pontos geographicos e mythologicos a que se referem ou ainda varias das passagens dos carmes, que a compõe: deseioso de que isto não sirva de obstaculo á sua leitura, e possa ella ser entendida por todos que estiverem na circumstancia, que faz objecto da minha dedicação, julguei acertado pôr aqui as seguintes notas illustrativas, cujo maior numero estou persuadido seria desnecessario para huma grande parte dos leitores, no meio de hum publico geralmente illustrado, como o desta capital e outras cidades do Brasil.

NOTAS Á PREFACÇÃO.

- (1) Verona he cidade do norte da Italia no reino Lombardo-Veneziano, sob o dominio da Austria.
- (2) Segundo a fábula os muros da cidade de Thebas da Grecia haviam sido erguidos ao som da lyra de Amphyão, filho de Jupiter e Antiope, o qual com a sua musica havia atrahido, e obrigado as pedras a se juntarem e collocarem-lhes sobre as outras. He huma

allegoria da influencia da musica e da poesia, nos povos selvagens, e no desenvolvimento da civilisação.

(3) He o cavalheiro ~~Vicente Monti~~ ^{Vicente Monti} hum dos mais insignes poetas italianos modernos, o autor da celebre tragedia *Aristodemo* que foi aqui representada, e de outras, taes como *Cajo Graccho*, *Manfredi*; de muitas poesias sobre diversos objectos, e o melhor e mais exacto traductor italiano da *Iliada* de Homero, e das satyras de Persio. Ha oito volumes das suas obras, e mais cinco de obras raras e ineditas que forão depois publicadas em 1832. Hum dos seus merecimentos principaes he ter hum estylo esplendido, e magnifico sem turgidez, e muita habilidade em vestir italicamente e á grega qualquer pensamento, e ter reivindicado a honra de Dante menos-presado e infamado pelas criticas de Bettinelli, e pelos poetas turgidos e vasio da escola do Frugoni, havendo elle feito gostar e apreciar o estylo do autor da *Divina Commedia*, que elle mesmo imitou e apurou na sua *Basvilliana*, *Mascheroniana*, *Bardo da Selva Negra*, etc. Sua variedade e inconstancia em opiniões politicas, que o fez cantar em todos os sentidos, diminuiu muito da estima geral de que teria gozado com outro procedimento. Comtudo, ninguem lhe pode negar a gloria de grande poeta do seculo. Ha huma circumstancia da sua vida, que merece ser mencionada. Tendo fallecido hum seu grande amigo mandou offerecer a sua mão á filha delle sem conhecê-la, só por ser filha de hum homem celebre: e esta aceitou sem conhecer a elle, só por saber que era o auctor do *Aristodemo*. Nasceo em 19 de fevareiro de 1755, falleceo em 9 de abril de 1826. *Foscolo* nasceo na filha de Zante em 1772, e falleceo em Londres em 11 de setembro de 1827. Tinha pois 3 annos quando publicou o *Carme dos Sepulchros*.

(4) He hum romance, ou historia de hum joven que se suicidou por huma paixão amorosa, junta a adversidades, que contrariavão o seu espirito.

(5) De todos os poetas italianos he Silvio Pellico aquelle em

cujas poesias transpira mais frequentemente, ou para melhor dizer, sempre hum doce sentimento melancolico e religioso que, toca o coração com humã suavidade verdadeiramente divina. Ha delle publicadas oito tragedias, entre as quaes a mais celebre e popular, he a *Francisca de Rimini*, representada com geral e sempre crescente successo em todos os theatros da Italia, e cuja traducção em verso, que já conclui, publicarei a seu tempo. Ha tambem varios canticos ou pequenos romances, e muitas outras poesias lyricas, e em prosa o seu celebre Discurso dos deveres dos homens, traduzido e publicado nesta corte pelo Sr. João de Deos e Silva, e finalmente a obra, que o tornou celebre em toda a Europa, intitulada — *Le Confessions de un Prisonnier*, que he a historia do seu cativoiro de 10 annos na fortaleza do Spielberg na Moravia, onde gemeu nos ferros do carcere duro a que fôra condemnado por 15 annos, commutação da pena capital por hum decreto do imperador da Austria Francisco I, como carbonario, sendo-lhe depois perdoados 5 annos pelo mesmo imperador, obra esta ultima, que já foi traduzida em varias linguas, e publicada com notas de Maroncelli seu companheiro de carcere, condemnado pelo mesmo motivo. A noticia recente da sua morte, não he certa.

(6) No poema italiano, a *Jerusalem libertada* do Tasso Rinaldo ou Renaldo, valentissimo guerreiro do exercito dos crusados estava preso e entretido pelos encantos e atractivos da maga Armida em hum jardim delicioso, onde passava humã vida lasciva e effeminada. Ubaldino, capitão do exercito christão para o tirar desse lugar, havendo podido penetrar nesse jardim, ap resentou-lhe hum espelho adamantino no qual elle se viu como em hum espelho, e ficou tão envergonhado de si e do seu estado, que atirou ao chão todos os ornamentos effeminados com que estava enfeitado, e despresando as delicias d'aquelle lugar, e o pranto de Armida voltou ao campo christão onde obrou prodigios de valor.

(7) Prologo das *Satyras* de Persio.

(8) *Novi* ou *Novae Novarum* (pelo que alguns a confun-

dem com a cidade de Novara da Lombardia) he huma cidade, de 10 mil almas nos confins da antiga Republica, hoje Ducado de Genova, com o Piemonte, e tem ao sul fertis morros cobertos de vinhas, e as montanhas do Apenino ligustico, e ao norte, havya planicie immensa, que vae até os Alpes. He insigne na historia moderna, pela derrota que ali soffrêo o exercito francez no fim do seculo passado, combatendo contra os Russos e os Austriacos. Ali nasci, aos 24 de setembro de 1792, e em 1817 vim para o Brasil.

NOTAS AO CARMÉ PRIMEIRO.

(1) Allude ás epistolas e poesias campestres de Hyppolito Pin-demonte insigne por essa qualidade de estylo.

(2) Dites nome de Plutão o Deos dos infernos, filho de Sa- turno e Ops, irmão de Jupiter e de Neptuno, raptor e esposo de Proserpina.

(3) Templos achéronteos são os lagares infernaes proximados do rio Acheronte: expressão imitada dos antigos, que assim os denominavão como Lucrecio, lib. 111, v. 85, *Prodiderunt vitare acherusia templa petentes.*

(4) O celebre PARINI, insigne pelas suas odes e pela sua satyrica ironica contra a luxa e moleza dos senhores Lombardos intitulado *il Giorno* ou o dia, na qual descreve cuidadosamente com o mais sagaz pincel a vida effeminada e ociosa daquelles grandes. Esta satyra he dividida em quatro cantos intitulados *a manhã, o meio dia, a tarde, e a noite.* Para dar alguma idéa do estylo desta bella poema, aqui insiro alguns versos do seu começo, como se segue petente traducção quasi literal e que he a seguinte.

Giovin signore, o te scenda per lungo
Di magnanimo lombi ordire il sangue

Purissimo, ceeste, o in te del sangue.
Emendino il difetto i compri onori,
E le adunate in terra e in mar ricchezze
Dal genitor frugale in pochi lustri,
Me precettor d'amabil rito ascolta.

Jovem senhor, ou a ti desca por longa
De magnanimos rins ordem o sangue
Purissimo, ceeste, ou em ti do sangue
Emendem o defeito honras compradas,
E as em terra e no mar juntas riquezas
Por genitor frugal em poucos lustros,
De amavel rito precettor me escolta.

(5) Allude á satyra acima citada. Sardanapalo Lombardo chama o autor ao Grande effeminado da Lombardia por ter sido Sardanapalo, ultimo rei dos Assyrios, mui celebre na antiguidade pela sua vida lasciva e effeminada. Este rei, á final, depois de se ter entregue a toda a sorte de infamias, vendo-se sitiado no seu palacio pelos seus subditos, deitou fogo ao mesmo e morreo nelle queimado com tudo quanto tinha de rico e precioso.

(5 a) Adda e Ticino são dous rios da Lombardia, o primeiro denominado *Abduas*, em latim, tem suas nascentes nas montanhas das Grisoës, onde ha muitas cavernas; e he por essa razão que o autor falla em *antros abduas*.

(6) O pequeno bosque de tilias, no suburbio oriental de Milão, capital do reino Lombardo-Veneziano, na Italia, sob o dominio da Austria.

(7) Os cemiterios suburbanos de Milão.

(7 a) Allude á cidade de Milão e seu famoso theatro *della scala*, onde se representão operas em musica, e á demasiada importancia que, com prejuizo da poesia tragica e comica, dão os grandes e ricos daquella cidade ás representações em musica, e aos cantores, muitos dos quaes ainda naquelle tempo erão eunuços ou *castratos*, como o autor lhes chama com termo latinado, proveniente de *vir* homem, e da preposição *ca* ou *ex*, indicante privação. Conservej na traducção essa palavra por ser mais decente e mais grave do que

qualquer outra. Parini tinha também satyrizado os cantores eunucos sobre o tablado na sua ode que principia:

Aborro in sulla scena

Un canoro elefante,

Che si strascina appena

Sulle adipose piante.

Aborrego, na scena

Hum canoro elefante,

Que arasta-se com pena

Sobre adiposas plantas.

(8) Allude aos vasos lacrymatorios, alampadas sepulchares e ritos funebres dos antigos.

(9) Os supplicantes e os ençados sentavão-se antigamente perto das aras e dos sepulchros, como se vê do verso de Tibullo, lib. II, eleg. viij:

Illius ad tumulum fugiam supplexque sedebo.

D'elle ao tumulo irei, e ahi sentado

Supplicarei.

(10) Allude aos perfumes de que os antigos rodeavão os cadáveres e os tumulos com o intuito de fazer ditosos aos finados. Em huma das inscripções, illustrada pelo abbade Marini, sobre huma urna sepulchral, lê-se:

EN NYPOIS

ΣΟ ΤΕΚΝΟΝ

Η ΨΥΧΗ.

Em unguentos.

Tua filho

A alma.

Isto he como se se dissesse: em perfumes o filho a tua alma.

(10a) Allude aos cemiterios que em certas cidades e villas da Inglaterra, havendo nellas muitos ornamentos e muita amenidade, servem de passeios publicos.

(12) O almirante Nelson que tomou no mar do Egypto aos Franceses a não *Oriente*, cortou-lhe o mastro grande, e de seu fuste mandou fazer o seu esquite, que trazia sempre consigo.

(12 a) Orco he o mesmo que os infernos dos antigos.

(13) *Marchiavelli* ou Machavel, celebre escriptor politico e historico mui conhecido, de cujo nome provem a palavra *machavelismo*.

(14) Miguel Angelo Buonarotti, architecto do Vaticano, pintor e poeta.

(15) Galileo, precursor de Newton, na astronomia e physica celeste.

(15 a) Apennino ou Apenninos, cadeia de montanhas, que corre dividindo a Italia no seu comprimento em oriental e occidental.

(16) O poema intitulado *La divina Commedia* foi, segundo alguns escriptores, principiado antes do desterro de Dante, seu autor. Este poema he dividido em tres partes, que são: 1ª, o Inferno; 2ª, o Purgatorio; 3ª, o Paraiso; cada huma das quaes com 30 e tantos cantos em tercetos. Dante deve ser considerado como o pai da lingua italiana, e da poesia christã e consensual. Em variedade e riqueza de imaginação, não ha poeta que o iguale, assim como em força de expressão, e em traços breves, salientes e fortes. Seu estylo e linguagem são sempre graves e austeros, e mostram hum espirito sombrio, profundo e irritado pela injustiça, mas que sente tambem profundamente a desgraça, e se sabe pintar com as côres mais fortes, e os traços mais tocantes. Xavier Bettinelli, nas suas cartas, que elle finge escriptas por Virgilio, dos campos Elysios, foi muito injusto e excessivo na sua censura para com este genio verdadeiramente grande e original. Monti reivindicou os seus direitos. O poema de Dante he o mais difficil de interpretar, não só pelos factos historicos, como pelos conhecimentos scientificos em muitos ramos do saber humano, com que joga a cada passo. Os Guibellinos erão huma facção opposta á dos Guelfos, e pugnavão huns pelos interesses dos imperadores, e outros pelos dos papas, huns pela estravidão, outros

pela liberdade italiana. Dante desgostou-se, á final, com ambas estas facções, subdivididas em outras, que se guerreavão, e que com elle forão injustas.

(17) *Calliope* humã das nove musas, que preside á poesia heróica e sentimental. CAMÕES a invoca para cantar a exposição historica do Gama ao rei de Melinde.

Agora te *Calliope* me ensina,
O que contou ao rei o illustre Gama.

HORACIO a invoca para cantar o que elle deve ás musas, e para ter occasião de louvar a Augusto,

*Descende caelo, dic age tibia
Regina longum, Calliope, melos,
Ses nunc nunc maris acuta,
Ses fidibus cytharæque Phoebi.*
Desce do Céu, eia co'a tuba,
Regia *Calliope*, grãde hymno canta,
Ou, se o preferes, com voz aguda,
Ou bem de *Phebo* co'a lyra e as cordas.

(18) O PETRARCA, cantor de Laura, poeta erotico e sentimental, aperfeiçou a lingua italiana, dando-lhe toda a belleza e doçura possível. Nasceu no exilio de progenitores fiorentinos. O amor nos versos de Petrarca he hum sentimento verdadeiramente puro, nobre, divino, isento de toda a sensualidade, em huma palavra, he huma paixão angelica; por isso, pôde-se dizer que esse mesmo amor, que nas poesias gregas e latinas sempre apparecia nú e sensual, nos versos de Petrarca achá-se coberto de hum candido véo, que o torna mais bello. O amor em Ossian, he tambem mui casto, de maneira que, como nota o seu traductor Cesarotti, não ha em todas as suas poesias huma expressão amorosa que diga respeito ao tacto, mas o Bardo, marido de Malvina, não tinha nem os estudos nem hum coração cultivado como o cantor de Laura.

(19) Os antigos distinguão duas *Venus*, humã tērestre e sensual, outra celeste e espirital, as quaes tinham ritos e sacerdotes diferentes.

At

(20) Os mausoleos dos homens mais illustres da Italia.

(20 a) Montanhas altíssimas que separão a Italia da França e Affemanha.

(21) O celebre conde VICTORIO ALFIERI, principe dos poetas tragicos italianos, austero e forte no caracter e no estylo. • Alfieri, diz Maroncelli nas suas notas ás *Le mie prigioni* de Silvio Pellico, he o primeiro poeta quer entre os antigos, quer entre os modernos, que tenha executado a dramatização do *Eu*, isto he do homem interno. A fórma que escolheo, he pois a consequencia excogitada, immediata e mui necessaria da sua concepção; he fórma sua, he original e logica. Quiz depois dramatizar outra cousa que o EU: quiz dramatizar o homem, no tempo e espaço, e tomou outra fórma: esta a não inventou, porque Guarino neste modo de dramatização externa o havia precedido, e elle não fez senão imprimir-lhe hum caracter especial a'elle.

(21 a) Conservei ao verbo *fremem* o sentido activo, que tem no original, por me parecer mais expressivo: quem se não agradar disto lêa.

E de amor patrio fremem os seus ossos.

(22) *Marathona*, lugar distante dez milhas da cidade de Athenas, e donde Milciades derrotou, com dez mil homens da Grecia, o exercito de Dario rei dos Persas, commandado por Datis e Artaphernes, e forte nessa occasião de cem mil homens de infantaria e dez mil de cavallaria.

(23) *Eubea*, ilha ao oriente da Attica e da Beocia, hoje denominada *Ilha de Negroponto*: ella está separada da terra firme sómente por hum pequeno braço de mar denominado *Euripo*, coberto por huma ponte.

(24) Fiz toda a diligencia de conservar neste lugar a bella ornamentação do original, em que a bulha e o correr dos cavallos, são expressadas, e pela cadencia do verso, e pelo som das palavras; e para que os leitores possão comparar a versão com o original, neste lu-

gar, aqui dou os versos do autor, dos quaes se verá que, se não expressi tão vivamente com o movimento do verso o andar dos cavallos, o som das pegadas destes sobre corpos armados de ferro he mais vivamente expressado pela palavra *capacetes* no lugar, que ella occupa no verso, do que pela palavra *elmi* do original, ganhando-se assim no portuguez com aquella o que se perdeu com a palavra *api-soando*, para se verter a palavra *scalpitanti*. Eis os versos do original:

Il navigante
Che veleggiò quel mar sotto l'Èubea,
Vedeà per l'ampia oscurità scintille
Balenar d'elmi, e di cozzanti brandi;
Fumar le pire igneo vapor; corrusche
D'armi ferree vedeà larve guerriere
Gorcar la pugna; e all'orror de notturni
Silenzi, si spandea lungo ne campi
Di falangi un tumulto, e un suon di tube,
E un incalzar di cavalli accorrenti
Scalpitanti su gli elmi ai moribondi,
E pianto ed inni, e delle Parche il canto.

(25) Segundo a crença dos antigos pagãos, as Parcas vaticinam cantando as sortes dos homens, que nascião e morrião. Temos em Catullo, nas nupcias de Tethys, o verso.

Veridicos parcae coeperunt edere cantus.
Cantos certos as Parcas entoarão.

(26) Como se deprehende de humia passagem do livro XXIV da *Odysea*, o tumulo de Achilles foi erguido perto do *Helléspondo*, em hum dos lugares mais elevados, e os herões do exercito grego devião ser sepultados nessas paragens para os seus tumulos serem vistos pelos navegantes. O *Helléspondo* he o hoje denominado *Estreito dos Dardanellos*, que separa nesse ponto a Asia da Europa, e communica o archipelago da Grecia e Turquia com o mar de Marmara.

(27) O escudo de Achilles foi, com injusta sentença, adjudicado a *Ulysses*, e não a *Ajax* a quem competia pelo seu valor no qual era tanto superior a *Ulysses* quanto este o era a elle em siso e astucia. Porém, o mar o roubou ao mesmo *Ulysses* na occasião do seu naufragio, e conta-se que o levou não á *Ilha de Itaca*, patria

e reino de Ulysses, mas sim ás praias aonde existia o tumulo de Ajax. O Promontorio, Recio ou Retéo he hum cabo do Bosphoro Thracio, e he celebre entre os escriptores antigos pelo dito tumulo.

(28) *Pimpleas*: assim se denominavão as Musas, do monte Pimpla da Thracia, que a ellas era consagrado.

(29) *Troade*, o paiz aonde existia a celebre cidade de Troia, assim denominada de Tros, rei da mesma, filho de Dardano e pai de Ganymedes, o copeiro de Jupiter.

(30) Os viajantes modernos descobrirão na Troade as reliquias da sepultura de Ilo, antigo Dardanide, que dera á cidade de Troia o nome de Ilio. Veja-se LeChevalier. *Voyage dans la Troade*, e as noticias de huma viagem a Constantinopla, do embaixador inglez Liston, de Mr. Hawkins, e do Dr. Delaway.

(31) Segundo dous escriptores Gregos, o Scholiastes antigo de Licophrao verso 19, e Appollodoro, *Bibliot.*, lib. 3, pag. 12. Dardano nasceo de Jupiter, e Electra, filha de Atlante; geneologia seguida por Virgilio e Ovidio.

(32) Dardano, filho de Jupiter e Electra, nasceo em Goritho, cidade da Tyrennia, hoje Toscana, ainda que, segundo Diodoro, seja aliundo de Arcadia. Tendo-se passado para a Phrygia, casou com a filha de Teucro, rei desse paiz, e lhe succedeo no reino, e edificou ao pé do monte Ida huma cidade que denominou Dardania, e depois foi chamada Ilio e Troia. Por isso, os Troianos forão tambem denominados Dardanos, Ilios.

(33) *Assaruco*, segundo filho de Tros, que foi pai de Capys, do qual nasceo Anchises, e deste Eneas.

(34) *Cincoenta thalamos*: allusão aos 50 filhos de Priamo rei de Troia, que estavam casados.

(35) A familia de Julio Cesar septava-se descendente da familia real de Troia pelo ramo de Julio filho de Eneas, e se isso não

lho, mostrava a historia e a arte heraldica d'aquelles dias, tho persuadia, mto o amor proprio e a lisonja da adulação.

(36) *Electra* filha de Atlante, amada por Jupiter, da qual teve Dardano.

(37) *Olympio*, epitheto dado a Jupiter, porque morava no cume do monte Olympo, aonde tinha a sua corte celeste. O *Olympo* he huma montanha da Grecia mui alta: o seu nome foi tambem applicado para designar o Céu.

(38) *Erictonio* Troiano filho de Dardano, ao qual succedeo no reino da Phrygia.

(39) Era costume entre as mulheres da antiguidade o soltarem os cabellos em occasião de luto e afflicção.

Stant manibus arde

Et circum iliades crinem de more solutae.

Aras aos manes s'erguem e as rodeão
Co' a do costume solta coma as Iliás.

(40) *Cassandra* filha de Priamo, amada por Appollo, a cujos desejos prometteo ceder com tanto que elle lhe desse o dom da propheta, e a qual ella fouteo a promessa depois de se achar revestida desse dom prophetic. Appollo, irritado da sua deslealdade, não podendo mais tirar-lhe o dom da propheta, fez com que ninguem jámais accreditasse o que ella dizia. Havendo predicto males mui grandes a Priamo, e Paris, filho delle, quando este ia para a Grecia, foi encerrada em huma torre, aonde não deixou de cantar os males futuros da sua patria. Na noite da tomada e incendio de Troia foi deshonrada por Ajax e cahio depois em sorte a Agamemnon, que a levou consigo como escrava e teve grande paixão por ella, o que deu causa a que Clitemnestra, mulher de Agamemnon fizesse assassinar a ambos.

(41) *Argos*, cidade e paiz do Peloponeso ou Morea, huma das principaes do reino de Agamemnon.

(42) *Pylides*, nome patronimico de Diomedes, filho de Ty-

deo, aliuino do celebre Clário e favorito de Minerva, e qual fette a Venus e a Marte em huma batalha no sitio de Troia: He preciso não o confundir com outro Diomedes rei de Thracia que, dizem, sustentava os seus cavallos com carne humana.

(43) *Ulysses*, rei da ilha de Itaca, a quem attribuem a fundação de Lisboa: o mais acizado e astuto dos Gregos que combaterão no sitio de Troia, e cujas viagens cantou Homero na sua *Odyssea*.

(44) Os muros com que Laomedon ou Laomedonte fez cercar a cidade de Troia são tão fortes que huma opinião popular os attribua á mão de Phebo ou Apollo.

(45) Os *Penates* são os Deoses tutelares da patria; as vezes tambem dava-se este nome aos deoses domesticos ou tutelares da familia: neste caso não differião dos deoses Lares.

(46) HOMERO, poeta grego, pai da poesia epica, que, segundo a fama, era cego e andava mendigando pela Grecia, cantando os varios livros ou passagens dos seus poemas, cuja reunião fórma hoje a *Iliada* e a *Odyssea*, celebrando no 1.º a ira de Achilles, ou a morte de Meitor e as guerras, que a precederão depois do enfado de Achilles com Agamemnon, commandante em chefe do exercito Grego; e no 2.º as viagens, aventuras e astucias de Ulysses. No 1.º destes elle nos dá a noticia do tumulto de Ilo. Houve e ha quem nega a existencia real de Homero, attribuindo estes dous poemas, e outros que como o da *Batracomyomachia*, ou guerra das rãs com os ratos, o *Hymno a Ceres*, &c., lhe são attribuidos aos differentes cantores, que corrião pela Grecia com o nome de *rapsodes*, e crendo que a sua reunião em corpo de poemas he posterior e devida a collecção que fez delles Pysitrato, tyranno de Athenas. Veja-se a este respeito *Cesarotti*, *Loyer* e outros que sustentarão a opinião contraria, refutando a Perrault e outros. Homero he superior a Virgilio nas descripções, nos caracteres e em tudo o que pertence á imaginação, mas o segundo he muito mais superior a elle em tudo o que respeita ao coração, e em alguns livros da sua *Enei-*

da nos deixou cousas admiraveis, e as quaes não ha na iliada cousa alguma que se lhes possa comparar.

(47) Troia tambem denominada Ilío, foi destruida duas vezes antes da ultima e 3.^a sua destruição feita pelos Gregos; a primeira vez por Hercules, e a segunda pelas Amazonas. Veja-se Pindaro Istmica V, epod. 2, Iliada liv. III. v. 189.

(48) Achilles, e Pyrrho, hum filho e outro neto de Peleo, marido de Thetys, deusa do mar: ambos forão fataes a Troia, o primeiro, porque além de grande destroço, que fez dos Troianos, matou ao valeroso Heitor, e o segundo porque destruiu essa cidade.

NOTAS AO CARME SEGUNDO.

(1) Lugar ou pequeno rio onde morava Hugo Foscolo, quando escreveu a sua epistola sobre os sepulchros. Havia hum rio d'este nome na Pamphilia, o qual hoje chama-se Alavasui.

(2) Homero.

(3) Ulysses. Pindemonte estava traduzindo a Odyssea. Monti, que traduzio a Iliada, deixou de fazer a traducção da Odyssea para não desgostar, como elle dizia, ao bom Pindemonte.

(4) O salgueiro choroso ou choradeira.

(5) Patroço amicissimo de Achilles e por este amado ao excesso, no tempo em que Achilles, enfadado contra Agamemnon general em chefe dos Gregos que sitiavão Troia, vivia retirado do campo, não querendo tomar parte nos combates, obteye com muitos rogos permissão d'elle para soccorrer os Gregos derrotados por Heitor animado pela retirada de Achilles. Nessa occasião, Patroço, depois de muitos prodigios de valor, encontrou-se no combate com Heitor e foi por elle morto. Achilles chorou amar-

gamente a sua perda, e o desejo de vingá-la, venceu a repugnância a congratuar-se com Agamemnon, com o qual fez as pazes e tornou aos combates em hum dos quaes matou a Heitor.

(6) Prometheo, filho de Japeto, segundo a fabula fez huma estatua, outros dizem o homem com barro, que elle animou com hum facho tirado do sol por intervenção de Minerva, que para isso o levou ao céu. Jupiter para punir este roubo da luz celestial, o fez amarrar por Mercurio sobre o monte Caucaso, aonde hum abutre lhe roia o fígado a cada instante. Esta fabula parece huma allegoria, ou alteração da historia de Noé, querendo alguns que Prometheo não seja senão o mesmo que Japhet, filho deste, com o qual foi confundido. Noé salvou o género humano pela sua providencia, e esta qualidade fórma o mesmo nome de Prometheo que significa em grego, *consulto antes de obrar*. Noé fez descer o fogo do céu sobre o sacrificio que offereceu a Deos depois do diluvio. O Caucaso, ao qual Prometheo está amarrado, he huma allegoria do facto de haver a arca de Noé ficado em secco sobre huma montanha, e quanto ao abutre que roe o fígado, he huma traducção da palavra *Magog* nome do filho de Japhet, a qual significa huma viscera que se dilacera.

(7) Siciliano. A Sicilia foi tambem denominada Sicania.

(8) Os Cyclopes, segundo a fabula, são gigantes monstruosos com hum só olho na testa, que habitavão a Sicilia, e são os trabalhadores das forjas de Vulcano, estabelecidas no interior do monte Etna: os principaes são *Steropes*, *Brontes* e *Pyracmão*.

(9) O monte Etna, vulcão da Sicilia, que lança lavas, pedras e chammas nas suas erupções, e ordinariamente fumaça.

(10) Arethusa era humha fonte da Sicilia na península Ortygia aonde havia o palacio dos reis de Syracusa. Segundo a fabula, Arethusa filha de Nereo e de Doris era humha das nymphas companheiras de Diana, mui amada e perseguida pelo rio Alpheo da Arcadia, e ella para se livrar d'elle implorou o soccorro de Diana,

que a converteu em huma fonte. Alpheo reconhecendo a sua grama, debaixo da nova fórma, mistura suas aguas com as da fonte Arethusa; e entã o vulgo corria opinião que o rio Alpheo atravessava subterraneamente o mar, que separava a Sicilia da Grecia, para vir misturar suas aguas com as da mesma fonte. Esta crença era fundada sobre huma observação, que se dizia haver sido feita, de que objectos lançados no rio Alpheo tinham ido apparecer na fonte Arethusa. A esta crença popular allude o poeta na sua epistola.

(11) Rio de Arcadia. Veja-se a nota antecedente.

(12) Thetys era a deusa do mar, esposa de Peleo e mãe de Achilles. Aqui he tomada metaphoricamente pelo mesmo mar.

(13) Esta repetição da palavra *branco marmor* no fim do verso existe tambem no original, e nós a conservamos no mesmo lugar para dar huma idéa das repetições da mesma palavra de que se falla com censura na epistola seguinte de Torti, denominando — a « *soverchio vezzo, e vagheggiar di ripetute voci.* » *nimio jogo, e embelezar-se em repetidas vozes.*

(14) Quem não se agradar do sentido neutro dado a este verbo, poderá fazer-lhe preceder o pronome *se* fazendo então *rio de* huma só syllaba, como no italiano.

(15) A lua he o astro mais visinho da terra.

(16) Como no original italiano, tomamos este verbo em sentido activo, e longe de julgar isto hum erro, pensamos ser nesta occasião huma belleza: primeiro, porque imitamos o original; segundo, porque he muito mais animada e poetica a idéa de attribuir á lua huma intervenção activa do que neutra na emissão dos raios. As regras geraes sempre tem suas excepções, e só o bom gosto he o juiz dos casos em que estas devem ter lugar: elle e o genio sabem quando lhes he licito, deixar o trilho commum, e como na musica, saber da escala sem faltar á harmonia.

(17) Carrara he celebre na Italia pelas suas pedreiras de bellos marmores brancos e alabastros.

(18) Escripitor e poeta celebre ao qual, além de outras obras, deve-se hum poema em versos latinos sobre a syphilis ou molestia gallica.

(19) Scipião Maffei, autor da celebre tragedia *Merope* que, na opinião de alguns, e especialmente de M. Maré, que della fez o confronto com as de Voltaire, e Alfieri sobre o mesmo assumpto, he em muitos pontos superior a todas ellas, e acha-se em todas as collecções classicas.

(20) A Escultura, denominada a arte de Phídias, porque este foi hum dos esculptores maio celebres da Grecia.

(21) Mereceu de achá-las pelo estudo e diligencia, que empregou para isso, ou pelo grande desejo, que teve, e patententeou a este respeito: *in magnis voluisse sat est.*

(22) Deve-se aqui notar huma delicadeza do autor o qual sendo elle poeta poz os poetas em ultimo lugar depois de haver fallado dos outros homens grandes e dignos de honra de hum tumulo no pantheão publico.

(23) *Genebra* he a capital de hum dos Cantões da Suissa, situada sobre o lago do mesmo nome. Como os Francezes lhe dão o nome de *Genève*, muitas pessoas entre nós a confundem com *Genova*, cidade maritima da Italia, no Mediterraneo á qual os Francezes dão o nome de *Gênes*. O rio que atravessa este lago e de que o autor falla he o *Rodano*, que os Francezes chamão *Rhône*. Elle nasce na Suissa na montanha da Forca ou *Fourche*; banha o Valez, atravessa o lago de Genebra, separa da Suissa o departamento do Ain, atravessa hum desfiladeiro entre os montes *Jura* e *Voluche* aonde o seu leito se estreita de maneira que de 80 a 100 metros, que tinha de largura na sua saída do lago de Genebra, se reduz a 15 e 20, e desaparece até debaixo dos rochedos, e torna a apparecer a 60 passos de distancia do lugar onde se sumira, e continuando o seu curso na direcção de norte a sul, passando por *Lyon*, vai desagnar

no Mediterraneo por varias bocas. He hum dos nós mais impetuosos da Europa.

(24) *Mycenas* era a capital dos estados de Agamemnon, no paiz denominado a Argolida, aonde havia a cidade de Argos também mui consideravel. Hoje Mycenas está completamente destruida.

(25) *Novare* deve ser nome proprio, e talvez o de alguma casa de campo de Elisa, ou do agro de Novara. Na Italia, e principalmente na Lombardia, as casas de campo tem hum nome proprio como qualquer villa, o qual muitas vezes he derivado do apellido do proprietario. No original, que tenho, a palavra *Novare*, acha-se escripta com a primeira letra majuscula, por isso a tenho como nome proprio: se a letra majuscula fosse erro typographico, então significaria renovar ou innovar, e deveria traduzir-se do modo seguinte:

..... Com o ousado pensamento
Do seu bello innovar,
isto he com a idéa da renovação do seu corpo.

(26) He esta a inscripção do tumulo de Elisa.

(27) Aqui temos no original outra das já mencionadas repetições, que conservei na versão.

NOTAS AO CARME TERCEIRO.

(1) *Delio*. Nome pastoril de João de Cristoforis, ao qual o poeta escreve.

(2) *Clitarco*. Nome pastoril, ou anagrammatico da pessoa, que censurou os versos de Hugo Foscolo, e de Hyppolito Bindemonte.

(3) *Pindaro*. Insigne poeta grego, natural de Thebas, o qual em suas odes celebrou os vencedores dos jogos olympicos.

(4) *Flacco*. Horacio Flacco, natural de Venusa, e por isso tambem chamado *o venusino*; o primeiro dos poetas lyricos latinos. Compoz muitas bellissimas odes em varios metros, varias satyras e epistolas, e a celebre arte poetica imitada depois em italiano pelo *Menzini*, e em francez por *Boileau Despreaux*. No estylo he o mais sublime, no gosto o mais delicado, na linguagem o mais puro, na satyra o mais jocoso e engraçado, na moral o mais indifferente e variavel. O fundo da sua philosophia era o epicureismo. Não he difficil achar em Horacio o pró e o contra para qualquer cousa; a sobriedade, a intemperança, o vicio e a virtude tem ahi igualmente quando queirão o seu panegyrista e o seu preceitor. Não he pois de admirar que o celebre abbade *Galiani*, que delle fazia as suas delicias, achasse nelle materia sufficiente para compôr, como elle tencionava, hum tratado de politica, segundo se collige das suas cartillas. Como poeta e escriptor latino, deve andar sempre nas mãos de todos; como philosopho e moralista não deve passar daquellas dos quem tem bastante juizo e mui solida virtude.

(5) Esse *Clitarco* era hum filologo puritano, ou purista, dos que pretendem negar ao genio, e ao gosto o direito natural, que a sua superioridade lhes dá de se expressarem do melhor modo, que elles entendem, e os querem obrigar a fallar como os mais fallão, isto he, como o vulgo dos escriptores; como se os espiritos superiores devessem fallar como os do mundo. Contrarios a esta seita são os philologos neologistas, que, apaixonados furiosos pela novidade, achão rançosas, inspidas e rudes as palavras, phrases e estylo dos antigos, e não sabem fallar senão á estrangeira, ou huma linguagem, que só elles lá entendem, como a de Plutão no inferno de Dante, admittindo a torto e direito quaesquer termos e expressões sem consultar o genio da lingua, a harmonia do termo, a conveniencia de força, de tom, e de lugar. Hum destes sujeitos vos dirá *budget* em lugar de orçamento, *bill* em lugar de lei ou resolução. *Ancone* em lugar de Ancona, *Anvers* em lugar de Antuerpia, ou chamará de *brando* ou de *alfange* a huma catana ferrugenta na mão

de ányas campones. Os prisaheos são em phisologia o que na politica são os fideis e os participantes, os nobres da gema, e os absolutistas; e os segundey, o que na mesma politica são os demagogos, os sans-culottes e os farrapos. Huma mista o genio com a mania da conservação, e dutoz com o favor da innovação, ou, para melhor dizer, da destruição. Deor de juizo a quem delle precisa, e bastante coragem e genio de bom senso para detras gritar a humis e a outros ddsos misericordias de ambos os lados; que *nasce hum quid facimus*; e para fazer aspipe e que ella entende q o oisoll me rades lifficill

(6 a) Esta passagem he no original hum pouco equivoca, porque presta-se igualmente a dous sentidos. Eis as palavras do original:

Tal é a le parti ad qua, ad hunc se obstat mund, svenois
In lor vero scorgiam.

As palavras *in lo vero* podem ser interpretadas por *na sua verdade*; ou *no seu verdadeiro modo*; e a visada de ter acertado, preferindo esta ultima versão, aqui ponho a outra como variante, para que o leitor escolha a seu gosto:

De maneira que o todo, e huma a huma
As partes, e a verdade ali regamos

(6) *Vindicador de Amor*. O Petrarca de quem já se fallou nas notas autecedentes.

(7) *Sorga e Kalchiusa* a primeira he hum rio de França e da outra huma fonte d'onde nasce a primeira nem franceza chamadas *Les Sources e Fontaine de Kalchuse*. Correm no territorio de Arizão, hoje Departamento de *Vaucluse*. Concertos em nomeas; liazas por serem mais harmonicos e porque iacpe esta pais vna se refere a docura de canto de Petrarca isto he, e por qm qm rita; tal; palavras produzias na sua lya, o qual me iacstada qm com qm qm esse mesmo am b raga me fozca, ancon a eb raga me ancon.

(8) A philosophia toda physica, ou material exclusiva, tende a

aniquillar o sentimento, e a imaginação, faculdades integrantes e inseparaveis do homem, tal como elle, sahio das mãos da natureza.

(9) Anude aos herões de humas peças em musica em que cantavam na scena Arbaces, Demetrio e Cyro, e que, sendo representados por homens *evirados* não podião fallar ao coração dos espectadores quando devião exprimir paixões amorosas de que elles não erão susceptiveis, ou tambem quiz o poeta alludir a menor impressões que as representações em musica fazem no coração do espectador comparativamente com a que pôde produzir huma peça recitada. Prefiro a primeira interpretação, porquanto senão pôde negar que a musica toque de per si profundamente ao coração de quem a ouve. O desejo que tenho de ver prosperar e adiantar-se a poesia comica e tragica recitada, não me levará jámais a renunciar ao divino encanto do drama em musica. A poesia recitada por mui bella e sublime que seja, por muito alto que ella leve o homem sempre o deixa entre a humanidade: a poesia cantada o leva fora desta com sensações extraordinarias, e o eleva ao prazer dos deuses. O mal parece-me pois existir no excesso das cousas, e não nas mesmas cousas.

(10) *Adria*. Quasi affluens in gulfu de Veneta, entre a Italia, a Grecia Illyria, Dalmacia e Ilhas Jonicas, he celebre pelas suas tempestades, Horacio chamava-lhe de *inquieta*, *Dur*, *inquieta turbidus*, *Hadriac*.

(11) *Pegadas ou Pevdes* são as Musas, assim chamadas, de humas montanhã da Beocia, a ellas consagrada. Da-se tambem este nome a humo filho de Heteo que se atreverão a disputar com as Musas e quiz por castigo delle, afevitamento, forão, segundo a fabula, transformadas em pegas: mas não he destas que o auctor falla.

(12) Parece-me que a palavra *thyrida* de nevada do latine *vulgar* he bella, harmonica, expressiva e boniforme ao genio da lingua posiugueza, e por isso admissivel e preferivel a *hianis* e *quid*.

quer periphraze para verter a palavra *rossegna* do original. As periphrazes diluindo sempre a expressão a tornão mais fraca; sempre que eu possa nunca deixarei de as evitar parecendo-me só bellas e toleraveis quando indicão objectos, e não o modo de ser ou de obrar desses objectos. Cada objecto sendo sempre unico de sua natureza, nunca he fraccionado pela multiplicidade das partes que representam essa unidade: elle não he modificavel nem pelo espaço, nem pelo tempo; existe, ou não existe, e não conhece grãos nem modificações. *Horacio, o Venetiano, o Pyndaro latino*, são sempre o mesmo homem; antes parece que dizendo-se o Pyndaro latino se diz alguma cousa mais que com a simples palavra *Horacio*. Mas o modo de ser e obrar não tem unidade natural e não são determinados; por sua natureza: elles tem varios grãos de intensidade que he preciso determinar. Ora, a intensidade está em razão inversa do tempo e do espaço, e por isso quanto mais tempo e espaço se emprega em expressar huma acção e hum modo de ser, a expressão, que he a imagem fiel delles torna-se naturalmente menos intensa, e por isso mais fraca. Parece que a unidade ganha quanto mais ella se estende e dilata, e que a multidão perde quanto mais isso lhe acontece, e ganha mais quanto mais ella se concentra, e torna, para assim dizer, mais proxima de unidade. Assim *luzir, avermelhar e rubrejar*, serão sempre as melhores expressões do que *ter luz, ou deitar luz, tornar vermello, e ter cor vermelha*. Talvez alguém preferisse neste caso a palavra *rubrejar*: a quem assim quizer, deixarei a escolha: mas farei sempre reflectir que neste lugar a euphonia de pronunciação e da circumstancia, parece inclinar-se para a outra, porque *rubreja* he menos aspero á lingua, he mais atrepara o espirito em razão do seu som, e por isso conveniente para hum objecto funebre.

(12) *Euclito*: he o nome pastoril, ou ideal de hum autor que affectara atticismo com sabattico em seus escriptos. O autor emprega aqui tambem no italiano o verbo *attetiar* tomado em sentido substantival.

(13) *Atticiar vasio*: he hum atticismo chocho sem substancia, e sem sabor: **Um parafuso, he o gatajeir de sem grão.**

(14) *Filargo* he o nome pastoril ou ideal de hum escriptor mui baixo quer no estylo, quer nas idéas, o qual, por assim dizer, vive, pensa e escreve no lodo; motivo pelo qual o autor lhe chama de palustre. A classe destes animaes poeticos a sangue frio, que passão a sua vida nos pântanos, he muito numerosa e variada, e poder-se-hia estabelecer nella quasi os mesmos generos, como em historia natural na familia dos *Batrachianos*, e haver assim depois *tãs, pererecas, sapos poeticos*, como tid tempo de Persio já havia *corvos poeticos e pegas poeticas*.

(15) *Estes phantasmæ*: he a falsa poesia, ou poesia monstruosa e exagerada. A descripção delle, que se segue, he huma bella pinctura do romantismo monstruoso, exagerado e extravagante, que não quer reconhecer que

*Est modus in rebus, sunt certi denique fines
Quos ultra citraduc nequit consistere rectum.*

Ha em tudo hum termo, ha emfim limites certos,
Além, e aquem dós quaes não pisa o justo.

(16) *Chromis*: he o nome pastoril, ou ideal de hum escriptor assanhado e declamador, desses que, como diz Persio:

Grande locuturi nebulas Helicone degunt.
No Helicon pr'a voz grossa as nevoas buscão.

(17) *Adige*: he hum rio de norte da Italia, em cujas margens está situada a cidade de Verona.

NOTAS AO CARME QUARTO

(1) He huma imitação da seguinte passagem da *Basilliana de Monti*.

*E si fe del color che il cielo è, quando
Le nubi s'innote e rubiconde a sera*

Par che piangano el dì, che n'è mandando

E tornou-se da cor que o céu he, quando

À tarde, as nuvens rubidas e innotas

Quasi chorão que o dia vai finando.

O 1º destes versos pôde-se vertei tambem assim :

E tornou-se da cor que o céu he, quando

(2) **VIRGILIO**, natural de Mantua, principles dos poetas epicócos latinos, autor da Eneida, das Georgicas e das Bucolicas. Em outra nota já fallei do caracter e merecimento deste grande poeta comparado com Homero.

(3) O Sr. *Manoel Odorico Mendes* deleita-se muito de Virgilio, cujo estylo e linguagem sabe apreciar optimamente. Já traduzio algumas das Eclógas da Bucolica e varios livros da Eneida, em bellos versos e em boa linguagem portugueza, com muita fidelidade. Algumas destas traducções já foram publicadas na *Revista Nacional e Estrangeira* desta côrte. He tambem mui habil em tanger a lyra de Anacreonte e de Horacio, como o tem mostrado algumas de suas odes e hymnos publicados em jornaes ou avulsos, taes como o *Hymno á tarde*, *o Sotão*, *o Sotão*, *o Sotão*.

(4) A castanha do cajú he o verdadeiro fructo do cajueiro: o que vulgarmente se chama fructo ou cajú, e tem parencia com as fructas pulposas succulentas he o pé, ou *pedunculo* do mesmo fructo, ou, para melhor dizer, o receptaculo deste. A casca da castanha de caju tem huma propriedade eminentemente caustica, e produz ulcerações nos labios dos que a mordem; por isso ninguem a mor-

de impunemente. A grumichama pelo seu pe, pela sua forma e cor he mui semelhante á cereja, da qual differ no caçoço, e por quatro folhinhas, ou sepalos do calix da flor, que permanecendo formão ao fructo huma especie de coroa.

(5) PINDARO de quem já se fallou em outra nota.

(6) Veja-se a respeito de *Amphyão* huma das notas á prefacção.

(7) *Orpheo* segundo a fabula arrastava atraz de si as feras, as selvas, e os bosques, isto he, obrigava os homens a se unirem em sociedade sahindo dos bosques e deixando a vida de selvagens para formarem villas e cidades. Tendo elle perdido Eurydice sua esposa, a abraçava dia e noite, e á final desceu aos infernos para pedir a *Plutão* refidesses lugares, no qual, enternecido pela sua dor e pelo soino de sua lyra, lhe concedeu outra vez a esposa com a condição de que elle não olhasse para ella senão depois de ter sahido dos mesmos infernos; condição que elle impaciente violou no caminho, perdendo assim outra vez para sempre a cara esposa.

(8) HOMERO de quem já se fallou nas notas ao 1º Exer. Aqui he tomado como synonymo de paganismo. Fallando-se dos deuses dos pagãos costuma-se dizer os deuses de Homero e de Hesiodo? O céo de Homero e de Hesiodo.

(9) Para ir aos campos Elysios, Enéas, segundo Virgilio, passou primeiro pelos infernos. Homero collocava os Elysios nas ilhas do oceano atlantico. Todos os antigos collocavam estes campos de bemaventurança da outra vida, em hum lugar da terra: comparativamente ao paraíso dos christãos ficavão estes assim em huma região muito baixa.

(10) Aquillo se ao canito de Moyses. *Contemus Dominum gloriase enim magnificatus est, com o qual os Israelitas se adoebravão a Deus, depois de ter passado o Eytiro; ou Mar Vermelho, por os ter salvado das mãos de Pharaó, que neste havia ficado sepultado antes de o exercito de Egypto como qas os perseguira.*

- (11) Allude-se aos *Psalmos* de David.
- (12) Allude-se ao canticó *Benedictus et Dominus patrum nostrorum*, com que os três anjos *Isaías*, *Jeremias* e *Misael* louvavam e salvos ao Deus de Israel, no meio das chaminés da grande fornalha em que Nabucodonosor, rei de Babilónia, os fezta lançar por não terem querido adorar a sua grande estatua de ouro.
- (13) Allude-se ao canticó *Benedictus Dominus Deus Israel*, com que *Zacharias*, que ficara mudo, por não acreditar a predicação do anjo, que lhe annunciou que sua mulher teria hum filho, agradeceo a Deus quando, ao nascer de S. João Baptista, recuperou a falla.
- (14) Allude-se ao canticó *Nam dimittis servum tuum Domine*, com que o summo sacerdote *Simeão* agradeceo a Deus por ser visto o Redemptor, que Nossa Senhora lhe foi apresentar no templo.
- (15) Allude-se ao canticó *Magnificat* de Nossa Senhora.
- (16) Allude-se ao verso do *Magnificat*: *Deposuit potentes de sede, et exaltavit humiles.*
- (17) A maneira porque tento aqui explicar o conhecimento que Deus e os bemaventurados celestes tem, ou podem ter das accções boas ou más deste mundo, e mostrar como estas podem influir para o perdão e suffragio das almas, que ainda não podem gozar dessas bemaventuranças, deve ser considerada como hum expediente poético, e não como hum ponto de exacta doutrina religiosa e catholica. Deixo aos theólogos todas as disputas a este respeito, e adoptando aqui, como poeta, a opinião de que os bemaventurados no outro mundo vêem tudo em Deus, e só por meio de Deus, não entendendo com isto decidi-la. No meio de todas as idéas exaradas no meu Carme ha huma verdade innegavel e eterna, que certos philosophos não tem visto ou querido ver, e he que as accções dos homens, e os modos e formas com que as praticão, devem ser sempre pesadas e julgadas, não pelo que os actos e modos são em si mesmos, isto he, pela materialidade do acto ou da fórma, mas pelo fim moral a que

se dirigem, e tom que serão feitos. Attendendo-se a isto cessa todo o ridiculo, e o absurdo, que á primeira vista certos actos expiatorios ou suffragantes apresentam aos olhos do philosopho, e a idéa do *purgatorio* dos catholicos deixa de ser repugnante ao raciocinio. *Fichte*, com o seu idealismo, chegou quasi a estabelecer esta mosma doutrina, e a justificar, sem o saber, com a philosophia a idéa do suffragio das almas tão combatida pelos Protestantes e pelos philosophos, quando elle na sua obra *Die Bestimmung des Menschen* ou a *Destinação do homem*, estabelece que toda modificação moral, que succede no mundo visivel, produz outra modificação correspondente no mundo invisivel. *Schützenberger* e outros, que criticão o idealismo de *Fichte*, deverião explicar-nos como he que a moralidade pôde ter Deos por principio, e ser nesto mundo huma realidade, sem hum meio de comunicação e de acção entre o mundo visivel e o invisivel, e sem haver huma linguagem facil e prompta, que exprima exactamente todos os grãos e modificações possiveis dessas idéas e acções moraes, para o que certamente não chega a linguagem syllabica. Tirai ao homem a sua immaginação, elle ficará logo incapaz de conceber a idéa de Deos, do bom e do máo, do justo e do injusto; e não poderá mais conversar com Deos, porque he só por ella que elle o concebe, e com elle se entretém. Como o coração he nelle o interprete, e o meio de comunicação entre a mente e a materia; ou por outra, entre o moral e o physico, assim a immaginação he o interprete e o meio de comunicação, que ha, entre a mente humana e a mente divina, a qual, para me expressar com phrase mathematica, está a aquella quasi como a materia ao espirito do homem. As crenças e os cultos, que proscrevem, ou limitão nimiamente a immaginação, em lugar de espiritualizarem mais, como pretendem, a religião, tendem a mais materializa-la: e este he certamente o erro dos inconoclastas e dos protestantes, que tem abraçado as idéas desses miseráveis, que querem que a mente do homem suba immediatamente de hum salto ao céo sem o intermedio, ou meio ascensorio da escada vista por Jacob, a qual, a meu ver, he hum bellissimo enblema da necessidade dos objectos materiaes

para o espirito do homem elevar-se com o pensamento até o céu, e formar huma idéa da Divindade. A mente humana não deve ficar presa pela materia, sim, mas tem necessidade de correr sobre ella como sobre huma ponte, para, do mundo visivel e physico, passar ao mundo invisivel e moral. Digo mais: para effectuar essa passagem ella precisa ordinariamente de hum intermedio, que não seja nem todo materia nem todo espirito, e que participe tanto daquella como deste, sendo, em certo modo, hum composto de ambos. Isto he justamente o que lhe offerecem as imagens, nas quaes a materia que, de per si só, nada expressaria de espiritual ao seu intellecto, existe já combinada á idéa do espirito do homem, a qual lhe dá huma especie de alma e de noya existencia. Progredindo por este intermedio, a imaginação humana não passa de hum salto, mas gradualmente, de hum mundo ao outro, e do physico ao moral. Nesta passagem, para ella não tornar-se idolatra, cumpre-lhe só tomar cuidado de não confundir o meio com as cousas com que elle joga, e não fazer de huma simples imagem huma verdadeira divindade: cumpre-lhe tambem, lançar essa escada de ascensão para hum objecto real, para huma divindade verdadeira, e não, como fazião os pagãos, para divindades ficticias e entidades allegoricas, meramente imaginarias, porque he n'isto e não na veneração do simulacro do verdadeiro Deus e dos seus verdadeiros santos, que consiste a idolatria. Não ha doutrina mais inconsequente e absurda daquella que admite, e costuma honrar e mostrar veneração a hum principe, a hum parente, amigo ou homem celebre, mandando fazer o retrato d'elle, e collocando-o com toda a decencia, pompa e solemnidade em hum lugar distincto, e que, ao mesmo tempo, recusa ao homem a faculdade de praticar o mesmo a respeito da divindade e dos beaventurados celestes. Essa Allemanha, em grande parte protestante e iconoclasta, reunia-se ha poucos annos com enthusiasmo em huma cidade, para com toda a pompa e a solemnidade levantar a estatua de *Guttemberg*. Perguntarei agora o que era essa função senão huma especie de culto, e de veneração moral (idolatria no sentido d'elles) tributada ao inven-

tor da imprensa. A querer-se tomar as expressões da Bíblia ao pé da letra e em todo o seu rigor, como elles querem, isso he cousa que se não deveria fazer de modo algum, e nenhum retrato ou imagem, se deveria consentir entre os christãos para qualquer fim que fosse, pois o antigo testamento não diz sómente não *adorarás*; mas tambem *não farás para ti contra alguma escultura: Nec facies tibi quidquam sculpsibile, nec adorabis illud*. A vista disto nao sei se mehs deva rir ou chorar a respeito das philosophias e religiões, que procrevem as imagens. O elogio, que na meu Cante eu faço a este respeito á religião catholica, he mui justo e merecido.

(18) Allude-se á camara escura para as experiencias opticas, na qual, pela introdução da luz exterior e da do sol, e por meio de combinações de varios vidros, se produzem diferentes phenomenos maravilhosos taes como os do microscopio solar, &c.

(19) Allude-se ao *Daguerrotypo*, apparelho ao mesmo tempo optico, chimico e iconographico, inventado ultimamente em França por *Daguerre*. Neste apparelho, que he huma especie de camara escura, expõe-se huma chapa de prata aos vapores do iodo, os quaes produzem sobre a sua superficie huma ligeira camada de *iodureto* de prata, o qual tem a propriedade de alterar-se pela acção da luz nos pontos em que esta o fere; ficando assim nesses pontos alterados, huma côr differente, de que resulta huma imagem perfectissima dos objectos, que são apresentados á lente objectiva do apparelho, e cujo tamanho he em ponto mais ou menos pequeno, segundo a gradação das lenes. Porém, como a luz á qual se expozesse depois esta chapa alteraria tambem os outros pontos da sua superficie e destruiria a imagem, antes de se tirar fóra do apparelho a mesma chapa, expõem-se aos vapores do *mercurio*, o qual formando nelles hum *iodureto de mercurio* de côr differente do *iodureto* de prata concorre assim a conservar a imagem. Emprega-se tambem em lugar do iodo para este fim o *chlorureto* de ouro. A *photographia*, ou arte de escrever e imprimir pela acção da luz, parte pouco mais ou menos dos mesmos principios.

(20) O *iodo* ou *iodio* he huma substancia combustivel; havida até agora como simples e indecomponivel, que se extrahê das plantas marinas, e de varias agnas mineraes salgadas: tem huma forma lamellar, com esplendor metallico de huma côr azulada, e volatiliza-se pela acção do calor em hum vapor de huma bella côr violacea, da qual lhe veio o nome: de *Iov* violeta, ou de *Ioeidns* violaceo.

(21) Em huma descripção poetica não se pôde fallar com precisão technica, por isso *bafo do mercurio* e outras expressões devem aqui ser tomadâs no sentido metaphorico da linguagem poetica.

(22) S. João, e S. Matheus evangelistas.

(23) Raphael, insigne pintor, e Miguel Angelo Buonarotti, insigne architecto, pintor e poeta.

(24) O Archanjo S. Miguel, Allude-se aqui ás palavras do ritual das exequias: *Signifer sanctus Michael representet eas in lucem sanctam.* O porta-estandarte S. Miguel as apresenta (as almas) na luz santa, isto he no cêo, na presença de Deos.

(25) He o *conitus multarum aquarum* da Biblia.

NOTAS AO CARME QUINTO.

(1) O Sr. Theodoro Taunay, consul geral de S. M., o rei dos Francezes nesta côrte, he autor de oito bellos *idylhos brasileiros* em elegantes exámetros latinos publicados aqui em 1830 pelos typos de Gueffier, juntamente com huma bella traducção dos mesmos em alexandrinos francezes por seu irmão o Sr. Felix Emilio Taunay, actual director da Academia Imperial das Bellas Artes. Havendo varias occurrencias retardado a publicação dos meus carmes, tive

tempo de verter o ultimo desses idylls, que têm por titulo — *Britanniarum tumuli*, ou *O cemiterio dos inglezes*, e o offereço ao publico juntamente com elles.

(2) A filha do Sr. *Guilherme Young*, antigo negociante inglez desta praça, era, no seu tempo, huma das mais lindas e prendadas donzellas do Rio de Janeiro, e morreu pouco tempo depois de casada. O Sr. *Theodoro Taunay* diz della, no seu idyllio, que era digna de que outro Young a cantasse em longas noites, alludindo ás celebres noites deste escriptor, e á identidade dos apellidos.

(3) O general *Hoguendorf*, hum dos ajudantes de campo de *Napoleão*.

(4) Hum moço inglez, mui talentoso, e já insigne em poesia, filho de huma distincta familia de Inglaterra.

(5) O cemiterio inglez está situado na aba de hum morro contiguo á praia, da enseada do mar denominada *Gamboa*, e está exposto aos ventos do norte, patria de todos esses sepultados.

(6) Allude ás paixões que fallarão ao coração de *Henrico VIII* quando o levárão a declarar-se a favor do protestantismo, para estabelecê-lo como religião do estado. Se os homens meditassem sempre com sangue frio, e sem prevenções sobre a origem de muitos scismas, facil lhes seria ver nelles bêm outra cousa que a linguagem dos interesses do céo, e da verdadeira fé; e não percebendo nelles senão a historia do orgulho e de outras paixões contrariadas pela santidade do catholicismo, isso só lhes bastaria para conhecerem o erro em que a hypocrisia dos astutos, e o furor dos perversos tem arrestado a elle e ás gerações inteiras.

(7) Neste e nos seguintes versos allude-se aos costumes fanerarios dos selvagens do Brasil, principalmente os da costa e provincia do Rio de Janeiro, e de Santos como pôde-se ver em *João Estrella* e outros escriptores.

(8) Allude ás moles colossaes das pyramides do Egypto e principalmente ás da antiga Memphys, hoje cidade do Gran Cairo, as quaes já Marcial denominava de barbaros prodigios, como se vê no seguinte verso :

Barbara pyramidum sileat miracula Memphys.

Calle Memphys os barbaros portentos

Das pyramides.....

As pyramides são destinadas a servir de sepultura aos reis egypcios; e como se pôde ver nos escriptos e estampas publicadas por *Sonnini*, *Denon* e outros viajantes, ha no seu interior hum hum estreito corredor, que conduz a huma sala mortuaria, onde existia hum sarcophago monolitho ou de pedra inteiriça destinado a receber a mumia ou corpo embalsamado. Em humas daquellas, cuja entrada ha sido descoberta, já não existe mais o corpo que ali jazia. Como hum monte de ostras toma de per si a conformação conica, parecida com a pyramide, pôde-se tambem dizer que os corpos dos indios repousavão tambem elles dentro de huma especie de pyramide.

(9) A maior parte das urnas he feita no paiz, e he de jacarandá, as de pedra são mui poucas, e vem já feitas de alem mar.

(10) A barca, que leva os defuntos da Santa Casa da Misericórdia para o novo cemiterio da Ponta do Caju, he toda pintada de preto.

(11) Ha nesta passagem huma leve imitação ou allusão a Polydoro, filho de Priamo, morto por Pygmalião, para se apoderar dos seus thesouros, do qual falla Virgilio no terceiro livro da Eneida com o estylo pathetico, que lhe he proprio. Os ramos das plantas, que cresção sobre o lugar onde esse infeliz estava enterrado, principião a verter sangue, e á final, sabido d'elles, gemidos, de Eneás ouviu huma voz que lhe contou todo o caso horrroso. Dante no seu *Inferno* imitou esta passagem, fazendo fallar aos ra-

uços de huma árvore, e servindo-se da bella comparação de hum
tãça verde, que gema na extremidade, que fica fóra do fogo, em ra-
zão do vapor e da humidade, que delle sahe.

(12) A entrada da barra guardada pelas fortalezas de Santa
Cruz, S. João, e da Lage, tendo de hum lado o Pão de Assucar, e
do outro o pique sobranceiro á fortaleza de Santa Cruz.

(13) A fortaleza da Lage na entrada da barra, e a de Villega-
gnon mais dentro; ambas cercadas do mar e edificadas sobre hum
escolho, que apenas sahe da flor d'agua: o escolho de Villegagnon
estende-se hum pouco do lado de sud-oeste, formando como hum
retão. Eu chamo surda a bulha do mar, que ahí se rompe, atten-
dido á distancia em que supponho-me quando estou fallando.

(14) A praia de Santa Luzia fronteira á barra, e na qual está
situado o hospital da Santa Casa da Misericordia, e o seu antigo ce-
miterio contiguo ao mesmo hospital.

(15) Este caso tem tido lugar já não poucas vezes desde o tem-
po que sou medico deste hospital. Hum dos escravos com que isto
aconteceu, ha mais de vinte annos, foi mais feliz: denominava-se
Jalido, e tirado da valla onde já o havião lançado, tornou a si,
restabeleceo-se, e ficou servindo por muitos annos no hospital.

(16) Isto acontecia principalmente com os enfermos, que erã
tratados na enfermaria dos tísicos antiga, que está mesmo ao lado
do cemiterio, e cujas janelas baixas permittião a vista de toda a
superficie deste; e acontecia tambem ultimamente com a nova en-
fermaria dos tísicos collocada na aba do visinho morro. Os doentes
das outras enfermarias para avistar o cemiterio precisavão sahir de
suas camas e chegarem-se ás janelas do fundo da grande enferma-
ria de S. João de Deos.

(17) No meio do cemiterio havia hum grande cruz sobre hum
pedestal de pedra e cal, e com huma lapida onde se declaravão as

indulgencias concedidas pelo Papa aos fiéis que visitassem esse jazigo : foi tirada depois que principiaão os trabalhos da edificação do novo hospital.

(18) Allude ao milagre da ressurreição de hum campo de ossos de que falla o propheta Ezechiel.

(19) Talvez pareça hum pouco extraordinaria e mui ousada a apparição de hum espectro em pleno dia, e ás barbas do sol ; mas á poesia nada he impossivel ; e como pela força da imaginação Homero, Virgilio, Tasso e outros formáão cintos de cousas que ninguém jámais vio sujeitas ao poder da arte e da industria, assim pôde-se fazer apparecer, e com menos contra-senso, hum espectro diurno, sobre tudo quando esse espectro he de vapor, e quando o vapor he mais visivel de dia que de noite.

(20) O Illm. e Exm. Sr. José Clemente Pereira, Provedor actual da Santa Casa, a cujo zelo e actividade e valiosa influencia, se devem todas estas, e muitas outras boas mudanças e emprezas tendentes ao melhoramento da dita Casa.

(21) O novo cemiterio da Santa Casa está situado na ponta do Cajú, em hum lugar denominado Ponte do Calafate. Elle foi aberto em 2 de julho de 1839, dia da festividade de Santa Isabel, padroeira da Casa ; e desde esse dia se não enterrou mais corpo algum no cemiterio junto do Hospital. Os enterros nas catacumbas e carneiros proximos da igreja forão supprimidos mais tarde. Com esta mudança o Hospital ganhou muito a respeito da salubridade, e tambem lucrou muito a cidade.

(22) Esse acto solemne, o mais grande que tenha sido celebrado, na Santa Casa, teve lugar no dia 2 de julho de 1840, assistindo a elle S. M. I. e o Regente, o Bispo e varios ministros de estado. S. M. I. ajudou a carregar procissionalmente a pedra benzida primeiramente na igreja pelo Bispo, para o lugar destinado a recebe-la, que lie o que corresponde á porta da entrada do novo edificio. Em huma ca-

vidade aberta na pedra foram depositadas varias medalhas com a effigie de S. M. I., e huma inscripção commemorando este acto

NOTAS AO CARME SEXTO.

(1) Actual director da Academia Imperial das Bellas Artes, a cujas diligencias, esforços e talentos, ella deve em grande parte o seu estado florescente; habilitado pintor, poeta e litterato: pessoa de muitação juizo, e de augeas qualidades.

(2) *Persio* he o mais sentencioso, obscuro e difficil dos satyricos e poetas latinos. Dizem que S. Jeronymo desesperado de o não poder entender, o atirou ás chammas, dizendo: quem me-lo para o fazermos mais claro. Ha delle seis satyras precedidas de hum breve prologo. Era natural de Volterra, na Toscana, e foi discipulo de *Anneo Cornuto*, philosopho estoico, do qual seguio os principios. Morreu ainda moço, e tendo sido mui rico e de bella presença, foi ao mesmo tempo mui modesto, sobrio, casto; emfim tinha todas as virtudes reunidas ás circumstancias, que nos outros jovens favorecem ordinariamente o vicio. Elle estava no caso daquelles poetas que, como diz *Hyppolito Pindemonte*, pozerão com direito nos seus versos a virtude, que trazião impressa no coração. Com effeito o amor della e o odio do vicio he o que mais ressumbra dos seus versos. *Horacio* pela sua graça e delicadeza, *Juvenal* pela sua abundancia, *Persio* pela sua moralidade e concisão, eis o que mais distingue cada hum dos tres grandes satyricos. « Quando procuro normas de gosto, diz *Monti*, recorro a *Horacio*, quando tenho precisão de bilis contra as malvadezas humanas, visito *Juvenal*; e quando diligenceio ser honesto, vivo com *Persio*. » E em outra parte: « Ao tribunal de *Horacio* nenhum defeito está seguro; e a humana virtude, que nunca he destes isenta, está continuamente em

desconfiança de si mesma. Ao tribunal de Persio não treme senão o vicio — e continua depois. O que procurão peis os sabios no escriptor philosopho, indignação contra o crime, orgulho para com a fortuna, contumacia para com a ambição, acrimonia contra as paixões torpes, tudo isto ha sido prehenchido por *Persio* rigórosamente; e a sua philosophia a peito (á face) da horaciana he huma veneranda matrona ao lado de huma frizante e amável cortezá. *Persio* tem sido traduzido em muitas linguas. Em francez ha mais de vinte traducções, entre as quaes duas em verso de *Le Noble* e *Pradier*. As mais modernas são de *Le Monnier*, e *Scis* em prosa. Em italiano ha huma traducção em verso do *Salvini*, classica quanto á linguagem, aguapé, e miserica quanto ao estylo e á interpretação: ha tambem outras do *Stellati* e *Silvestri* parafraseadas; e huma do *Monti*, que he a melhor e mais fiel. O celebre padre *Solari* traduzio tambem *Persio* verso por verso como fizera com *Virgilio* e *Horacio*, mas a sua traducção levou descaminho e nunca foi publicada. *Monti* só tradzio verso por verso a ultima satyra. Em portuguez eu tinha apenas noticia de huma traducção litteral em prosa por *Joaquim Mendes da Fonseca*, impressa em Lisboa em 1785, e que existe na Bibliotheca Imperial. Empreendi pois o anno passado huma traducção em versos portuguezes, que já concluí, e que, depois de bem corrigida, publicarei a seu tempo. Ultimamente, ha poucos dias, soube pelo Rev. Sr. conego *Januario da Cunha Barbosa* que existe huma traducção manuscrita em versos por *Maximiano Pedro de Araujo Ribeiro*, que elle possuia, e que teve a bondade de confiar-me. Esta traducção já estava licenciada para se imprimir, e a licença he datada de 7 de outubro de 1784. O estylo he fraco, e a interpretação em muitos lugares paraphraseada: he acompanhada de muitas notas, e a ortographia não parece de escriptor versado no latim, e na boa linguagem. Desejarei podê-la imprimir quando publicar a minha; para o que não achei alheio o animo do illustre possuidor do manuscrito. A minha traducção italiana foi principiada ha muitos annos, porém não está de todo concluída, O Sr. *Feliz Emilio Tannay* concluiu a sua em ver-

que francezes e pontes não tem querido por ora offercer ao publico. *Persio* he hum dos divros da minha paixão: acho nelle não só tudo o que os seus admiradores têm achado, mas, além disso, se he licita a expressão, huma pequena biblia da philosophia paga, porque não ha maxims de sa philosophia, que alguem queira expressar, para a qual não ache nelle hum texto conveniente: Será talvez isto em mim o que era no Abade *Galiani* a paixão por *Horacio*, no qual elle não só achava toda a philosophia, mas todos os principios da economia politica, de maneira que tentou escrever hum tratado desta sciencia, quasi sómente com palavras e phrases de *Horacio*, mas he rara a vez que me lembra de expressar alguma sentença, e que logo immediatamente *Persio* me não suggira os termos com alguns dos seus versos. O que não acho, e não ha neste autor, e o que o paganimo não conheceu, he o sentimento da caridade, que constitue a base da philosophia christã. Elle não conhecia e não admittia outra virtude que não fosse filha, ou descendente da razão; e havia como impossível que sem esta existisse virtude, e houvesse ausencia de vicio. Elle dizia:

Nili tibi concessit ratio frigidam exere peccas:
Et quid tam parvum est? sed nulla ture litabis
Hæreat in stultis brevis ut semuncia recti.

isto he: Se a razão não te assiste, hum dedo que movas tu peccas. E o que ha de mais insignificante? contudo não ha inconvenio com que possas fazer em teus sacrificios que aninhe em hum estulto hum ceutil de rectidão. Do que bem se vê que elle desconfiou a virtude que he filha do sentimento e filha muito mais terna e mais util para a humanidade, do que essa virtude filha da razão secca e fria como ella, e mui facil a degenerar em egoismo e misanthropia. E se eu fallo ou não verdade que a digão tantos momentos, que do verdadeiro amor dos homens, a caridade christã tem deixado por toda a parte, mesmo nos seculos de maior ignorância, e por mãos de homens estultos, se baixos sã quanto ao intellecto, mas muito sublimes quanto ao coração. A philosophia da razão

quasi nada tem crido de semelhante, ou se alguma coisa tem crido, está isso em proporção mui diminuta comparativamente ao que ella tem destruido. *Persio*, *Horacio*, e outros poetas, e as Musas da antiguidade, são excellente causa, mas sem o evangelho, sem a moral de JESUS CHRISTO, e as Musas de Sio, nada pôde haver de perfeito, e verdadeiramente humanitario. He nisto que consiste o grande merecimento da poesia christã *Cermental*, que se eleva ao céu, tanto pelo intellecto, como pelo coração; e que com ambos falla, quer a Deos, quer aos homens.

(3) *Racine* he dos tragicos francezes, aquelle cuja linguagem he mais pura e castigada, e por isso classica. He tambem o mais sentimental: e se a lingua em que escreveu fosse igual á latina, o seu coração teria dado á França outro *Virgilio*, do qual possuo toda a alma e a ternura: mas o seu instrumento era muito inferior, não só ao de *Virgilio*, mas aos que andão nas mãos dos poetas de varias nações modernas, cujos idiomas são menos anti-poeticos, e mais naturaes do que o da lingua franceza, que he todo facticio, convencional, e quasi sempre contrario á successão natural das idéas, como não deixão de o conhecer muitos sábios Francezes. Quando eu publicar a minha traducção de *Persio*, tratarei mais diffusamente deste assumpto, e mostrarei quanto a lingua italiana e a portugueza são mais poeticas e philosophicas; e a incapacidade da lingua franceza para certas bellezas de idéa e de sentimento que nas ditas duas linguas se expressão mui facilmente, com muita felicidade, sómente com *iperbata* ou transposição variada das palavras, que o francez quasi não conhece. Eu mostrarei como somente com a palavra *vixit* collocada em hum lugar apropriado expressou *Persio* hum sem numero de idéas, que *Momiar* e *Sells* não poderão apreciar, e não apresentarão na sua traducção, porque, como Francezes, não têmão idéa da linguagem de successão e correlação dispositivas dos termos do latim, e que hum Italiano e hum Portuguez facilmente entendem porque estão a ellas acostumados nas suas mesmas linguas.

(4) *Delille* é o melhor traductor francez de Virgilio,

(5) As traducções de Persio, em versos francezes por *Le Noble* e *Pradier* não são fiéis, e são antes humas paraphrases. *Monnier* e *Séris*, apesar des suas pretensões e da guerra que tiverão hum com o outro não fizeram em prosa cousa muito exacta e satisfactoria.

(6) Allude-se ao ditto de Horacio.

*Pallida Mors aequo pulsat pede pauperum tabernas
Regumque turres.*

C'o mesmo pé pallida bate a morte
As cazebras do pobre, e ás regias torres.

(7) A Condeça d'Escragnolle, *Adelaide de Beurepaire*, sogra do Sr. Felix Emilio Taunay, fallecida em 22 de setembro de 1840, e as suas finadas filhas *Amélia* e *Carolina*, fallecidas em idade nubil: a primeira, em 16 de outubro de 1841; e a segunda, em 6 de janeiro de 1838; ambas mui prendadas e virtuosas; e irmãs da Ilma. Sra. D. Gabriella, esposa do ditto meu amigo.

(8) As pessoas que conhecêrão familiarmente a finada Condeça d'Escragnolle não acharão exaggeração alguma no que digo desta respeitavel e virtuosa senhora.

(9) *Brazilia leura*; o cafezeiro, planta das armas nacionaes, cujas folhas alguma parecencia tem com o louro, e que servem neste paiz para ornamentos e corôas como o louro.

(10) Allude-se ao titulo de Imperador do Brasil que El-Rei *D. João VI* assumio e conservou na occasião do reconhecimento da Independencia do Brasil, e do qual muito se comprazia.

(11) S. M. I. o Sr. D. PEDRO II costuma ir todos os annos, no dia 24 de setembro, anniversario da morte de seu augusto pai, suspirar a alma do mesmo na igreja de Nossa Senhora da Gloria, sita sobre hum morro, e á qual e mesmo seu augusto pai costumava ir todos os sabbados fazer oração e ouvir missa.

(12) Allude-se ás palavras de huma escripta de S. M. I. o Senhor D. PEDRO II, feita nos primeiros annos do seu tyrocínio calligraphico, e da sua menoridade politica, na qual se lê em bastardo: *meu querido pai, meu querido pai*. Esta escripta acha-se em huma collecção de escriptas do mesmo augusto Senhor, que existe no archivo da Sociedade Amante da Instrucção, á qual foi doada pelo Sr. Luiz Aleixo Boulager, mestre d'escripta de S. M. I.

(13) A imperatriz Leopoldina Carolina d'Austria, Augusta mãe de S. M. I. o Sr. D. Pedro II, fallecida em 11 de dezembro de 1826; e cujos restos mortaes existem na igreja de Nossa senhora da Ajuda: princeza de muita instrucção e de altas virtudes, e que realmente foi muito amada e chorada pelo povo Fluminense.

(13.a) Meus queridos pais João Baptista De-Simoni e Maria Cherubina De-Gasparis, e meus presados manos André-Miguel Angelo De-Simoni e Clemente Patrio De-Simoni, todos fallecidos depois da minha ausencia da Italia. Os louvores de hum filho para com seus progenitores, ainda que tributo de gratidão devido, são sempre suspeitos; comtudo, eu não deixarei por isso fugir a occasião de honrar com elles a memoria dos que depois de Deos me derão o ser, e cujo amor e sacrificios me proporcionarão os meios para ser o que sou. Era meu pai natural de Genova, porém seu pai estabeleceu-se depois com toda a familia na cidade de Gavi, aonde teve officina pharmaceutica, e possuio terras. Querendo elle dever sua fortuna sómente a si mesmo, foi se estabelecer em Novi aonde casou e exerceu a profissão pharmaceutica de seu pai. Elle e sua esposa, além de todas as virtudes domesticas e christãs, possuião as do bom cidadão e do verdadeiro patriota: amavão ao seu pais e as suas velhas instituições, e não podião soffrer que a sua patria fosse por qualquer modo opprimida ou subvertida pela influencia e jugo estrangeiros. Como aconteceu ao sublime animo de Alfieri, hum bom senso natural os não deixara fascinar pelo falso esplendor de huma liberdade infrene e irreligiosa, proclamada por

armas estrangeiras, que rapinavão e devastavão o bello paiz que dizião ter vindo libertar. Por isso foi mal visto e perseguido durante a revolução franceza do fim do seculo passado, e no tempo do imperio napoleonico, como desaffecto aos Francezes. Durante a guerra elle vio saqueada a sua botica pelos Russos, que tudo estragarão, e o deixarão sem nada. Decabido da fortuna por essas e outras circumstancias, ainda mais se arruinou para me fazer dar educação, manter-me na universidade e livrar-me da conscripção, pondo em meu lugar substituto por alto preço superior ás suas posses. A morte de meu irmão André, primogenito da familia, acontecida pouco tempo depois da minha vinda ao Brasil, e a de minha mãe, que succedeu estando eu em Moçambique, acabárão de o acabrunhar, e elle arrastou por muito tempo huma existencia veletudinaria quasi até idade de 90 annos. Seção estas linhas monumento da gratidão de seu filho, o qual nunca pôde mostrar-se grato quanto teria desejado.

(14) Minha querida filha *Paulina Adelaide*, nascida aos 25 de janeiro de 1840, e fallecida aos 2 de abril de 1841.

(15) Meu querido filho *Luiz Ignacio*, nascido em 27 de julho de 1841, e fallecido 22 horas depois.

(16) O tenente coronel *Luiz Ignacio de Araujo Arambuja*, meu presado sogro, cuja memoria será sempre para mim sacra e chorada, falleceu em 5 de março de 1836.

(17) Minhas prezadas filhas viventes *Therese Cherubina*, *Maria Luiza* e *Placidia Clementina*, a primeira com 7, e meio, a segunda com 6, e a terceira com 3 annos de idade.

(18) Minha prezada tia D. *Anna Bonifacia de Araujo Arambuja*, irmã de meu irmão sogro, fallecida em setembro de 1840. Esta senhora tendo ficado tolimda das mãos por hum ataque de nervos, conservou por muito tempo o seu antigo espirito e habilidade que tinha para fazer toda a qualidade de flores, desenhos e algumas

peças de escultura em que trabalhava admiravelmente mesmo com as mãos tolhidas.

(19) D. *Ludovina*, mulher do desembargador *José Bonifácio de Araujo Azambuja*, irmão de meu sogro. Nasceu em Portugal em o 1.^o de março de 1793, falleceu nesta corte em 18 de janeiro de 1835.

(20) Desde a época da morte de meu sogro a minha família tem quasi sempre andado de luto por algum parente.

(21) *João Carlos Nascentes de Azambuja*, filho do coronel *Mário Theodoro de Araujo Azambuja* irmão de meu sogro. Nasceu em 29 de setembro de 1813, falleceu em 16 de fevereiro de 1837, tendo quasi quatro annos de estudante do curso juridico de S. Paulo; e sendo joven talentoso e de muitas esperanças.

(22) D. *Maria Carolina Nascentes de Azambuja*, irmã do antecedente, nascida em 24 de junho de 1810, e fallecida em 28 de setembro de 1839; senhora de bastante merecimento, e cuja morte consternou muito a familia por circumstancias que aggravão a perda.

(23) *Candido José Nascentes de Azambuja*, irmão dos antecedentes, nascido em novembro de 1827, e fallecido em 13 de março de 1839.

(24) O marechal *Daniel Pedro Muller*, natural de Lisboa, que residia ultimamente em S. Paulo, aonde casara com huma prima de minha mulher, e aonde falleceu em o 1.^o de agosto de 1841, affogado em hum rio, no qual foi achado sem se saber como acon-teceu semelhante desastre. Era homem de muito saber e valor, e alguns escriptos, que elle publicou, e as suas bellas qualidades lhe grangearão o conceito e estima dos Paulistas.

(25) *Adriano Tausay*, irmão dos Srs. *Felix, Emilio, Theodoro e Carlos Tausay*, affogado no Rio Guaporé, perto do Guayba, em

5 de janeiro de 1828, joven de grande talento, e habilidade na pintura, escultura e musica, e de mui grandes esperanças: era aggregado á expedição scientifica de M. *Langsdorf*, e havia acompanhado a expedição franceza á roda do mundo dirigida por M. *Fraycines*.

(26) O Sr. Theodoro Taunay compoz, na occasião da noticia da morte do acima mencionado seu irmão, huma ode franceza, da qual possuo huma copia manuscripta.

(27) Não ha membro da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, e pessoa alguma, que de perto tenha conhecido ao finado infeliz *Conde de Gestas*, que possa achar exagerado o que eu digo delle no meu Carmo. O caso de sua infeliz morte he veridico em todas as circumstancias, que refiro, e aconteceu em 28 de julho de 1837. Nasceu o *Conde de Gestas* em 1788, e emigrou da França sua patria, em pequena idade; no tempo da revolução do seculo passado; e á final veio estabelecer-se aqui no Rio de Janeiro com sua tia a condeza de Roquefeuil, onde foi bem acolhido por El-Rei D. João VI. Era um humano, sobrio, frugal e castissimo, de bellas maneiras e de costumes angelicos; instruido, perito e habil na musica e nas artes mechanicas, de hum genio activo e trabalhador, e muito apaixonado pela agricultura e pela industria; varias plantas e hortaliças foram por elle introduzidos neste paiz, e plantadas em hum sitio que elle comprara na Tejuca, ou na Ilha do Vianha, que possuia, e aonde morava quando lhe aconteceu o fatal desastre. Desta, vinha muitas vezes affrontando o mar tempestuoso, e todas as intemperies, para nunca faltar ás sessões da dita sociedade, da qual era hum dos membros mais activos e zelosos. Veja-se a respeito delle o elogio necrológico, lido á mesma sociedade pelo Sr. condego *Jamario da Cunha Barbosa*, impresso no jornal da dita sociedade.

(28) Nome indiano do celebre *Martim Affonso de Souza*, Indio natural da Capitania do Espirito Santo, fundador da Aldêa de S.

honrença, e foi qual vez com quatro mil trezentos índios em soccorro de *Mam de Sa*, para a expulsão de *Nicoldo Villegagnon*, e que depois de se ter assignado por muitos prodígios de valor, morreu affogado perto da ilha do *Pandaõ*.

(29) Os membros da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional

(30) O infeliz *Francisco de Assiz Peregrino*, filho do Sr. *Joaquim Baptista Peregrino*, ambos natúraes da provincia de Minas. O joven *Peregrino*, talentoso, activo e muito instruido, de chitica, achava-se encarregado da composição do fogo artificial que devia arder no dia 23 de julho de 1841 para celebrar a esgração e coroação de S. M. I. o Senhor D. PEDRO II. e n'esse havia elle empenhado todos os esforços e recursos do seu genio, e todos os seus conhecimentos chimicos. Assevera-se que o espedaculo pyrothecnico, que elle havia preparado, era de huius invenção inteiramente nova, e muy extraordinario. O fogo era preparado e guardado no denominado *Palacete do Campo da Aclamação*, onde havia sido acclamado o Imperador D. PEDRO II. e que mesmo fôra flambrado para esse fim, com a previsão da possibilidade de hum incendio e explosão, attento o seu isolamento. O fogo pegou infelizmente, não se sabe como, no dia 22, ás 10 horas e meia da manhã, em huius das peças pyrothecnicas preparadas; e deu tempo a que alguns dos trabalhadores podessem fugir incolumes. O joven *Peregrino* tratou primeiro de pôr em salvo seu pai, que alli se achava, e este cuidado, retardando sua retirada, foi causa da sua morte: pois, apenas elle havia saltado por huius das janellas, huius violenta explosão causada pela polvora e outras substancias detonantes, que existião no edificio em quantidade consideravel, arrojou sobre elle huius das paredes do mesmo, debaixo de cujas ruinas ficou sepultado e morto. Morrêão tambem nessa occasião, queimados pelo fogo, ou sepultados pelas ruinas, alguns outros trabalhadores e outros ficaram muy maltratados, e succumbirão depois. Este suc-

cesso consternou toda a cidade, na qual foi mui lastimada a morte do infeliz e talentoso joven. Os directores da illuminação do Largo do Rocio, ou Praça da Constituição, condoídos da desgraça do infeliz pai delle, offerecerão-lhe o *Templo Chinez*, erigido nessa praça para a dita illuminação: o afflicto velho declarou que o aceitava, não para si, mas para os filhos e viúvas dos outros infelizes que haviam ficado victimas da explosão, dizendo que a elle ainda ficavão meios para ganhar com que pudesse arrastar os tristes dias de vida que lhe restavão, mas que aos infelizes e desvalidos orphãos e viúvas faltavão esses recursos. Quer o acto do filho para com o pai, quer o deste para com estes infelizes são bellos rasgos de generosidade: a poesia faltaria á sua nobre e divina missão se os não eternizasse com a linguagem das Muzas. Esta nota pederá talvez parecer tolosa aos leitores desta côrte, aonde a memoria do deploravel successo ainda hahe fresco, mas eu não escrevo só para o Rio de Janeiro, nem só para a vida presente.

(31) O Dr. *Francoise Bernardino Ribeiro*, filho do Sr. *Francoise das Chagas Ribeiro*, nascido nesta côrte em 16 de julho de 1815, e fallecido em 15 de junho de 1837. O talento e instrucção desse joven brasileiro erão verdadeiramente extraordinarios: brats dizer que; na idade de 21 annos, era lente de direito criminal no curso juridico de S. Paulo. Elle publicou hum ensaio sobre a origem dos theatros, e sobre as guerras americanas, artigos e poesias sobre differeitas e as sumptos politicos litterarios, que se achão impressos na *Revista Nacional e Estrangeira*, que foi aqui publicada, e em varios periodicos de S. Paulo.

(32) Deusa da justiça, filha do Céo e da Terra.

(33) Auctores celebres, que escreverão sobre economia pontica.

(34) Todas as circumstancias deste caso, que refiro, são reaes, e concorrem no Sr. *Julio Cesar Mussi*, filho do meu finado collega e amigo *Hercules Octaviano Mussi*, excepto a do prante da mãe do

menino *Innocencio*, a qual já era fallecida, mas que para completar o meu quadro poetico, e torna-lo mais tocante, eu represento nelle como ainda viva.

(35) Dia do fallecimento de minha filha *Paulina*.

(36) O acima mencionado *Hercules Octaviano Muzzi*, cirurgião da Casa Imperial, Membro Honorario da Academia Imperial de Medicina, e da Sociedade Real Jenneriana de Londres, inspector do Instituto Vaccinico desta corte, homem cuja actividade e zelo em promover a propagação da vaccina neste paiz, no decurso de mais de 30 annos, o tinham tornado mui bememerito da sua patria e da humanidade. Nasceu em 10 de março de 1782, falleceu em 27 de setembro de 1840. Está sepultado em Santo Antonio.

(37) Humma menina de 10 mezes, de nome *Maria Luiza*, filha dos Srs. *Bernardo de Souza Dias* e D. *Theresa Mafalda Lopes Dias*. Esta Senhora foi mulher de meu finado sogro, do qual, em 14 annos de consorcio, nunca teve filhos, e educou, sempre tratou e trata com amor de verdadeira mãe a minha mulher sua enteada, e eu devo-lhe ser grato com o amor de filho. No 2º seu consorcio, tendo tido a dita menina, a morte cruelmente lh'a roubou em 13 de junho de 1839.

(38) Duas meninas do meu amigo e collega o Sr. *João Alves de Moura*, cujas catacumbas achão-se na mesma fileira de alto abaixo, no claustro sepulchral de S. Francisco de Paula, donde tambem existem a urna do finado seu pai meu amigo e collega *Jeronymo Alves de Moura*, antigo lente de clinica da velha Escola de Medicina, e cirurgião-mór da Santa Casa da Misericordia; e a catacumba de D. *Pulcheria Cirne*, mulher do dito meu amigo e collega vivo.

(39) Os Srs. Drs. *José Pereira Rego* e *Joaquim Marças de Almeida Rego*.

(40) Este factu he verdadeiro, e o amigo e collega de que fal-

leste Sr. D.º Joaquim Casado Soares de Metrelles. Cumpre-me aqui assignalar a sensibilidade e amor conjugal de outros deus meus collegas e amigos, aos quaes com verdadeira e perenne dôr tenho visto chorar a perda das suas caras esposas. O meu coração folga todas as vezes que tem occasião de observar, honrar e louvar a virtude, principalmente nos seus amigos, e desmentir assim aos detractores do nosso século, e da nossa profissão. Os collegas e amigos de que fallo são os Srs. Honorio José da Cunha Grugel do Amaral e Dr. José Bento da Rosa. Ao primeiro vi muitas vezes no dia de finados derramar lagrimas mui copiosas sobre a urna de sua finada cara consorte, e o segundo pouco faltou não succumbisse, e não perdesse a razão com a intensidade e prolongação do desgosto que lhe causou igual perda. No homem de bem a sciencia e o habito nunca destroem a humanidade, antes a apurão em tudo o que ella tem de mais sublime e divino.

(41) Esta sepultura, de que fallo, distinguia-se no dia de finados de 1841, em S. Francisco de Paula, de todos os outros tumulos, pelo modo com que ella estava armada e enfeitada sem pompa de luxo mas com todos os caracteres de hum grande culto, filio de hum grande affecto e grande dôr. Soube depois que ella encerrava os ossos da mulher e quatro filhinhos de hum meu amigo e collega, cujas desgraçadas perdas eu ignorava, e que elle me contou com huma dôr e hum pranto que me enternecerão: e como ainda nessa época este meu Carmo não estivesse concluido, tive tempo e occasião para consagrar a esse seu virtuoso sentimento estes poucos versos, tributo merecido, do qual sómente elle terá noticia quando o ler. Respeitando até certo ponto o anonymo, que elle quiz guardar no seu culto tumular, eu só darei aqui as letras iniciaes do seu nome, que são F. C. de V. Hum amigo seu, que fôra visitar o tumulo de outro seu amigo, vendo-o triste e lagrimoso, perguntou-lhe a razão disso, pois elle tambem ignorava as suas perdas; elle, entre soluços, e informou-lhe ao que o amigo, rompendo em hum largo pranto, abraçou-o dizendo: eu tambem vim ver a urna de hum

meu caro amigo; e chorando e, e da grama de saudades que embarga-
vãõ a voz, e ambos juntos choravãõ.

(42) Huma menina de mui pequena idade foi vista n'esse anno
chorar ao pé da urna de sua mãi fallecida alguns annos antes.
Aproveitando este facto e as suas circumstancias, fiz delles appli-
cação á terceira filha do meu amigo e collega o Sr. *Antonio Mar-
tins Pinheiro*, a qual tem a mesma idade dessa que foi vista, e
tem o mesmo nome de sua mãi, com a qual he muito parecida.

(43) A finada D. *Albina Martins Pinheiro*, mulher do mencio-
nado meu amigo e collega o Sr. *Antonio Martins Pinheiro*. Tudo
quanto digo desta excellente e virtuosa senhora, quer a meu respei-
to, quer de seu marido e mais pessoas, he verdadeiro em todo o
rigor da palavra.

(44) Este facto he verdadeiro e foi presenciado não só por
mim, como por muitas outras pessoas; assim como he tambem ver-
dadeiro tudo quanto eu digo a respeito do dito meu amigo.

(45) O fidalgo cirurgião *João Alvaes Carneiro*, insigne pela sua
caridade para com os pobres, dos quaes foi por muitos annos espon-
taneamente medico gratuito e esmoleiro, e que era geralmente es-
timado por essas e muitas outras bellas qualidades, e cuja morte
acontecida em 15 de novembro de 1857 foi geralmente chorada por
esta cidade, e principalmente pelas classes pobres. Esta sepultado
em S. Bento. Era tal o conceito de probidade que elle gozava, que,
no meio das intrigas e cabalarias eleitoraes dos partidos, elle sempre
sahia a factor da sua freguezia quasi com a unanimidade de votos.
Elle havia criado e educado a D. *Albina* como se ella fosse sua filha;
esta, sob o nome de padrinho, o amava como se elle fosse seu
verdadeiro pai.

(46) O cirurgião *Hercules Octavianus Martins* do qual já se fallou
na nota 36.

(47) O *Orgão*irurgião *Joaquim José Marques*, lente de anatomia da antiga *Academia* mediod-chirurgica, e da faculdade de medicina desta corte. Exerceu o magisterio por mais de 20 annos, e publicou aqui hum curso de anatomia. Falleceu em 28 de julho de 1841. Está sepultado no claustro do convento de Santo Antonio.

(48) O governador *Conde Freire de Andrade*, depois *conde de Bobadilla*. Governou 29 annos a provincia do Rio de Janeiro antes que seus governadores tivessem o titulo de *Capitães Generaes* e de *Vice-reis*. Edificou o *Aqueducto* da Carioca e o convento de *Santa Theresia*, a casa do *Arsenal* de guerra, e fez muitas outras obras e *memoramentos*. O retrato d'elle foi, por ordem do governo de *Portugal*, collocado na casa da *Camara Municipal* desta corte, aonde ainda existe, em memoria dos muitos beneficios, que fez a esta cidade durante o seu governo. Falleceu em janeiro de 1766 e está sepultado em *Santa Theresia*, cujas religiosas o considerão e honrão como seu grande *bemfeitor*, e conservão o retrato d'elle em hum das salas do convento.

(49) *Estacio de Sá* commandante de huma expedição mandada de *Portugal* em 1566 para desalojar os *Francezes* estabelecidos no *Rio de Janeiro*: morreu de huma fracha dos *Tamoyns*, aliados dos *Francezes*, no combate que expellio a estes do lugar que occupavão. O seu corpo existe hoje na igreja, que foi dos *Jesuítas*, sita no morro do *Castello*, aberta novamente ha pouco tempo, depois de haver estado muitos annos fechada. S. M. I. o Sr. *D. Pedro II.* alguns dias depois de sua maioridade foi ver o tumulo deste illustre guerreiro.

(50) *D. Rodrigo de Souza Coutinho*, *Conde de Linhares*, *Ministro de Estado* de *D. João VI.*, fundou a fabrica de ferro de *S. João de Ypanema*: falleceu em 26 de janeiro de 1817.

(51) *D. Fernando de Almeida Portugal*, *Marquez da Aguiar*. Foi governador da *Bahia* e *Vice-rei* no *Rio de Janeiro*, e depois

Ministro de Estado de D. João VI. Foi muito amigo do saber e das letras, e muito conserveu para o estabelecimento das altas tribunaes nesta côrte.

(52) D. *Antonio de Araujo Azevedo*, Conde da Barca, Ministro de Estado de D. João VI: foi muito amigo das letras, das sciencias e das bellas artes, e do progresso dellas no Brasil. Estabeleceu hum laboratorio de chimica em sua casa, e hum escola desta sciencia, e deu principio á Academia das bellas artes com o decreto de sua creação, em data de 12 de agosto de 1815. Para effectuar esta creação mandou vir da Europa hum colonia de architectos e pittores, a qual estabeleceu depois a dita Academia em 5 de novembro de 1826, dia em que, por obra do Exm. Sr. Visconde de S. Leopoldo, foi realmente installada e forão abertas as aulas. *Thomas Antonio de Villanepa Portugal*, Ministro de D. João VI, havia, por decreto de 23 de novembro de 1820, feito hum reforma da lei da criação desse estabelecimento, a qual, bem como a mesma lei, nunca teve effecto. Ultimamente effectuou-se hum reforma sob ministerio do Dr. José Lino Coutinho, por decreto de 30 de dezembro de 1831. Foi o Conde da Barca quem mandou vir da China hum pequena colonia de Chins para estabelecer a cultura do chá na Lagoa de Rodrigo de Freitas.

(53) Deve-se ao tenente general *Arouche de Toledo Rendon*, o estabelecimento da cultura do chá em S. Paulo, onde ella vai progredindo. Foi elle quem levou a planta para aquella provincia.

(54) O desembargador *João Alberto Castello Branco* introduzio a planta do café no Rio de Janeiro em 1770. Morreu aqui em chancelller da relação. A planta que elle introduzio veio do Pará ou do Maranhão onde a levava de Cayanna hum desertor. A semente do chá foi trazida da ilha de Bourbon pelo chefe de esquadra *Luis de Abreu*, que lá esteve prisioneiro. Quanto ao introductor da canna de açúcar não ha certeza. Ha quem pretenda que a canna existia já no Brasil quando forão descobertos alguns de seus portos.

(54) O P. Mestre Frei *José Marianno da Conceição Velloso*, franciscano, que antes de entrar no estado sacerdotal chamava-se *José Velloso Xavier*, nascido na villa de S. José do Rio das Mortes em 1749, falleceu aos 38 de julho de 1811 nesta corte, e sepultado no Convento de Santo Antonio. Insigne naturalista, autor da celebre *Flora fluminense*, do *fazendeiro do Brasil* e de muitas memorias sobre varios objectos de historia natural, &c.

(56) Monsenhor *José de Souza Azevedo Ribeiro e Araújo*, Fluminense. Nascu em 12 de outubro de 1753, falleceu nesta corte em 14 de maio de 1830. He autor de varios volumes com o titulo de *memorias historicas do Rio de Janeiro*.

(57) O conselheiro *Balthazar da Silva Lisboa*, irmão do visconde de Cayrú, Bahiano; nasceu a 6 de janeiro de 1761, falleceu aos 14 de agosto de 1840; Magistrado; autor dos *Annaes do Rio de Janeiro*, publicados em 7 volumes.

(58) O visconde de Cayrú, *José da Silva Lisboa*; Bahiano. Nascu aos 16 de julho de 1756, falleceu aos 20 de agosto de 1835, está sepultado em Santo Antonio; foi magistrado, lente da universidade de Coimbra, presidente da Junta do Commercio, e finalmente senador do Imperio. Era homem mui probo, severo, de huma erudição vastissima. Publicou em Lisboa em 1804 hum tratado intitulado *Principios de Economia Política*, e outro em 1808 com o titulo de *Observações sobre o commercio franco*, e nesta corte varios folhetos para as escolas primarias; e escreveu varios jornaes politicos.

(59) O Padre *Antonio Benedito de Sousa Caldas*, Fluminense; nascido em 24 de novembro de 1762, falleceu nesta corte em 2 de março de 1814, e jaz na casa do capitulo do convento de Santo Antonio. Destacou-se em escriptura; insigne pregador, litterato e poeta. Autor de 6 volumes de varias poesias sacras e profanas; Hymnas car-tas d'elle, a imitação das de Montaigne, sermões e varias outras

obras não foram publicadas. A sua ode a Deos da Múmia das fêmeas bellas e sublimes producção do seu talento.

(60) *Frei Francisco de S. Carlos*, inigne pregador, e poeta. Nasceu nesta côrte em agosto de 1763, e falleceu em 6 de maio de 1819, no convento de Santo Antonio, onde está sepultado. Ha delle publicado o seu poema Epico da Assumpção da Virgem Nossa Senhora, em 8 cantos em versos heroicos, rimando por distychos, no que elle quiz imitar os versos heroicos francezes; má escolha de modelo para a lingua portugueza, e para hum grande poema, por causa da enfadonha monotonia rhythmica, que esta disposição de consoantes traz consigo, e por outros inconvenientes. Todavia, o seu poema encerra muitas bellezas comparaveis com as de Milton, Dante e outros poetas classicos.

(61) *Thomaz de Kempis*, autor do celebre tratado de *Imitacione Christi*.

(62) *Milton*, poeta epico inglez, autor do *Paraiso Perdido*, ou queda e punição dos anjos rebeldes.

(63) *O Gonzaga*, autor das lyras intituladas *Marilia de Dircea*. Parece bem fundada a opinião dos que contestão que este poeta seja natural do Brasil, e o querem filho da Europa. Todavia, deve ser lembrado entre os poetas Brasileiros, porque aqui viveu muitos annos, e foi aqui que lhe aconteceu a desgraça, que o fez desterrar para Moçambique, aonde morreu mui pobre, depois de haver sido muito rico. Quando eu estive em Moçambique só vivia huma filha delle, moça humil, que depois casou, e não se sabe onde vive. Contão todos em Moçambique que nunca lhe virão por o chapéo na cabeça, e que attribuião a huma especie de propositio, que elle havia feito depois da sua desgraça. Na sua exilio escreveu muitas poesias, que se perderão ou foram esquecidas. O que digo relativamente á sua sombra deve-se entender que se trata de poesia; isto he que, quan-

de as tempestades, e a cólera não parecia á minha imaginação que fosse o som de lyra de Gonzaga quando as acalrava.

(64) *José Basílio da Gama*, poeta celebre, natural da Comarca do Rio das Mortes, nascido em 1740, e fallecido em Lisboa com mais de 60 annos de idade; autor de muitas poesias, e entre ellas, do celebre poema *Uruguaay*. Hum frade, que o assistio na occasião da morte queimou muitas das suas tragedias, e outras poesias que elle pôde spannar. Era Arcade de Roma com o nome pastoril de *Termino Spino*.

(65) *Fr. Francisco José de Santa Rita Durão*, natural de Catapreta em Minas. Publicou em 1781 em Lisboa o seu poema *Caramuru* em 10 cantos e em oitavas; nelle conta as aventuras do celebre *Diogo Alves Correia* entre os Indios, e em varios episodios, dá conta da Historia do Brasil e dos ritos e tradições dos seus naturaes.

(66) *Mocimboque*, pequena ilha e cidade, capital da Africa Oriental Portuguesa, onde exerci abus annos o lugar de physico mór desde os fins de 1819 até meado de 1821. Os filhus do paiz dão alli o nome de *tempestades* ás fortes tempestades que ás vezes são ainda mais violentas por fortes tremores de terra, que as acastipam.

(67) Nome pastoril do celebre conselheiro *José Bonifacio de Andrada e Silva*, insubrio, escriptor em mineralogia e outras sciencias naturaes; tutor de humas poesias que correm com o dito nome pastoril, e de outras, primeiro tutor de S. M. I. o Sr. D. Pedro II, patriarcha da Independencia, &c. Nasceu em Santos aos 13 de junho de 1763, falleceu nesta corte aos 6 de abril de 1838. Veja-se o seu elogio pelo Sr. Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, no 4º volume da Revista Medica Fluminense.

(68) *Allusão ao discurso*, que sendo secretario geral da Academia Imperial de Medicina e de qua elle era membro honorario, eu profere na occasião da sua inhumação.

(69) **José Bonifácio de Andrada e Silva** foi levado em braços pelo povo entre as vitas e aplausos tres vezes. Em 30 de outubro de 1822, na véspera da dissolução da Constituinte, e depois da sua morte: nesta ultima occasião, todos disputavão a honra de carregar o seu esquife.

(70) **Evaristo Ferreira da Veiga**, Fluminense, nasceu em 8 de outubro de 1799, fallecido nesta côrte em 12 de maio de 1837. Auctor do Hymno Brasileiro da Independencia, e de muitas poesias ainda ineditas, redactor do celebre jornal *Aurora Fluminense*, chefe do antigo partido *Moderado*, a cuja habilidade e talento deve-se em grande parte a conservação do systema monarchico constitucional do Brasil. Serviço, cuja eminencia e alta importancia, conjunctamente com outras virtudes, deve fazer esquecer a todos quaesquer aggravos e erros devidos em grande parte aos tempos e a outras circumstancias. Veja-se o elogio d'elle por mim recitado na Sociedade Amante da Instrucção, e impresso nas *Houzas e Saudades*, que essa sociedade tributou á memoria desse seu benefeitor em 12 de agosto de 1837.

(71) **Ou Marquez de Caravelas, José Joaquim Carneiro de Campos**, Bahiano, nasceu em 4 de março de 1768; falleceu nesta côrte em 8 de setembro de 1836. Foi Senador do Imperio, Ministro d'Estado, Membro e Presidente da Regencia interina nomeada em 7 de abril de 1831. Ao entrar no Ministerio dos Negocios do Imperio em 1830, achou dormindo, havia seis mezes, na pasta o projecto, e Estatutos da Sociedade de Medicina que havia sido submettido á approvação do Governo pelos membros fundadores dessa instituição immediatamente depois do acto da fundação, effectuada em 30 de junho de 1829. Seu illustrado zelo, e conselhos dissiparão toda a tibieza e receios que havia a respeito da approvação daquella Sociedade; e por decreto do Imperador D. Pedro I, em data de 18 de janeiro de 1831 a instituição foi approvada e installada publicamente em 24 de abril seguinte, e depois reformada, e convertida em *Academia Imperial de Medicina*,

por decreto da Regencia em 8 de maio de 1835, referendado pelo Exm. Sr. Joaquim Vieira da Silva e Souza, ao qual he principalmente devida essa reforma. A sociedade, em signal de reconhecimento, nomeou ao Marquez de Caravellas seu Membro Honorario, e o mesmo, com approvação do Governo, fez a Academia para com o ministro, ao qual devia a sua nova organização.

(72) Célebre ministro francez que muito protegeu as sciencias, e que muito concorreu para o estabelecimento do corpo academico de medicina em França, no reinado do Luiz XIV.

(73) As urnas de sua sogra e cunhadas, a condeza d'Escragnoille, e filhas da mesma, das quaes já se fallou.

NOTAS AO IDYLIO.

(1) Eis o original.

Aestivum solis splendorem Aurora reduxit.

Traduzi este verso em varios modos e aqui dou os variantes para o leitor escolher.

Do sol a estiva luz a Aurora trouxe.
Reluzir fez a Aurora o sol estivo.
Reconduzio a Aurora o sol estivo.
Do sol a estiva luz retrouxo a Aurora.
Do sol a estiva luz restaura a Aurora.

O verbo retrazer he antiquado, e o acho no dictionario usado sómente em sentido de retrahir e encolher. Comtudo, julgo poder-se empregar no sentido de trazer outra vez, porque he esse o seu sentido legitimo e primitivo. O verso, que preferi, parece-me offerer mais clareza e harmonia se não reune toda a precisão.

(2) O toque da alvorada no palacio imperial de S. Christovão.

(3) Allude ás representações imaginarias das nuvens no céu muito mais frequentes no clima humido e pluvioso do norte, e ás

crenças dos antigos calédonios, que pensavão que as almas dos finados andavão errando entre as nuvens, e sempre as vião nellas, como consta das poesias de Ossian, antigo bardo Celta ou Caledonid, publicadas pelo Sr. Macpherson, e traduzidas em varias linguas, e mui elegantemente em verso italiano pelo celebre abbade Cesarotti. Não parece destituida de fundamento a opinião que considera essas poesias como inventadas pelo mesmo Macpherson. Seja como fôr, ellas são mui bellas e sublimes, e o abbade Cesarotti soube lhes dar, na sua traducção, todas as qualidades de hum bello original.

(4) Cidade e floresta do Epiro, ou Baixa Albania na Tesprocia. Os poetas latinos fallão com frequencia dos carvalhos de Dodona.

(5) *Humber* he hum rio, ou para melhor dizer, hum confluente de muitos rios na Inglaterra.

(6) *Tamisa* he hum rio de Inglaterra que passa pela cidade de Londres.

(7) Abadia onde estão os tumulos dos reis em Inglaterra.

(8) *Napoleão*, do qual como já se disse em outra nota, o general Hoguendorp havia sido ajudante.

(9) Huma filha do Sr. Guilherme Young, da qual já se fallou em outra nota.

(10) *Lord Cochrane*, que tinha tomado naquella occasião o commando da marinha brasileira.

(11) *Ossian*. Veja-se a nota 3.

(12) *Lord Byron* celebre poeta inglez moderno; hoje finado.

(13) No Brasil se não tem encontrado rouxinoes. Quando o autor diz que inda este Hemispherio não ouviu ave tão maviosa nem musa tão canora, deve-se entender relativamente a Ossian e a Lord Byron, de que já fallou, e não relativamente a elle autor, pois não he possível ser de outra forma, á vista da conhecida modestia do Sr. Taunay.



MAJ 20/176

INDICE.

1874

INDICE.

AOS LEITORES.....	Pag. 4
-------------------	--------

TRADUCÇÕES DO ITALIANO.

1.º Os SEPULCHROS. — Carme epistolar de <i>Hugo Foscolo</i> ...	2
2.º IDEM. — Carme epistolar de <i>Hyppolito Pindemonte</i> ...	47
3.º IDEM. — Carme epistolar de <i>João Torti</i>	35

COMPOSIÇÕES ORIGINAES.

4.º A RELIGIAÕ DOS TUMULOS. — Carme epistolar do Dr. <i>L. V. De Simoni</i>	53
5.º O CEMITERIO DA SANTA CASA. — Carme epistolar do mesmo.....	79
6.º Os CLAUSTROS SEPULCHRAES DO RIO DE JANEIRO.—Carme epistolar do mesmo.....	97

TRADUCÇÃO DO LATIM..

7.º O CEMITERIO DOS INGLEZES.— Idyliq de <i>Theodoro Taunay</i>	145
---	-----

NOTAS.

ÍNDICE

À PREFEÇÃO.....	151
AO CARME 1.º.....	154
AO CARME 2.º.....	164
AO CARME 3.º.....	168
AO CARME 4.º.....	174
AO CARME 5.º.....	180
AO CARME 6.º.....	185
AO IDYLIO.....	204

TRADUÇÕES DO ULTIMO

1.º Os arreuerros - Gatinhe epistola de Wago Escobedo.....	2
2.º Idem - Gatinhe epistola de Wago Escobedo.....	17
3.º Idem - Gatinhe epistola de Wago Escobedo.....	34

COMPOSIÇÕES ORIGINAES

1.º A BRIGADA DOS FERREOS - Gatinhe epistola de D. N. De Simoni.....	27
2.º O CEMITERIO DA SANTA CRUZ - Gatinhe epistola de mesmo.....	29
3.º Os CLASSEOS SERRAHEIROS DO RIO DE JANEIRO - Gatinhe epistola de mesmo.....	30

TRADUÇÃO DO LATIM

1.º O CEMITERIO DOS ENIGMAS - Idylho de Theodoro Vainoni.....	44
---	----

ERRATA.

<i>Pag.</i>	<i>Versos.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Lêa-se.</i>
21	15	Arethasa	Arethusa
60	26	cuja	cujo
65	24	abras	abra
74	29	vossaa	vossa
81	26	os louros	as louças
83	5	pyramida	pyramide
87	17	proprios	proprios
91	10	ao mano	irmão
104	9	Pois	Que
118	»	volve	volvem
133	8	Mas	Ah
140	4	aunos	annos
152	28	3 annos	34 annos
»	36	1755	1754
»	37	1826	1828
167	12	maio	mais
186	21	traduccaa	traducção
187	14	paganimo	paganismo
198	30	Albina	Albina
202	16	imitaitone	imitatione

Roga-se aos leitores queirão relatar e corrigir outros erros que nos tenham escapado.

OBRA DO MESMO AUTOR:

Acha-se no prélo, e sahirá brevemente á luz, *

FRANCISCA DE RUMINI,

TRAGEDIA DE SILVIO PELLICO,

Traduzida em verso.



